

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO  
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

AMANDA SANTOS MATOS

ANAVANTÚ, ANARRIÊ: PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS SOB A PERSPECTIVA DO  
*ORGANIZING* EM FESTAS JUNINAS SERGIPANAS

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2025

**AMANDA SANTOS MATOS**

**ANAVANTÚ, ANARRIÊ: PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS SOB A PERSPECTIVA DO  
*ORGANIZING* EM FESTAS JUNINAS SERGIPANAS**

Dissertação apresentada como requisito final para obtenção do título de Mestre em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Sergipe.

Linha: Pequenas empresas e empreendedorismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ludmilla Meyer Montenegro

São Cristóvão –SE

2025

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M433a Matos, Amanda Santos  
Anavantú, anarriê : práticas organizacionais sob a perspectiva do *organizing* em festas juninas sergipanas / Amanda Santos Matos ; orientadora Ludmilla Meyer Montenegro. – São Cristóvão, SE, 2025.  
143 f. : il.

Dissertação (mestrado em Administração) – Universidade Federal de Sergipe, 2025.

1. Administração. 2. Organização. 3. Desenvolvimento organizacional. 4. Empreendedorismo. 6. Festas juninas – Sergipe. I. Montenegro, Ludmilla Meyer, orient. II. Título.

CDU 658:005:394.2(813.7)




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**  
**MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO**

**Ata de Defesa de Dissertação**


Aos 21 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e cinco às dez horas, em sessão pública, realizou-se de forma remota a defesa final de dissertação de mestrado intitulada: **ANAVANTÚ, ANARRIÊ: PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS SOB A PERSPECTIVA DO ORGANIZING EM FESTAS JUNINAS SERGIPANAS**, apresentada pela mestranda AMANDA SANTOS MATOS, aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Administração, a Banca Examinadora constituída pelos membros: Profa. Dra. Ludmilla Meyer Montenegro (Presidente – Orientadora); Profa. Dra. Gracyanne Freire de Araujo (Examinadora Interna); Prof. Dr. Marcelo de Souza Bispo (Examinador Externo ao Programa). Iniciados os trabalhos, a presidente deu a conhecer a todos as normas a serem observadas na apresentação da dissertação. Após a candidata ter apresentado sua dissertação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas considerações. Terminada a Defesa da dissertação, em sessão privada, a Banca Examinadora passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido a candidata considerada **APROVADA**. A presidenta da Banca atesta a participação dos membros da Banca de forma remota conforme declarações assinadas. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se esta ata, assinada pelos membros da banca avaliadora e pela candidata.

São Cristóvão, 21 de fevereiro de 2025.

Documento assinado digitalmente  
 **LUDMILLA MEYER MONTENEGRO**  
Data: 21/02/2025 13:54:30-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Profa. Dra. Ludmilla Meyer Montenegro  
(Presidente – Orientadora)  
Participação à distância por videoconferência

Documento assinado digitalmente  
 **GRACYANNE FREIRE DE ARAUJO**  
Data: 21/02/2025 12:18:03-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Profa. Dra. Gracyanne Freire de Araujo  
(Examinadora Interna)  
Participação à distância por videoconferência

Documento assinado digitalmente  
 **MARCELO DE SOUZA BISPO**  
Data: 21/02/2025 12:50:20-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Marcelo de Souza Bispo  
(Examinador Externo ao Programa)  
Participação à distância por videoconferência

Documento assinado digitalmente  
 **AMANDA SANTOS MATOS**  
Data: 21/02/2025 12:38:56-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Amanda Santos Matos  
(Discente)  
Participação à distância por videoconferência

Dedico esta dissertação a mim mesma e a todas de mim que moram na minha cabeça, à minha família, às minhas amigas e amigos que sempre estiveram ao meu lado.

“Eu quero ficar perto de tudo que acho certo até o dia em que eu mudar de opinião. A minha experiência, meu pacto com a ciência, o meu conhecimento é minha distração”.

Dudu Falcão

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me amparar e proporcionar a saúde e perseverança necessárias para não desistir durante a realização deste trabalho.

À minha família, não tenho palavras suficientes para expressar minha gratidão. Aos meus pais, Luziete e Raimundo, pela minha formação como pessoa, vocês, que sempre acreditaram em mim e me incentivaram a seguir meus sonhos. Aos meus irmãos, Samuel e Timóteo, que mais do que ninguém, confiaram no meu potencial e me ampararam em todos os momentos difíceis, obrigado por estarem ao meu lado nos momentos de dúvida e por celebrarem comigo cada conquista. Aos meus primos, tios e demais familiares pelo amor, incentivo, e apoio, em especial a Adrieli, minha mestra, escritora e redatora que me acompanhou em cada erro e acerto desse trabalho.

A todos os meus amigos e amigas, que sempre estiveram me apoiando, torcendo e compreendendo este momento de desafio enfrentado. A Felipe e família, que foram atenção e suporte nessa jornada sempre que precisei. Aos meus amigos da vida inteira: Iana, Eduarda, Lara, Luana, Marta, Mávyá, Natali e Saulo, que sempre foram meu porto seguro nos muitos momentos de estresse e choro, vocês me ensinam muito sobre a leveza de sermos nós mesmos. A minha unidade mística: Bianca, Fábio, Ítala, Larissa Goes, Paloma, Verônica pelos momentos de reflexão, diversão e auxílio, em especial a Larissa Tavares, pelos desesperos, risadas, choros e por todo apoio na escrita, enfim mestras juntas. Àqueles que me acompanharam de longe, sendo suporte acadêmico e emocional, escrevendo e falando besteira sempre que precisei, Mari e Thiago, o amor e o apoio de vocês foram a base que me sustentou durante todo esse processo.

Aos colegas do mestrado: Breno, Kevin, Rebeca, Romário, Whendel e Anderson pela parceria, motivação e alegria, nossas discussões acaloradas, os momentos de descontração e o compartilhamento de experiências tornaram essa jornada mais leve e prazerosa. Um agradecimento especial, às minhas mulheres-maravilha, Mari e Tércia, se esse trabalho existe é por vocês não me deixarem desistir de ser acadêmica e de pesquisar, obrigada pela amizade, contem comigo sempre.

Por último, mas não menos importante. À minha orientadora Ludmilla Meyer, pela paciência, compreensão, orientação, direcionamento, pelas críticas construtivas e pela dedicação em me guiar na busca pelo conhecimento, obrigada! À minha banca, professora Gracyanne por não me deixar desistir do mestrado e enxergar meu potencial, além de auxiliar na definição de uma pesquisa que tivesse relevância e minha identidade. Ao professor Marcelo

Bispo pelas contribuições durante o desenvolvimento do projeto e comentários relevantes que permearam todo o texto.

Um agradecimento especial à secretaria, à coordenação do PROPADM e aos professores da UFS que durante as aulas transmitiram não somente conhecimento, mas o incentivo e orientações para que seguíssemos firmes neste desafio.

Quero também agradecer aos meus entrevistados, que se dispuseram a relatar suas histórias de vida, contribuindo e enriquecendo a pesquisa por meio das suas experiências, referências e vivências com cuidado e disponibilidade para que meu trabalho fosse feito com muita verdade, obrigada pelo zelo comigo e com minhas descobertas científicas.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, ajudaram a moldar minha trajetória acadêmica e pessoal. Cada um de vocês deixou uma marca indelével em minha vida, e sou eternamente grata por isso.

## RESUMO

Com o avanço dos estudos organizacionais, há uma crescente necessidade de buscar novas contribuições ontológicas, epistemológicas, teóricas e metodológicas para ampliar e aprofundar o conhecimento sobre os fenômenos organizacionais. Nesse contexto, os Estudos Baseados em Prática (EBP) emergem como uma abordagem que vem despertando o interesse de diversos pesquisadores, inclusive no Brasil. Segundo essa perspectiva, uma organização não se resume apenas às pessoas, suas ações, relações e interações, vai além disso, envolvendo também os objetos e os arranjos materiais que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das práticas organizacionais. A pesquisa parte do entendimento de que as organizações não são entidades fixas, mas processos contínuos que emergem das interações entre pessoas, artefatos e o contexto sociocultural. Nessa linha, as festas juninas, enquanto manifestações culturais populares, configuram-se como um objeto de pesquisa relevante para a área de estudos organizacionais destacando seus diversos elementos e símbolos, especialmente quando analisadas sob a ótica do *organizing*, que concebe as organizações como construções constantes dos atores, de suas práticas e interpretações. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo compreender as práticas organizacionais sob a perspectiva do *organizing* em festas juninas sergipanas. Sendo caracterizada como qualitativa, exploratório-descritiva e fundamentada na abordagem interpretativista. Além disso, os casos selecionados são as festas juninas de Estância e da Rua São João. A coleta de dados incluiu análise documental, observação não participante e entrevistas semiestruturadas, com a análise sendo realizada por meio da técnica história de vida. Os achados da pesquisa evidenciam que as festas juninas operam como espaços dinâmicos de organização, nos quais práticas tradicionais se entrelaçam com novas formas de gestão, empreendedorismo e adaptação cultural. O estudo também ressalta que, embora a tradição seja um elemento fundamental para a identidade das festas, há uma constante necessidade de inovação para garantir sua continuidade. As práticas organizacionais envolvem uma rede complexa de atores, incluindo comunidades locais, empresários, artistas e gestores públicos, cada um desempenhando um papel na manutenção e reinvenção dessas celebrações. Este trabalho oferece uma contribuição significativa tanto para o meio acadêmico quanto para os profissionais e entusiastas das festas juninas, ao lançar um olhar aprofundado sobre como esses eventos são organizados e ressignificados ao longo do tempo. Suas limitações envolvem a acessibilidade e a disposição dos entrevistados, a abrangência geográfica e a subjetividade presente na história de vida.

**Palavras-chave:** práticas organizacionais; *Organizing*; festa junina.

## ABSTRACT

With the advancement of organizational studies, there is a growing need to seek new ontological, epistemological, theoretical, and methodological contributions to broaden and deepen knowledge about organizational phenomena. In this context, Practice-Based Studies (EBP) emerge as an approach that has aroused the interest of several researchers, including in Brazil. According to this perspective, an organization is not only about people, their actions, relationships and interactions, it goes beyond that, also involving objects and material arrangements that play a fundamental role in the development of organizational practices. The research is based on the understanding that organizations are not fixed entities, but continuous processes that emerge from the interactions between people, artifacts and the sociocultural context. In this line, the June festivals, as popular cultural manifestations, are configured as a relevant research object for the area of organizational studies, highlighting their various elements and symbols, especially when analyzed from the perspective of *organizing*, which conceives organizations as constant constructions of actors, their practices and interpretations. In view of this, this research aims to understand organizational practices from the perspective of *organizing* in Sergipe June festivals. It is characterized as qualitative, exploratory-descriptive and based on the interpretative approach. In addition, the selected cases are the June festivals of Estância and Rua São João. Data collection included documentary analysis, non-participant observation and semi-structured interviews, with the analysis being carried out using the life history technique. The findings of the research show that the June festivals operate as dynamic spaces of organization, in which traditional practices are intertwined with new forms of management, entrepreneurship and cultural adaptation. The study also points out that, although tradition is a fundamental element for the identity of the festivals, there is a constant need for innovation to ensure their continuity. Organizational practices involve a complex network of actors, including local communities, entrepreneurs, artists, and public managers, each playing a role in maintaining and reinventing these celebrations. This work offers a significant contribution both to the academic world and to the professionals and enthusiasts of the June festivals, by taking an in-depth look at how these events are organized and resignified over time. Its limitations involve the accessibility and disposition of the interviewees, the geographical scope and the subjectivity present in the life history.

**Keywords:** organizational practices; *Organizing*; June festival.

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 – Quadrilhódromo da Rua de São João-Aracaju/ Sergipe em 2023.....    | 55 |
| Figura 2 – Soltura do barco-de-fogo.....                                      | 56 |
| Figura 3 – Organização dos Festejos da Rua São João no passado.....           | 81 |
| Figura 4 – Festejos da Rua São João atualmente .....                          | 82 |
| Figura 5 – Demonstração da cultura junina estanciana.....                     | 83 |
| Figura 6 – História da Rua São João .....                                     | 96 |
| Figura 7 – Tradição do barco de fogo de Estância .....                        | 96 |
| Figura 8 – Quadrilha junina nos primórdios dos festejos da Rua São João ..... | 97 |
| Figura 9 – Quadrilha junina atualmente nos festejos da Rua São João.....      | 97 |

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| Quadro 1 – Detalhamento do referencial teórico. ....                              | 24 |
| Quadro 2 – Detalhamento dos procedimentos metodológicos .....                     | 57 |
| Quadro 3 – Identificação das observações não participantes .....                  | 59 |
| Quadro 4 – Categorias analíticas e elementos de análise .....                     | 63 |
| Quadro 5 – Protocolo de pesquisa .....  | 64 |
| Quadro 6 – Identificação dos informantes-chave por agendamento dos encontros..... | 68 |
| Quadro 7 – Dados demográficos por informante-chave Estância.....                  | 70 |
| Quadro 8 – Dados demográficos por informante-chave Rua São João.....              | 70 |
| Quadro 9 – Práticas identificadas e suas definições.....                          | 90 |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....  | 12 |
| 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA .....   | 17 |
| 1.2 OBJETIVOS .....  | 17 |
| 1.2.1 <b>Objetivo Geral</b> .....  | 17 |
| 1.2.2 <b>Objetivos Específicos</b> .....   | 17 |
| 1.3 JUSTIFICATIVA .....  | 18 |
| <b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....   | 24 |
| 2.1 FESTA COMO ORGANIZAÇÃO .....   | 25 |
| 2.2 PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS: DEFINIÇÕES, HISTÓRICO E ABORDAGEM CULTURAL INTERPRETATIVISTA ..... | 29 |
| 2.3 <i>ORGANIZING</i> : DEFINIÇÕES E CONTEXTO .....  | 35 |
| 2.4 FESTA JUNINA COMO PRÁTICA .....  | 38 |
| 2.5 TEORIAS DA PRÁTICA, <i>ORGANIZING</i> E FESTA JUNINA .....                                   | 43 |
| <b>3 METODOLOGIA</b> .....   | 49 |
| 3.1 QUESTÕES NORTEADORAS .....   | 49 |
| 3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA .....   | 49 |
| 3.3 MÉTODO DE PESQUISA: HISTÓRIA DE VIDA .....   | 50 |
| 3.4 DELIMITAÇÃO DOS CASOS .....  | 54 |
| 3.5 COLETA DE DADOS .....  | 57 |
| 3.6 HISTÓRIA DE VIDA E SUA SISTEMATIZAÇÃO .....  | 61 |
| 3.7 ABORDAGEM ADOTADA NA ANÁLISE DOS DADOS .....   | 62 |
| 3.8 PROTOCOLO DE PESQUISA .....  | 64 |
| 3.9 LIMITAÇÕES .....   | 65 |
| <b>3.9.1 Limitações metodológicas</b> .....  | 65 |
| <b>3.9.2 Limitações da história de vida</b> .....  | 65 |
| <b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....   | 67 |
| 4.1 IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS INFORMANTES-CHAVE .....                                    | 67 |
| 4.1.1 Dados Demográficos dos informantes-chave .....   | 69 |
| 4.2 UMA SINOPSE DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS ENTREVISTADOS .....                                    | 70 |
| 4.3 IDENTIFICAÇÃO E DADOS DA OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE .....                                   | 76 |
| 4.3.1 Rua São João .....   | 76 |
| 4.3.2 Estância .....   | 83 |
| 4.4 ATORES, ARTEFATOS E PRÁTICAS .....   | 84 |

|  |            |
|--|------------|
| 4.5 COMO ACONTECEM AS PRÁTICAS .....   | 88         |
| 4.6 HISTÓRIA DAS PRÁTICAS.....   | 93         |
| 4.7 AS PRÁTICAS SOB A PERCEPÇÃO DOS ATORES .....                               | 98         |
| 4.7.1 DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS .....   | 103        |
| 4.7.2 CONTINUIDADE OU DESCONTINUIDADE DAS PRÁTICAS .....                       | 107        |
| 4.7.3 SURGIMENTO DE NOVAS PRÁTICAS.....  | 111        |
| 4.7.4 CONSIDERAÇÃO DOS ATORES QUANTO AOS DEMAIS ELEMENTOS DAS PRÁTICAS .....   | 113        |
| 4.8 <i>ORGANIZING</i> .....  | 117        |
| 4.9 LIMITAÇÕES PARA ATINGIR O QUANTITATIVO DESEJADO DE INFORMANTES-CHAVE ..... | 120        |
| 4.10 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....  | 121        |
| <b>5 CONCLUSÃO .....</b>   | <b>126</b> |
| 5.1 SUGESTÕES DE ESTUDOS FUTUROS.....  | 128        |
| 5.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 130        |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>131</b> |
| <b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>                                 | <b>139</b> |
| <b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE.....</b>                | <b>141</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Com o avanço dos estudos organizacionais, há uma crescente necessidade de buscar novas contribuições ontológicas, epistemológicas, teóricas e metodológicas para ampliar e aprofundar o conhecimento sobre os fenômenos organizacionais. Nesse contexto, os Estudos Baseados em Prática (EBP) emergem como uma abordagem que vem despertando o interesse de diversos pesquisadores, inclusive no Brasil (Bispo, 2013b; Vilas-Boas, Davel, Bispo, 2018; Passos e Bulgacov, 2019; Pimentel e Nogueira, 2018). Segundo Antonello e Godoy (2009), os EBP partem da premissa de uma realidade em constante construção, na qual o conhecimento é uma atividade material conectada a elementos simbólicos e culturais.

Nessa perspectiva, uma organização não se limita às pessoas, suas ações, relações e interações, indo além disso (Law, 2002). Além das atividades humanas mentais e corporais, os objetos também desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de uma prática, o de mediação (Schatzki, 2001). Isso requer uma revisão mais atenta sobre a relação entre os diversos agentes humanos e não-humanos presentes nas organizações (Passos; Bulgacov, 2019).

Num mundo marcado por eventos e estruturas temporais, as organizações são vistas como tentativas de estabelecer ordem em meio ao dinamismo e à fluidez da realidade (Hernes, 2014). Nesse sentido, todas as coisas estão em constante transformação, sendo necessário considerar a natureza processual e fluida dos fenômenos organizacionais para avançar no conhecimento teórico sobre as características resultantes das interações entre eventos, estruturas temporais e organização (Vasconcelos, 2022).

Assim, as organizações são tratadas como acontecimentos que envolvem práticas e seus arranjos materiais (Schatzki, 2006). Ademais, as organizações não possuem uma delimitação física definida, sem uma barreira clara que determine quem faz parte delas (Possas, 2015). As práticas se sustentam, se reproduzem e se transformam não apenas por meio das relações entre os atores, mas também através das relações estabelecidas entre pessoas e objetos. Portanto, entender as organizações envolve, tanto desvendar as atividades humanas quanto apreender as configurações materiais nas quais elas estão imersas (Santos; Silveira, 2015).

Segundo Schatzki (2005), as múltiplas ações das pessoas se interligam e "ganham uma identidade conjunta", não de maneira aleatória ou desordenada, mas em torno de uma determinada prática, por meio de uma estrutura de governança composta por três elementos fundamentais: entendimentos, regras e estruturas teleoafetivas. Dizer que certas ações pertencem a uma determinada prática significa afirmar que elas expressam os mesmos entendimentos, observam, violam ou ignoram as mesmas regras, e perseguem fins aceitáveis

dentro de uma mesma estrutura teleoafetiva (Schatzki, 2005). Assim, os entendimentos práticos estão relacionados ao "saber fazer", ou seja, à habilidade e à competência para executar as ações, para identificar e entender as ações dos outros, para instigar ações desse tipo nos outros e para responder a elas em determinados contextos e situações espaço-temporais característicos da prática em questão (Schatzki, 2005).

Dentro desse contexto, esse trabalho traz o conceito de *organizing*, em que aprender e organizar são fenômenos entrelaçados, estabelecendo a articulação entre sujeitos e objetos, também conhecidos como artefatos, em torno de uma prática (Czarniawska, 2008b; Gherardi, 2006). Essa definição representa o processo organizacional de uma coletividade por meio de suas práticas, o que permite identificá-la como uma organização.

Para Weick (1973), o termo organização deveria ser entendido como um verbo, em vez de um substantivo, ou seja, as organizações devem ser vistas como processos em constante criação, manutenção e dissolução. Essa perspectiva oferece uma visão mais precisa do fluxo contínuo de ações que compõem as práticas organizacionais, compreendendo a organização como uma construção constante dos atores envolvidos, suas práticas e interpretações (Czarniawska, 2008a).

Portanto, essa abordagem enfatiza o processo organizacional de uma coletividade, representado por suas práticas, o que permite identificá-la como organização (Duarte; Alcadipani, 2016). Dessa forma, falar de "organizar" é considerar as organizações como um contínuo resultado de processos precários e parciais, entendendo-as como fenômenos heterogêneos e emergentes, resultado contínuo do organizar, entendido como ordenamentos locais de práticas de organizar que coletivamente formam a realidade social (Cooper; Law, 1995).

Assume-se, nesta pesquisa, uma visão processual e temporal das organizações, que não são mais entendidas como entidades fixas, homogêneas e estáveis, mas sim como processos ou práticas de organização (*organizing*), os quais se mostram heterogêneos, difusos e complexos, em constante fluxo e transformação (Duarte; Alcadipani, 2016). As práticas, por sua vez, não são estáticas, podendo se repetir ou se modificar, intencionalmente ou não (Schatzki, 2005). Nesse sentido, a organização é compreendida como um fluxo constantemente ordenado e reordenado por agentes (Czarniawska, 2013a).

Por conseguinte, ao adotar a abordagem cultural interpretativa, fica evidente como os artefatos e as interações sustentam os significados e o processo de aprendizagem na prática, sem a necessidade de intervenção externa. Visto que, ao considerar a cultura, é possível

compreender o aprendizado em nível organizacional, uma vez que a cultura envolve uma condição coletiva (Bispo, 2013a).

Do mesmo modo, o *organizing* desafia as teorias organizacionais tradicionais, que veem a organização como um grupo de pessoas compartilhando um objetivo comum e utilizando-a como meio para alcançá-lo, considera a organização como algo fixo, estável e concreto (Santos, 2022). No entanto, uma abordagem alternativa sugere que as organizações são formadas por comportamentos repetitivos, recíprocos e contingentes entre dois ou mais atores. Essa perspectiva mais flexível e dinâmica reconhece a natureza fluida das interações organizacionais (Weick, 1973).

Nesse sentido, Nicolini, Gherardi, Yanow (2003) aponta que as práticas são uma forma de construção, manutenção e mudança cultural, enfatizando as coletividades, seus atos e as interações com objetos e a linguagem utilizada. Essa abordagem valoriza a dimensão situada dos fenômenos organizacionais, reconhecendo a importância da temporalidade e da historicidade para a compreensão dos contextos sociais (Bispo, 2013b).

Contudo, a Administração, enquanto campo de conhecimento, tem se expandido para incluir temáticas que vão além da eficiência nas organizações (Silva, 2019). Tais conexões permitem uma análise mais profunda dos fenômenos sociais, incluindo a exploração de práticas organizacionais em contextos muitas vezes não explorados (Alcadipani e Medeiros, 2016).

Historicamente, os estudos sobre festas têm sido predominantemente descritivos, limitando a compreensão das inter-relações sociais e culturais que elas envolvem (Marques, 2016). A festa é um espaço onde se formam redes sociais, conectando indivíduos e instituições, e onde o popular se entrelaça com influências externas, como a intervenção de ministérios e empresas (Canclini, 2003). Essa dinâmica revela que a festa transcende o âmbito comunitário, envolvendo múltiplos atores e interesses.

Embora as festas sejam um aspecto central da cultura brasileira, elas ainda são subexploradas nas pesquisas em administração e empreendedorismo (Davel; Paiva Júnior, 2019). As festas representam uma oportunidade de estudo sobre a organização e a gestão em contextos culturais.

A presença de elementos como música, dança e rituais na festa atesta sua função como um espaço de efervescência coletiva. Durkheim (1968) argumenta que a festa provoca uma transgressão das normas sociais, permitindo aos indivíduos experimentar um estado de liberdade e criatividade. Essa dimensão emocional e ritualística é o que distingue a festa de um mero espetáculo, ressaltando a importância da participação ativa dos indivíduos.

Além disso, as festas são um campo fértil para a criatividade e a inovação dentro das organizações. O estado festivo é frequentemente associado a uma intensa expressão emocional, onde a organização e a emoção se entrelaçam (Gabriel; Fineman; Sims, 2000). Esse contexto oferece uma oportunidade única para explorar como a improvisação e a brincadeira podem enriquecer as práticas organizacionais, desafiando as normas estabelecidas e promovendo um ambiente de maior liberdade criativa.

Desta forma, a festa emerge como um espaço de mediação que conecta diferentes esferas da vida social. Ela não apenas celebra a cultura, mas também serve como um meio de comunicação e expressão das utopias humanas (Davel; Paiva Júnior, 2019). A festa, portanto, é um fenômeno complexo que requer uma abordagem multidisciplinar, integrando aspectos de administração e outras áreas, para ser plenamente compreendida em sua riqueza e diversidade.

Nesta perspectiva, é possível observar que as festas não correspondem apenas a um mero espetáculo, antes de tudo, são um espaço construído pela comunidade, “como forma de se fazer ver, se fazer sentir e ser” (Silva; Angelo, 2016, p. 12). Neste sentido, as festas podem ser consideradas como importantes momentos “para o exercício da sociabilidade no contexto urbano, as festas [...] ativam a memória dos moradores da cidade, bem como reforçam as tradições culturais, o sentimento de identidade e pertencimento coletivo” (Pereira; Gillies, 2022, p. 12), fazendo com que estas, liguem-se ao conceito de práticas organizacionais difundidas pelos indivíduos e uma forma do “organizar” historicamente importante.

No Brasil, com o desembarque dos portugueses, além da vontade pela riqueza fácil, eles trouxeram também na bagagem suas tradições e cultura (Tureta; Araújo, 2013). Com o passar do tempo, observa-se que as manifestações culturais, tornaram-se um espetáculo ou se reduziram a um resíduo folclorizado, mas a festa é complexa e tende a abarcar, em seu âmago, tanto o espetáculo como a tradição, num rico movimento de renovação constante a partir de sua própria essência (Marques; Brandão, 2015).

Por conseguinte, no Brasil, principalmente na região Nordeste, destaca-se a festa junina, composta por diversos elementos e símbolos, como: fogueiras, balões, bandeirolas multicoloridas, celebrações religiosas católicas, adivinhações, compadrios, comidas típicas regionais, quadrilhas, forró, entre outros (Chianca, 2013). Com o tempo, as festas juninas evoluíram, adaptando-se e espalhando-se por cidades pequenas, médias e espaços metropolitanos, tornando-se "eventos predominantemente profanos, mas que têm sua origem em elementos do sagrado, reinventados pela cultura popular e redesenhados no espaço urbano" (Castro, 2012, p. 51). É possível também observar que, sobretudo a partir da década de 1990, as festas juninas passaram por uma dispersão temporal. Ao longo do ano, os festejos,

alimentações típicas e dezenas de bandas de forró realizam shows cada vez mais frequentes e concentrados nos meses que antecedem as festividades do ciclo junino, indicando descaracterização que pode comprometer a essência das festas juninas tradicionalmente organizadas no mês de junho (Castro, 2012).

Visto que, as festas juninas da atualidade podem ser compreendidas de diferentes maneiras: para alguns, como uma mercantilização; para outros, como promoção, marketing urbano e político; e, para muitos, como uma nova forma de ludicidade festiva que foi recriada e continua sendo incessantemente reinventada (Castro, 2012). Nesse cenário, no mesmo espaço festivo, o território do lazer urbano e o espaço da mercantilização se interpenetram, revelando as tramas da folia contemporânea, já que essa dispersão temporal e a diversidade de interpretações sobre as festas juninas atuais indicam uma transformação significativa desses eventos tradicionais.

Para mais, Santana, Azevedo e Neto (2021) acreditam que a falta de investimento e de políticas adequadas compromete a continuidade e a valorização dessas manifestações culturais tradicionais, sendo fundamental que o poder público reconheça a importância das culturas populares e formule estratégias para garantir a manutenção desses saberes e fazeres, que constituem parte essencial do patrimônio cultural imaterial de diversos grupos sociais.

Diante disso, no mês de junho, Sergipe torna-se o país do forró – termo eternizado em poesia na música Chamego só de Antônio Rogério – uma vez que se iniciam os festejos juninos, quando são comemorados os dias dos Santos Santo Antônio (13/06), São João (23/06) e São Pedro (29/06), com suas ornamentações. Com dezenas de festividades juninas não só no interior do estado, mas também na capital – como o Forró Caju, o Arraiá do povo e a Rua de São João – centenas de atrações são recebidas para os festejos. Além das festas, é perceptível um ícone representativo dos festejos juninos do estado: o barco de fogo (Silva, 2016, p. 3). Atualmente, o barco de fogo é considerado Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Sergipe, respaldado pelo Conselho Estadual de Cultura, pois representa uma tradição única do ciclo junino da cidade de Estância e um importante elemento de identidade local.

A partir dos pressupostos aqui apresentados, este trabalho pretende se debruçar sobre as práticas organizacionais em festas juninas sergipanas. Para melhor compreensão do leitor, a pesquisa foi estruturada em seções. A primeira é a Introdução, em que é apresentado o problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa para a realização da pesquisa. Na segunda seção, apresenta-se a fundamentação teórica organizada em cinco subseções: Festa como organização; Práticas organizacionais: definições, histórico e abordagem cultural interpretativista; *Organizing*: definições e contexto; Festa junina como prática; e Teorias da prática, *organizing*

e festa junina. Na terceira seção, são descritos os procedimentos metodológicos, abordando as questões norteadoras, delineamento da pesquisa, os critérios para a seleção dos casos e os métodos para a coleta e análise dos dados. Na quarta seção apresenta-se a análise dos dados e na quinta seção a conclusão da pesquisa.

## 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Diante do que foi acima exposto, adotou-se a seguinte questão de pesquisa: **Como ocorrem as práticas organizacionais sob a perspectiva do *organizing* nas festas juninas sergipanas?**

## 1.2 OBJETIVOS

Neste subtópico, são discutidos os objetivos dessa pesquisa.

### 1.2.1 Objetivo Geral

O presente estudo tem como objetivo principal: **compreender as práticas organizacionais sob a perspectiva do *organizing* em festas juninas sergipanas.**

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Outrossim, foram delineados quatro objetivos específicos que visam aprofundar a análise desse fenômeno cultural único:

- (1) Identificar os sujeitos, artefatos e práticas das festas juninas sergipanas estudadas;
- (2) Mapear práticas das festas juninas sergipanas;
- (3) Caracterizar as práticas organizacionais realizadas em festas juninas sergipanas;
- (4) Descrever o processo de *organizing* das festas juninas estudadas.

Ao atingir tais objetivos, espera-se contribuir para uma maior compreensão das festas juninas em Sergipe, revelando os bastidores e as dinâmicas organizacionais desse importante evento cultural.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa justifica-se, em termos teóricos, por voltar seu olhar para um objeto de pesquisa ainda pouco estudado pela Administração, mas de grande relevância sociocultural: as festas juninas. Visto que a historicidade e as bases para o entendimento das manifestações culturais populares no Nordeste brasileiro propiciam uma junção de sentimentos em seus participantes. “Sentimentos de pertencimento, de fé e devoção, de recriação e ritualização, que fazem com que as especificidades locais sejam vistas e sentidas de forma mais explícita” (Gomes, 2012, p. 99).

Adicionado a isso, a pesquisa soma ao questionar as formas mais tradicionais de estudar organizações, ampliando, dessa forma, estudos brasileiros sobre a temática e contribuindo com o debate. Ao enfatizar a natureza processual da organização, há uma mudança epistemológica na concepção do entendimento de organizações, pois elas deixam de ser entendidas como meios para atingir determinados fins e passam a ser um constante processo de atribuir sentido e organização ao fluxo dos acontecimentos. Além disso, os estudos teóricos e, principalmente, empíricos, sobre *organizing* são escassos no contexto brasileiro (Possas, 2015).

Ainda, no contexto prático, este trabalho auxilia no entendimento de como as organizações são criadas e recriadas a partir das práticas constantes e do resultado de processos. Essa perspectiva contribui para ampliar o conhecimento sobre o modo como as organizações acontecem, especificamente as festas como organizações e não simplesmente como elas são; ao romper com os preceitos tradicionais da administração, essa abordagem permite perceber a organização emergindo de forma dinâmica. Essa visão processual e relacional das organizações possibilita um olhar mais aprofundado sobre os fenômenos organizacionais, neste estudo na perspectiva das festas juninas.

Nesse cenário, a cultura emerge como um campo fértil para investigação, especialmente ao considerar a circulação do produto cultural como mercadoria. O setor cultural desempenha um papel crucial nas economias contemporâneas, a mobilização de eventos culturais, como festas, é essencial para a construção da identidade local e para o fomento do turismo (Silva, 2019). O entendimento das festas como organizações revela práticas e processos que são estratégicos para gestores e empreendedores culturais. No entanto, muitos desses profissionais operam com conhecimento tácito e escasso referencial teórico em Administração, o que limita sua capacidade de inovar e aprimorar suas práticas (Davel; Paiva Júnior, 2019).

As festas populares, conforme Marques (2016), são manifestações culturais que interagem profundamente com a estrutura social, elas não devem ser vistas apenas como

espetáculos ou folclore, mas como eventos complexos que incorporam tanto tradição quanto inovação. A análise das festas deve considerar tanto os aspectos macroscópicos, como as tendências culturais mais amplas, quanto os detalhes microescalares que fazem cada festa única.

Neste estudo, seguindo a perspectiva do *organizing* (Weick, 1979), as organizações não são mais vistas como entidades fixas, homogêneas e estáveis, mas sim como fluxos constantemente ordenados e reordenados por agentes. A compreensão das práticas organizacionais também é dinâmica, reconhecendo que elas podem se repetir ou se modificar ao longo do tempo (Duarte; Alcadipani, 2016). Schatzki (2005) ressalta a importância de voltar ao olhar para o que é concretamente feito (dito, pensado, sentido) em tempo real no desenrolar das atividades organizacionais.

Dessa forma, a presente pesquisa contribui para expandir o conhecimento sobre como as organizações se constituem e se transformam ao longo do tempo, especialmente no âmbito das manifestações culturais populares, como as festas juninas. Essa compreensão pode subsidiar a formulação de políticas públicas e estratégias mais adequadas para a preservação e promoção desse patrimônio cultural. A pesquisa busca conscientizar os formuladores da importância das questões das festas juninas nas políticas públicas. Diante disso, este trabalho pode servir de auxílio na formação de políticas para a resolução de problemas e desafios enfrentados no Estado de Sergipe, especificamente na capital, Aracaju.

Historicamente, Sergipe foi um estado marcado por sua cultura popular, incluindo festas tradicionais, culinária típica e manifestações artísticas como o forró e o artesanato. Nas últimas décadas, diversas iniciativas têm sido implementadas para valorizar a cultura sergipana. A criação de festivais, como o Forró Caju e o Festival de Artes de São Cristóvão, tem proporcionado visibilidade às tradições locais. Além disso, o turismo cultural tem ganhado força, atraindo visitantes interessados em conhecer a história e as manifestações artísticas do estado.

A promoção de políticas voltadas para a cultura, como a Lei Rouanet, tem incentivado projetos culturais em Sergipe. Iniciativas para apoiar artesãos e produtores locais têm fortalecido a economia criativa. Entretanto, a desvalorização da cultura e do turismo em Sergipe ainda persiste em alguns aspectos. A globalização e a influência de culturas externas têm levado à homogeneização cultural, onde tradições locais são muitas vezes deixadas de lado em favor de tendências mais populares.

Em 2023, o estado de Sergipe se destacou como um importante destino turístico, atraindo 237 mil viagens domésticas, o que representa um aumento de 70% em relação a 2021, quando 139 mil turistas visitaram o estado. Esses dados são oriundos do módulo de Turismo da

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério do Turismo (IBGE, 2023). A pesquisa revelou que a maioria dos visitantes (38,4%) viajou para Sergipe para visitar familiares ou participar de eventos, enquanto 23,7% buscavam lazer. Esses dados refletem não apenas o potencial turístico do estado, mas também a relevância de suas ofertas culturais e de lazer (IBGE, 2023).

Nos últimos tempos, os governos de Sergipe intensificaram os investimentos nos festejos juninos, visando explorar o potencial econômico e turístico do setor. A Vila do Forró, um espaço temático na Orla de Atalaia, foi retomada e ampliada, atraindo famílias e turistas com 60 dias de apresentações de quadrilhas juninas e trios de forró, bem como o Arraiá do Povo, com 30 dias de shows, também contribuiu para a movimentação de mais de 500 mil pessoas (Turismo Sergipe, 2024).

Para 2024, o governo divulgou a programação junina com antecedência, o que resultou em alta ocupação nos hotéis, especialmente durante o período de São João. Hotéis na Orla de Atalaia reportam taxas de ocupação de 100% em algumas datas, com uma procura crescente. A antecipação da programação tem sido um fator decisivo para atrair turistas, facilitando as vendas e a promoção do estado (Turismo Sergipe, 2024).

Além dos eventos na Orla, Aracaju oferece festas na Rua São João, no 18 do Forte, e no Centro de Criatividade. O governo também está investindo em parcerias de capacitação e marketing para fortalecer a cadeia turística. O presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis em Sergipe (ABIH/SE) destaca que os festejos beneficiam não apenas a hotelaria, mas toda a economia local, com a expectativa de uma movimentação intensa durante os feriados de São João e São Pedro (Turismo Sergipe, 2024).

No planejamento estratégico das prefeituras de Aracaju, Estância para o quadriênio de 2021 a 2024 e do governo do estado de Sergipe, a cultura e o turismo são destacados como pontos fundamentais para o desenvolvimento local. Entre as ações propostas, estavam a promoção e colaboração com eventos que atraem visitantes para a cidade, a criação e divulgação de um calendário de eventos culturais e turísticos para comercialização em operadoras locais, e o investimento em promoção turística contínua, especialmente para Estância (Prefeitura Municipal de Estância, 2021; Prefeitura Municipal de Aracaju, 2021).

No que diz respeito à cultura estanciana, o planejamento inclui a criação de uma lei municipal para conceder auxílio financeiro aos mestres da cultura, o fortalecimento dos auxílios às associações culturais, e a revitalização da Escola Estanciana das Artes, que promoverá oficinas e cursos. Outras iniciativas contemplam a implementação do Fundo Municipal de

Cultura, além da definição de um calendário cultural anual que respeite as tradições locais e as capacidades financeiras do município. Essas estratégias visam não apenas a valorização da cultura, mas também a atração de turistas, promovendo um ciclo virtuoso de desenvolvimento econômico e social (Prefeitura Municipal de Estância, 2021).

Além disso, em Aracaju, capital de Sergipe, são muitas as referências que tornam junho, um mês importante, por conter bens materiais e imateriais significativos de natureza simbólica e histórica das tradições sergipanas. Aracaju possui treze leis ordinárias vinculadas ao patrimônio imaterial, sendo que seis delas, ou seja, quase 50%, relacionam-se a época junina. Com isso, a Rua São João, um referencial de lugar que denomina um dos principais santos juninos, é reconhecida como Patrimônio Histórico-cultural Imaterial pela lei estadual 5032 de 2018.

Diversas tradições sergipanas possuem proteção legal, como: A Trezena de Santo Antônio, chancelada pela lei ordinária estadual 5151/2018, que acontece na Colina que leva seu nome e recebe muitos fiéis; o grupo folclórico local Peneirou Xerém, protegido pela lei 4019/2011, com um agrupamento de jovens senhoras que dançam com uma peneira na mão e cantam cantigas; bem como, todas as quadrilhas juninas de Aracaju são declaradas Patrimônio Cultural Imaterial pela lei ordinária 8110/2016. Essas diversas manifestações culturais relacionadas às festas juninas em Aracaju possuem amparo legal, demonstrando o reconhecimento e a valorização dessas práticas tradicionais pelo poder público.

Dentre as manifestações, o Barco-de-fogo também se destaca como elemento cultural único de Sergipe. Feito e solto apenas na cidade de Estância, no interior do estado, essa tradição possui uma importante simbologia. Sua relevância econômica e cultural viabilizou o reconhecimento como Patrimônio Cultural e Imaterial de Estância e de todo o estado de Sergipe, por meio das leis nº 1.474 de agosto de 2010 e nº 7.690 de julho de 2013, respectivamente. Além da importância simbólica, o Barco-de-Fogo também possui relevância econômica significativa. Sua beleza e os movimentos cênicos atraem turistas de todo o país, especialmente durante os períodos das festividades juninas. Essa forte atração turística e manifestação cultural demonstram valor econômico para a região (Turismo Sergipe, 2024)

Diante do exposto, as grandes capitais nordestinas têm investido cada vez mais na celebração dos festejos populares dos meses de junho e julho, que inclui a criação de equipamentos turístico-culturais urbanos específicos, definição de calendários e implementação de políticas turístico-culturais municipais voltadas à valorização dessas festividades (Alves, 2017). Uma das frentes desse investimento é a valorização das tradições artístico-musicais

locais e regionais, com o intuito de atrair um maior número de visitantes que possuem uma forte predileção pelos principais aspectos da narrativa da tradição sertanejo-nordestina (Alves, 2017).

Em 2024, o crescimento do turismo em Sergipe continuou a ser notável, com uma variação acumulada de 6,5% em julho, em comparação ao mesmo período do ano anterior, posicionando o estado como líder na região Nordeste. Essa recuperação é atribuída à reestruturação das políticas públicas de fomento ao turismo, desenvolvidas pela Secretaria de Estado do Turismo (Setur) e de ações estratégicas, como a criação de um calendário de eventos e a ampla divulgação do estado em feiras nacionais (IBGE, 2023).

Além disso, segundo o Governo de Sergipe (2024) a segurança pública é um fator crucial para o crescimento do turismo em Sergipe. O estado foi considerado o mais seguro do Nordeste, com a menor taxa de homicídios por 100 mil habitantes da região. Essa percepção de segurança, aliada às belezas naturais e à cultura rica do estado, contribui para atrair mais visitantes (Turismo Sergipe, 2024).

Os dados mais recentes também mostram que Sergipe subiu da última para a 13ª posição no ranking nacional de pernoites, com uma média de 7,3 pernoites por visitante. O gasto médio por viagem para Sergipe, de R\$ 1.928, é superior à média nacional de R\$ 1.639, o que demonstra o apelo do estado como um destino acessível e atrativo. O aumento de aproximadamente 17,5% no gasto médio em comparação a 2021 reflete a recuperação robusta do setor, resultado das intensas ações de promoção e investimento do governo (IBGE, 2023).

Quanto à justificativa de natureza social, a contribuição desta pesquisa reside em entender a organização de festas juninas de destaque nacional como um fluxo constante e ilimitado de práticas, focando sua natureza processual. Assim, o constante reorganizar das práticas juninas permite que a própria organização se modifique, se reinvente, sem ficar presa a planejamentos fixos.

No contexto das festas juninas, é importante destacar o papel significativo que essas celebrações desempenham como estratégias para a geração de renda e a promoção turística das cidades do Nordeste. Nesse sentido, algumas festas juninas são utilizadas como táticas para impulsionar a economia local e fortalecer a presença das cidades na dinâmica turística da região (Marques, 2018). Essa trama, por sua vez, condiciona as dinâmicas que moldam as territorialidades, influenciando a forma como as festas juninas são vivenciadas e percebidas pelos participantes e visitantes (Gomes, 2012).

Em suma, ao analisar essas manifestações culturais, acredita-se ser necessário refletir sobre como as ações e os objetos físicos presentes no espaço influenciam e moldam as dinâmicas que definem as territorialidades (Marques, 2016). Bem como, ao adotar essa

perspectiva, passa-se a refletir sobre como as interações entre as pessoas e os elementos físicos presentes no espaço contribuem para a construção de uma trama locacional específica.

De acordo com Duarte e Alcadipani (2016), os estudiosos do campo organizacional deveriam direcionar mais suas atenções para os processos do que para as estruturas. Esses autores defendem um retorno ao conceito de *organizing* em detrimento de uma ênfase nas "organizações" propriamente ditas. Dito isso, acredita-se que o campo dos estudos organizacionais pode contribuir também para a preservação desse patrimônio por meio da compreensão e visibilidade das práticas organizacionais de festas juninas, além de suprir uma carência de conhecimento no campo dos Estudos Organizacionais para melhor conhecer as singularidades organizacionais das festas culturais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A finalidade da fundamentação teórica é demonstrar que pesquisas e trabalhos anteriores apresentam uma lógica que confirma a necessidade de buscar respostas para a pergunta formulada. As definições conceituais são úteis, pois delimitam o escopo e a abrangência do fenômeno (Farias Filho; Arruda Filho, 2000). Assim, a fundamentação deste trabalho se baseia em duas perspectivas teóricas: *Organizing* e Práticas Organizacionais, ambas serão abordadas no quadro a seguir, o qual descreve a relação entre a literatura e os objetivos de pesquisa, revelando as principais contribuições de cada perspectiva teórica para o trabalho.

**Quadro 1** – Detalhamento do referencial teórico

| PERSPECTIVA TEÓRICA               | OBJETIVO RELACIONADO   | CONTRIBUIÇÕES PARA A PESQUISA   | REFERÊNCIAS   |
|-----------------------------------|--|---|---|
| Práticas organizacionais          | <b>Objetivo geral:</b><br>Compreender as práticas organizacionais de festas juninas sergipanas               | Ligação entre as práticas organizacionais e as festas juninas, definições dessas práticas.  | Schatzki, 2005; Antonello e Godoy, 2009; Czarniawska, 2008a, 2008b; Bispo, 2013b; Duarte e Alcadipani, 2016; Olivindo e Mendes, 2023. |
| <i>Organizing</i>                 |  |   | Weick, 1973; Possas, 2015; Vasconcelos, 2022;   |
| Práticas organizacionais          | <b>Objetivo específico 1:</b><br>Identificar os sujeitos, artefatos e práticas das festas juninas sergipanas | Identificar o que compõe as práticas das festas juninas com base no que está dentro da prática organizacional pela ótica do <i>organizing</i> . | Schatzki, 2005; Antonello e Godoy, 2009; Czarniawska, 2008a, 2008b; Bispo, 2013b; Duarte e Alcadipani, 2016; Olivindo e Mendes, 2023. |
| Abordagem Cultural Interpretativa | <b>Objetivo específico 2:</b><br>Mapear práticas das festas juninas sergipanas                               | Entender a historicidade das festas juninas e o que compõe suas práticas, trazendo a tradicionalidade.  | Nicolini, Gherardi, Yanow (2003) ; Bispo, 2013a.  |
| Práticas organizacionais          | <b>Objetivo específico 3:</b><br>Caracterizar as práticas organizacionais                                    | Apresentação das tradições continuadas e das perdas diante do   | Schatzki, 2005; Antonello e Godoy, 2009;  |

|                                   |  |  |  |
|-----------------------------------|--|--|--|
|                                   | realizadas em festas juninas sergipanas  | que foi visto como prática do passado e a continuidade dessas práticas atualmente.                                       | Czarniawska, 2008a, 2008b; Bispo, 2013b; Duarte e Alcadipani, 2016; Olivindo e Mendes, 2023. |
| Abordagem Cultural Interpretativa |  |  | Nicolini, Gherardi, Yanow (2003); Bispo, 2013a.  |
| <i>Organizing</i>                 | <b>Objetivo específico 4:</b> Descrever o processo de <i>organizing</i> das festas juninas estudadas | Observar e relatar como são percebidas e identificadas essas práticas; efetivamente, como os atores fazem sentido delas. | Weick, 1973; Possas, 2015; Vasconcelos, 2022;  |

**Fonte:** Elaborado pela autora (2025).

## 2.1 FESTA COMO ORGANIZAÇÃO

As festas populares são reconhecidas como expressões culturais que integram a estrutura social das comunidades, interagindo, influenciando e transformando o cotidiano. Assim, para compreender a coexistência de elementos aparentemente opostos que compõem as festas, é essencial observá-las sob diferentes perspectivas. Uma análise superficial pode levar à crença de que essas manifestações se tornaram meros espetáculos ou resíduos folclóricos, porém, a festa é uma realidade complexa que abrange tanto o espetáculo quanto a tradição, em um contínuo processo de renovação (Marques; Brandão, 2015).

Traço marcante da cultura brasileira, as festas ainda recebem pouca atenção dos pesquisadores nas áreas de Administração e Empreendedorismo e representam a essência da economia cultural, abordando temas relacionados às artes, empreendimentos culturais e diversão (Marques; Brandão, 2015). Essa combinação abrange múltiplos interesses formativos e informativos vinculados à Administração e ao Empreendedorismo.

Por trás de cada festa, há um processo organizacional que demanda esforços em coordenação, planejamento, financiamento, divulgação, execução, monitoramento e comunicação das atividades. Assim, cada festa se configura como uma organização, um processo que pode ser analisado sob a perspectiva da lógica de projetos (Burke; Morley, 2016).

A festa é um fenômeno trans-histórico e transcultural; uma atividade humana que atravessa a história da humanidade em diferentes lugares e culturas (Castrô Júnior, 2014; Moraes Filho, 1979). Ela ativa as coletividades humanas, gerando um estado de "efervescência coletiva", alegria, fantasia e excessos (Durkheim, 1968), capaz tanto de reafirmar a ordem social

vigente quanto de provocar esperanças, experiências, liberações. A festa é um ato coletivo, uma celebração simbólica de um objeto no interior de um tempo consagrado a uma multiplicidade de atividades com função expressiva (Davel; Paiva Júnior, 2019). Toda festa implica a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto ritualisticamente comemorado, tornando-se um ponto de confluência das ações sociais e produzindo a simbolização da identidade coletiva (Ribeiro, 2002).

Os festejos populares do Brasil resultam de diversas influências, sendo um verdadeiro caldeirão de etnias, crenças e tradições. Em meio a disputas por território e à imposição de culturas estrangeiras, as festas emergiram como formas de resistência e expressão cultural para diferentes grupos (Gaião; Leão, 2014). Assim, as festas populares se tornaram instrumentos de resistência cultural, defendendo as tradições dos povos.

Essa mistura de símbolos e rituais originou tradições e celebrações que se perpetuaram ao longo do tempo, até os dias atuais (Gaião; Leão, 2014). Nesse contexto, Pessoa (2005, p.32) afirma que, formado por uma rica combinação de povos milenares e festeiros – como os indígenas, europeus e africanos – o Brasil não poderia escapar à universalidade da festa. Celebramos por diversos motivos e, na ausência deles, encontramos maneiras de inventar novas razões para festejar. O mito é essencial para o ser humano, pois oferece respostas a questões que a ciência não consegue alcançar. Assim, forma-se uma rede simbólica que busca no imaginário individual, no subconsciente, no mítico, na filosofia e na religião, respostas que sustentem a humanidade (Marques; Brandão, 2015).

Apesar da vasta gama de estudos sobre festas populares ao longo do século XX, muitos deles têm um caráter descritivo e carecem de uma análise mais profunda, o que dificulta a compreensão das inter-relações que emergem dessas celebrações (Gaião; Leão, 2014). Isso ocorre porque a maioria dos trabalhos foi realizada por folcloristas que se limitaram a registrar as práticas observadas em cada local (Gaião; Leão, 2014).

Antes de explorar o universo das festas populares, é crucial entender o conceito de cultura, visto que essas celebrações são manifestações culturais inseridas no contexto social. Claval (2002) define cultura como a soma dos comportamentos, saberes, técnicas, conhecimentos e valores que os indivíduos acumulam ao longo de suas vidas e, em uma escala mais ampla, pelo conjunto dos grupos a que pertencem. A cultura, portanto, é uma herança que passa de geração para geração, enraizada em um passado que se conecta ao território onde as memórias e crenças se manifestam, não se trata de um conjunto fixo e imutável.

A cultura é inerente ao ser humano, apresentando variações, interações e trocas, sem esse dinamismo, a cultura se torna folclore, ou seja, estagna e perde sua autonomia (Marques;

Brandão, 2015). Esse cenário pode levar à sua transformação em patrimônio imaterial, que pode ser apropriado e consumido como uma representação da cultura popular.

Além disso, os indivíduos que participam das festas trazem consigo histórias de sacrifício que garantem a continuidade dessas manifestações, o espaço físico também é um elemento essencial, juntamente com a infraestrutura necessária, para a realização da festa (Marques; Brandão, 2015). Acrescenta-se ainda que o sentimento de pertencimento dos participantes é fundamental para a formação de redes e laços que articulam a festa.

Amaral (2001, 2008), em suas pesquisas sobre as festas brasileiras, enfatiza o caráter mediador e comunicacional dessas manifestações. A autora argumenta que as festas criam relações de comunicação intersubjetivas entre aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos, mediando elementos materiais e simbólicos. Ela busca recuperar a conexão entre criador e criação, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser (Amaral, 2008). A presença de música, alimentos, dança, mitos e máscaras reforça essa ideia. A festa também atua como um meio de mediar os desejos individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado, presente e futuro, além de relacionar "nós" e "outros", revelando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia entre natureza e cultura (Amaral, 2008).

Com isso, observa-se que as festas são caracterizadas pela formação de redes, e seu dinamismo depende dessa estrutura fluida. Os participantes se entrelaçam temporariamente com instituições, organizações privadas e outras corporações, colaborando na festa de maneiras diversas, cada um cumprindo suas funções e defendendo seus próprios interesses (Marques; Brandão, 2015). Assim, a realização desse evento deixa de ser um domínio exclusivo da comunidade, e o que é popular começa a trilhar novos caminhos, adquirindo influências inéditas.

As festas populares podem ser efêmeras, pois seguem uma temporalidade cíclica e apresentam um sistema de governança complexo (Davel; Dantas, 2019). No entanto, isso não implica que sejam menos significativas ou que não possam ser vistas como instituições. Muitas festas populares se estabelecem como instituições robustas devido à sua recorrência, legitimidade, centralidade e sedimentação cultural ao longo de décadas ou até séculos em uma sociedade específica (Davel; Paiva Júnior, 2019).

Algumas delas são organizações tradicionais, regidas por sistemas institucionalizados ao longo do tempo pela comunidade. Outras, por outro lado, funcionam como espaços de inovação: a cada nova edição, algo novo é criado e implementado (Davel; Paiva Júnior, 2019). Mesmo nas festas consideradas tradicionais, é possível identificar inovações de várias naturezas: cultural, social e estética. Essas inovações podem ser vistas como leves (*soft*

*innovation*), pois impactam mais o apelo estético e intelectual do que o desempenho funcional dos produtos e serviços (Stoneman, 2010).

Além disso, elas são instâncias multifacetadas e atuam como mediadoras entre desejos individuais e coletivos, sendo um ritual marcado pela efervescência coletiva de afetos, emoções, símbolos, valores e criatividade, em torno de um objeto que se celebra e cuja principal manifestação é a prática de uma identidade específica (Davel; Paiva Júnior, 2019). Cada festa, considerada uma construção social é tanto uma prática, quanto um processo (Czarniawska, 2008a) de organização.

Contudo, mesmo que a modernização facilite a preparação das festas, também transforma sua essência e estética (Marques; Brandão, 2015). Nesse contexto, a sabedoria popular – o saber fazer – corre o risco de se perder ao longo do tempo. Essa situação é ainda mais preocupante quando se observa a deterioração de conhecimentos tradicionais em várias áreas da festa, como na preparação de alimentos, confecção de vestuário e montagem de estruturas.

É inegável que as festas populares, em geral, não conseguiriam atender à crescente demanda sem o auxílio de tecnologias (Marques; Brandão, 2015). Portanto, as mudanças impactam as dinâmicas das festas, embora o novo não elimine a essência do que já existe, pelo contrário, essas transformações promovem novos movimentos, práticas e interações. Assim, é fundamental lembrar que a cultura é maleável, e as alterações nas festas populares são, teoricamente, previsíveis, devendo ser abordadas com cautela para não comprometer sua autenticidade (Canclini, 2003).

Um aspecto relevante da festa para os Estudos Organizacionais é o espaço criativo que emerge da improvisação e da ludicidade. Antes de atingirem seu “clímax”, muitas festas passam por meses de planejamento, refletindo ambiguidade, improvisações e um comprometimento intencional (Davel, 2015). Assim, considerar a festa como uma organização se revela uma abordagem rica para investigar os processos criativos, lúdicos e de improvisação que orientam a prática e o processo organizacional (Davel, 2015).

A festa representa uma experiência significativa na sociedade brasileira, entrelaçada por diversas práticas organizacionais (como festas populares, familiares, públicas, privadas e profissionais) e profundamente enraizada na construção histórica do Brasil (Amaral, 1998). Outrossim é uma prática ritualizada que comunica uma mensagem e revela uma memória, apresentando plasticidade e dinamicidade (Segalen, 2000). A presença de música, alimentos, dança, mitos e máscaras reforça essa proposição. Além disso, “a festa serve como mediadora entre anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente,

presente e futuro, nós e os outros, revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia entre natureza e cultura” (Amaral, 1998, p.52).

A festa é uma construção ativa de memória e, portanto, de identidade cultural no espaço-tempo social. Para Durkheim (1968, p. 547), toda festa possui uma base religiosa e recreativa, podendo unir indivíduos, mobilizar as massas, provocar um estado de “efervescência coletiva”, delírio, excessos e a transgressão das normas coletivas. Ela evoca extravagância, exagero e excessos: o que se consome no dia a dia é amplificado nas festividades; o que se bebe normalmente é elevado em quantidade e em nome de algo que justifique tal gasto e a ressaca; o que se fala, canta e dança é expresso com mais intensidade e prazer (Brandão, 1989).

Em resumo, a festa é uma construção prática do cotidiano, um ritual coletivo situado no espaço-tempo, pautado pela efervescência de afetos, emoções, símbolos, valores e criatividade, em torno de um objeto celebrado, cuja principal expressão é a prática sensorial de uma identidade específica (Davel, 2015). A festa é um circuito de mediações e um ponto de confluência de práticas cujo objetivo é a reunião ativa e expressiva de seus participantes. A organização da festa não se limita à logística e ao planejamento; ela também envolve uma intensa prática emocional, na qual sentimentos e significados se entrelaçam à experiência coletiva.

## 2.2 PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS: DEFINIÇÕES, HISTÓRICO E ABORDAGEM CULTURAL INTERPRETATIVISTA

Na área da Administração, a Teoria da Prática tem ganhado destaque nos estudos organizacionais. Reckwitz (2002) revela como essa teoria se desenvolve dentro do conjunto das teorias culturalistas, movimento que tem sido reconhecido nas Ciências Sociais como a virada da prática. Dessa forma, as teorias com uma abordagem baseada em práticas têm contribuído para os estudos organizacionais (Passos; Bulgacov, 2019), uma vez que estes podem ser conduzidos por múltiplas perspectivas ontológicas e epistemológicas.

O simpósio da *Academy of Management*, em 1998, marcou o início do movimento dos Estudos Baseados em Prática (EBP) na área de gestão. Esse simpósio levou à organização de um grupo de pesquisadores que compartilhavam ideias e referências semelhantes, utilizando as práticas como meio de compreender a aprendizagem, o conhecimento e as organizações (Bispo, 2013b; Vilas-Boas, Davel, Bispo, 2018; Passos e Bulgacov, 2019; Pimentel e Nogueira, 2018). “Um segundo passo na articulação do grupo foi a publicação de uma edição especial da revista *Organization* em 2000 (v. 7, n. 2), editada por Silvia Gherardi, para reunir e divulgar parte dos

artigos apresentados no encontro” (Bispo, 2013b, p. 19). A partir desses eventos, foram surgindo estudos sobre as práticas.

Desde aqueles que concebem a prática como uma ação, aos que identificam que a prática é uma estrutura-linguagem, símbolos e ferramentas que interagem entre si, há também a apresentação da prática como um sistema de atividades (Olivindo *et al.*, 2023). De acordo com Reckwitz (2002), a prática é um tipo de comportamento rotineiro que envolve vários elementos interconectados entre si, tais como formas de atividades, atividades mentais, objetos e seu uso, conhecimento prévio, estados emocionais e motivacionais. Uma prática forma uma unidade que só existe pela presença e conexão específica desses elementos, que não podem ser reduzidos a nenhum deles isoladamente. Essa abordagem reconhece a complexidade das práticas cotidianas e a importância de entender os elementos que as compõem em sua interdependência, em vez de analisá-los separadamente (Bastos; Rocha; Mendonça, 2022).

Para Certeau (2008), as práticas são nossas maneiras de fazer o cotidiano que, por sua vez, é produzido e reproduzido a partir das práticas que se configuram, histórica, social e temporalmente mediante estratégias ou táticas, pois as práticas conferem autonomia de ação aos sujeitos, que podem ser indivíduos, grupos ou organizações (Rezende; De Oliveira; Adorno, 2018). Portanto, as práticas sociais podem ser entendidas como um conjunto de elementos humanos e não humanos envolvidos em uma relação de existência que abrange culturas, pessoas, atividades, ações, hábitos que foi revisitada por olhares científicos que utilizam não uma, mas várias teorias que se relacionam para explicar um determinado fenômeno e então emerge no campo, o movimento “virada prática” (Olivindo; Mendes, 2023).

Os estudos baseados em prática trazem uma abordagem que permite compreender a ordem social, fenômenos coletivos e o entendimento de como ocorrem ações, considerando os elementos não humanos (Gherardi, 2006), e que as atividades são parte corpórea das práticas, mediadas por artefatos e objetos híbridos (Schatzki, 2012). Nesse sentido, a prática é um conceito que permite interpretação de como as pessoas alcançam o ser-no-mundo.

É importante esclarecer que, dentro da abordagem das práticas, o entendimento vai além da noção de rotina, ação individual, ou simplesmente o fazer determinada atividade. Embora seja possível alcançar algumas definições para o termo, entende-se como mais importante avançar na compreensão dos seus pressupostos e significados (Cavalcante; De Souza Bispo; Da Cunha Soares, 2018).

Dessa forma, o modo como uma prática é compreendida e aplicada não se limita a um significado objetivo e universal, mas sim a um entendimento construído de forma intersubjetiva pela comunidade que a prática. Isso permite que alguém reproduza competentemente essa

prática e a aperfeiçoar, é a constante negociação, dentro dessa comunidade, sobre o que é considerado uma maneira correta ou incorreta de realizá-la (Cavalcante; De Souza Bispo; Da Cunha Soares, 2018). Em outras palavras, a interpretação e a execução de uma prática não são fixas, mas antes resultam de um processo dinâmico de entendimento e consenso entre os membros da comunidade que a praticam.

A consolidação dos Estudos Baseados em Práticas (EBP) nos Estudos Organizacionais tem propiciado o surgimento de diferentes abordagens teóricas e metodológicas, envolvendo discussões sobre o conceito de práticas e suas possíveis articulações com outros conceitos utilizados na análise organizacional. Assim, práticas na área de Administração podem tanto se configurar a partir de tecnologias estratégicas, delimitando lugares e sujeitos de saber e de poder, quanto a partir de táticas, resistindo às imposições do cotidiano e praticando os lugares na formação de espaços sociais, caracterizados pela mobilidade e incompletude (Rezende; De Oliveira; Adorno, 2018). Nesse contexto, a perspectiva de Certeau (2002) entende as práticas como as formas pelas quais as pessoas moldam e resistem às dinâmicas do cotidiano, seja por meio de estratégias que delimitam lugares e poderes, seja mediante táticas que subvertem essas imposições.

Essa perspectiva convida a uma maior atenção aos aspectos subjetivos e encarnados das práticas organizacionais. Como os arranjos materiais que estimulam uma conversa mais próxima não apenas com aqueles que se dedicam ao papel dos objetos nas práticas organizacionais, mas também com os interessados em retomar a discussão sobre o espaço da organização e a organização do espaço (Santos; Silveira, 2015). Essa abordagem integrada incentiva um diálogo mais aprofundado entre diferentes correntes teóricas nos estudos organizacionais, tais como aquelas focadas na dimensão corporal e subjetiva das práticas, bem como aquelas interessadas na materialidade e na espacialidade das organizações (Castro Júnior, 2014).

Também Tureta e Alcadipani (2011) observam que as teorias que não se fundamentam nas práticas têm uma tendência a se distanciarem cada vez mais do que de fato acontece no dia a dia das organizações. Porém, esta preocupação com os estudos entre teoria e prática não é algo novo nos estudos sociais. De acordo com Passos e Bulgacov (2019), essa lacuna existe devido à diferença entre a racionalidade científica e a prática, eles explicam que a racionalidade científica se baseia em uma relação sujeito-objeto, adotando uma perspectiva contingencial, que se afasta da racionalidade prática que permeia o cotidiano organizacional. Portanto, existe uma tensão entre a abordagem teórica e a realidade prática das organizações, algo que os

pesquisadores buscam compreender e superar ao adotar perspectivas mais enraizadas nas práticas concretas dos contextos organizacionais.

Outrossim, a lógica da racionalidade prática instiga os pesquisadores a se concentrarem em elementos como rotinas, ações coletivas e as experiências dos indivíduos nas organizações, a fim de compreender mais profundamente as práticas organizacionais (Passos; Bulgacov, 2019). As teorias da prática surgem na tentativa de acessar o que acontece com os indivíduos, suas experiências concretas, saindo das ideias abstratas e constituem um conjunto de teorias que têm como objeto central de estudo as práticas sociais (Cavalcante; De Souza Bispo; Da Cunha Soares, 2018). Apesar de haver uma variedade de autores e teorias dentro do que é chamado de teorias das práticas, há um ponto comum que caracteriza as teorias dessa perspectiva. O principal ponto em comum dessas teorias é a sua unidade de análise, que são as práticas (Passos; Bulgacov, 2019).

De acordo com Antonello e Godoy (2009), os estudos baseados em práticas partem de uma visão da realidade como algo em constante mudança, em que o conhecimento é entendido como uma atividade material, envolvendo não apenas os seres humanos, mas também artefatos simbólicos e culturais. A noção de prática traz mais elementos, na medida em que articula a dimensão espaço e tempo das ações dos atores, ou seja, as práticas situadas, implicando incertezas, conflitos e incoerências como características intrínsecas a elas (Antonello; Godoy, 2009). Essa compreensão permite observar os fenômenos de forma particular, considerando que a temporalidade e a historicidade têm um valor significativo para a compreensão dos mundos sociais (Bispo, 2013b). No entanto, pesquisar organizações requer superar o viés positivista e compreendê-las a partir das experiências dos indivíduos (Bulgacov; Vizeu, 2011). Considerando as organizações como tipos de formação social, entendê-las significa percebê-las como um conjunto de arranjos de práticas que se relacionam entre si (Passos; Bulgacov, 2019).

Segundo Nicolini, Gherardi e Yanow (2003), a noção de prática, em sua essência filosófica, está fundamentada em quatro grandes áreas do conhecimento – na tradição marxista, na fenomenologia e no interacionismo simbólico, além do legado de Wittgenstein. Nessas áreas, fenômenos como conhecimento, significado, atividade humana, poder, linguagem, organizações, transformações históricas e tecnológicas assumem lugar e são componentes do campo das práticas para aqueles que delas compartilham (Bispo, 2013b). Aquilo que uma entidade e/ou evento é, está imbricado no contexto, da mesma forma que a natureza e a identidade do contexto estão imbricadas nas entidades e/ou nos eventos: as características individuais são ontologicamente contínuas às características do contexto social no qual elas existem (Santos; Silveira, 2015).

Porém, o desenrolar da coexistência humana envolveria, assim, múltiplas ações levadas a cabo por uma ou mais pessoas em determinados cenários em que, além de outros seres humanos, há também entidades materiais (atores não-humanos) (Santos; Silveira, 2015). As práticas, então, reúnem as pessoas, participantes em uma dada prática incorporam elementos de, e são consequentemente governados por uma única e comum estrutura: a organização da prática (Santos; Silveira, 2015).

Já os entendimentos, estão relacionados ao saber fazer, isto é, à habilidade, à competência para saber como se pode fazer as coisas, mas também ao entender as ações dos outros, instigar ações desse tipo nos outros e responder a elas em determinados contextos (Santos; Silveira, 2015). Assim, ao invés de determinar o que faz sentido para as pessoas fazerem, especificamente o que as pessoas realmente fazem, o entendimento, a execução das ações ditadas por uma inteligibilidade prática (Santos; Silveira, 2015).

No entanto, a noção de agente humano ou praticante depende, portanto, do engajamento em uma determinada prática, e se refere àqueles que exercem e praticam cada uma das diversas práticas que constituem o mundo social. É, então, de acordo com as práticas nas quais se engaja diariamente que um agente humano é capaz de entender a si próprio e ao mundo em que vive (Reckwitz, 2002). Já os artefatos, outros organismos vivos, coisas são componentes e determinantes da vida social tão importantes quanto as pessoas (Schatzki, 2001). De maneira geral, esse é um elemento cuja incorporação envolve o reconhecimento de que as relações sociais não podem ser restritas apenas às relações entre seres humanos. Os arranjos materiais ajudam a constituir as organizações como algo que abriga atividades humanas e práticas sociais, assim, eles constituem cenários em conjunto com as práticas nos quais as pessoas, artefatos, organismos e “coisas” coexistem e se relacionam dando uma dada identidade no caso das pessoas, e um dado significado no caso dos demais elementos (Santos; Silveira, 2015).

Nesse sentido, uma organização não se resume ao social, ou seja, às pessoas e suas ações, relações e interações, mas vai além dele. Certos tipos de comportamento, de entendimento e de conhecimento, em detrimento de outros, exigem uma revisão mais atenta acerca da concepção que se tem sobre a relação entre os diversos agentes humanos e os diferentes agentes não-humanos (Passos; Bulgacov, 2019). Pois a centralidade de alguns objetos ou elementos não-humanos na prática é tão importante que sua ausência pode suspender e até inviabilizar a realização dela (Santos; Silveira, 2015).

As práticas se sustentam, se reproduzem e se transformam, portanto, não apenas por meio das relações entre os atores, mas também das relações que se estabelecem entre pessoas e objetos. Entender as organizações envolveria, assim, não só “desvendar” as atividades

humanas, mas também apreender as configurações materiais na qual elas estão imersas (Santos; Silveira, 2015). Desta maneira, o que a ontologia contextual enfatiza é que os indivíduos que carregam e dão continuidade às práticas estão imersos em campos de significados que as práticas sustentam (Passos; Bulgacov, 2019).

Também a prática sempre é o resultado de condições históricas específicas, decorrentes de práticas anteriores que se transformam em nossa prática atual. O processo material de produção envolve tanto a criação de bens quanto a reprodução da sociedade. A grande contribuição dessa tradição é epistemológica e metodológica, no sentido de que a prática é um sistema de atividades em que o saber não está separado do fazer e considera a aprendizagem uma ocorrência social e não apenas uma atividade cognitiva (Bispo, 2013b).

Ao considerar as definições de prática para os estudos baseados em prática, a tradição cultural interpretativista fundamenta-se na ontologia, epistemologia e metodologias dos estudos organizacionais que compreendem a cultura organizacional como um fenômeno socialmente construído e situado a partir dos significados que os artefatos ganham em cada grupo ou contexto (Bispo, 2013b).

Dessa forma, Nicolini, Gherardi, Yanow (2003) destacam que as práticas são uma forma de construção, manutenção e mudança cultural. Essa tradição enfatiza especialmente as coletividades e seus atos, incluindo as interações com os objetos que são o foco desses atos, além da linguagem utilizada em cada um deles. Destaca, também, os espaços específicos de significados dos vários artefatos para os atores nas situações vivenciadas (Bispo, 2013b). Strati (2016) argumenta que, para a compreensão e apropriação das práticas nas organizações, é necessário ter um julgamento estético dessas práticas, que pode ser entendido como o conhecimento organizacional construído socialmente, implicando na percepção daquilo que é perfeito ou imperfeito, bom ou ruim, certo ou errado, para os membros de um grupo.

A compreensão dessas práticas implica ser capaz de realizar uma compreensão estética do conhecimento gerado (Bispo, 2013b). Assim, ao discutir o que são práticas e suas relações com humanos e com a materialidade organizacional, pode-se ter uma ideia melhor do que observar quando em campo. Isso pode facilitar, também, a compreensão da dinâmica dos processos de cada organização analisada, fazendo com que o empírico revele como a organização acontece, ao invés de impor visões teóricas de como as organizações deveriam acontecer (Santos; Silveira, 2015).

Porém, cabe destacar, aqui, que, como paradigma teórico, a teoria da prática é ainda um cenário intelectual relativamente não estabelecido, com múltiplas fontes, influências e instâncias. Sendo assim, não existe um quadro teórico definitivo sobre teoria da prática

amplamente aceito pelos pesquisadores. (Bastos; Rocha; De Mendonça, 2022). Apesar disso, a teoria da prática tem demonstrado potencial interessante para a análise de fenômenos sociais e organizacionais.

### 2.3 ORGANIZING: DEFINIÇÕES E CONTEXTO

As práticas, definidas por Schatzki (2005) como ações humanas organizadas, exemplificadas por práticas políticas, religiosas, econômicas, educacionais, formam um conjunto de ações ligadas entre si por compreensões acerca de como fazê-las, uma estrutura de fins, projetos, usos e emoções que são aceitas e ordenadas. Justamente o questionamento da noção naturalizada sobre uma organização, que não é tão linear e natural quanto parece, distancia a compreensão desses fenômenos organizacionais e do entendimento do que seria uma organização e suas práticas (Duarte; Alcadipani, 2016). A partir disso, emergem os estudos sobre o *organizing*, que representam uma abordagem em que as organizações e os fenômenos organizacionais são compreendidos como processos (Duarte; Alcadipani, 2016).

Por outro lado, a visão de Karl Weick (1973) sobre as organizações rompeu com a noção tradicional: em 1969, o autor propôs que o termo "organização" fosse entendido como um verbo, enfatizando o caráter processual e dinâmico destes fenômenos. Weick argumenta que analisar esses processos organizacionais em fluxo contínuo oferece uma compreensão mais precisa da realidade organizacional, em contraposição a uma visão estática e homogênea. Nesta perspectiva, as organizações são construções constantes, resultantes das práticas, interações e interpretações dos atores envolvidos (Czarniawska, 2008a).

Ou seja, as questões acerca dos limites entre as organizações e o seu meio envolvente se intensificaram, de forma que as teorias convencionais não conseguiam explicar a agitação a que certas organizações estavam sujeitas, devido à exigência de inovação e à necessidade de alterações céleres (Czarniawska, 2013b). Essa lacuna teórica motivou autores como Weick, Latour, Schatzki e Czarniawska a voltarem a sua atenção para uma perspectiva processual e dinâmica das organizações (Santos, 2022).

Duarte e Alcadipani (2016) destacam a importância de Cooper (1976) no desenvolvimento dessa abordagem, quando propõe uma epistemologia do processo, mostrando a necessidade da ação humana e o exercício do pensamento em termos processuais. Em concordância com essa perspectiva, os autores Cooper e Law (1995) argumentam que falar de *organizing* é considerar que as organizações estão sempre em movimento e agindo como um resultado contínuo de processos inesperados. Ainda é preciso compreender que o termo

'organização' existe apenas como um resultado contínuo do organizar, compreendido como ordenamentos locais de práticas de organização que, coletivamente, formam a realidade social (Santos, 2022).

A ênfase da análise a partir do organizar representa esforços de pesquisa para entender as organizações como elas acontecem, como verbos e não substantivos, sugerindo, assim, uma perspectiva onde a organização é compreendida como um resultado e não como ponto de partida (Duarte; Alcadipani, 2016). Acreditando que “as organizações nunca explicaram nada, são as organizações que precisam ser explicadas” (Czarniawska, 2006, p. 1557). Czarniawska (2008a) enfatiza que, quando a utilização de um substantivo se torna mais comum, há uma maior ênfase nos objetos e suas propriedades, em detrimento das ações e dos processos, resultando uma ciência natural. É neste aspecto que as organizações devem ser entendidas como processos dinâmicos de criação, assim, deve-se parar de focar nas estruturas e dar foco aos estudos em processos organizacionais, permitindo uma representação real do fluxo de ações que compõem as práticas organizacionais (Possas, 2015).

Assim sendo, o processo organizacional de uma coletividade é representado pelas suas práticas, permitindo sua identificação como organização (Duarte; Alcadipani, 2016). Dessa forma, termos como *organizing* surgiram para designar o movimento da realidade no contexto organizacional (Vasconcelos, 2022). Particularmente, é entendida como uma tentativa de estabilizar o movimento ou um esforço para construir uma ordem previsível num mundo marcado pela dinamicidade (Hernes, 2014). O conceito estabelece também a ligação entre sujeitos e objetos, conhecidos como artefatos, em torno de uma prática (Gherardi, 2006).

Além disso, a noção de tempo é importante para o entendimento do *organizing* pois se trata de um resultado do esforço de integração entre eventos do passado, do futuro e do presente (Hernes; Schultz, 2020). Por meio do *organizing* é possível visualizar como os atores se relacionam em períodos diferentes por meio de estratégias e rotinas, compreendendo fatos antigos ou futuros (Vasconcelos, 2022). Nessa perspectiva, a organização deve ser entendida como uma construção constante dos atores, de suas práticas e de suas interpretações do que estão fazendo e, por isso, haverá divergências sobre o que é a organização (Possas, 2015).

Compreender o mundo como um processo contínuo implica entender as organizações como produtos de processos e atividades que existem antes da própria organização e a tornam possível (Possas, 2015). Nessa visão, as práticas precedem a existência da organização, pois são os processos contínuos que dão origem a ela (Weick, 1973). Consequentemente, o observador percebe um constante organizar das práticas, que pode resultar em estabilidade, mas, na verdade, são constituídas de complexidade e heterogeneidade (Possas, 2015).

Por conseguinte, a principal divergência localiza-se na natureza ontológica do entendimento da organização que não é vista como tendo limites rígidos, não havendo distinção clara entre ambiente interno e externo, como nas abordagens tradicionais (Possas, 2015). Afinal, essa pesquisa é orientada para captar e descrever essas práticas, identificando os atores envolvidos, a importância de suas ações e das redes criadas por eles. À vista disso, esse entendimento é exemplificado por Possas (2015) situando o pensamento em um restaurante: enquanto algumas pessoas estão fazendo suas refeições, outras estão cozinhando, outras limpando, outras recebendo o pagamento e assim por diante. Assim é possível observar processos constantes que acontecem também ao mesmo tempo que dão origem à organização. Por isso, a organização é uma construção constante dos atores (Duarte; Alcadipani, 2016).

Além disso, Duarte e Alcadipani (2016) destacam a importância de pensar a ação humana e o pensamento de forma generalizada, em vez de tratá-los como fenômenos definidos por uma realidade pré-construída, racional e objetiva (Santos, 2022). Nessa perspectiva, elementos como a emoção, comumente rejeitados no ambiente organizacional por serem vistos como ameaças à racionalidade, ganham destaque por serem considerados indissociáveis das relações humanas e, portanto, da própria vida organizacional (Possas, 2015).

Da mesma forma, Weick (1973) versa sobre a ação humana como elemento básico constituinte das organizações, já que estas são formadas por comportamentos repetitivos, recíprocos e contingentes, desenvolvidos e mantidos entre os diferentes atores. Assim, as organizações são compreendidas como constituídas e produtos das ações humanas, possuindo, portanto, as mesmas características inerentes aos seres humanos, como mudança, emoções e imprevisibilidade (Clegg; Kornberger; Rhodes, 2005).

Nessa abordagem, ganham relevância elementos como a mudança, “os espaços vazios, a imprevisibilidade, a ambiguidade, a improvisação, a emoção e o tempo devem ser entendidos como normais na vida organizacional, pois são inerentes à ação humana, sendo a organização o resultado do envolvimento contínuo dessas ações” (Possas, 2015, p.27). Diante disso, a improvisação é entendida a partir da junção entre arranjos existentes e espontaneidade, pois, é a forma como as ações organizacionais mantêm o controle e buscam a inovação, possibilitando outros arranjos. Isto é, a constante tentativa de ordenar o que está em desordem traz inovação e aprendizado para a organização (Possas, 2015).

O *organizing*, portanto, tem como um de seus objetivos “estabelecer ordem e estabilização temporária dos acontecimentos ao longo do fluxo temporal” (Vasconcelos, 2022, p. 48). Já que, ele é baseado em ações que têm uma ordem significativa e previsível no contexto

do eterno vir a ser (Holt; Johsen, 2019), assim, considera-se que o *organizing* pode demonstrar várias maneiras de realizar atividades, modificando o que era feito antes.

Em virtude de um contexto em que o mundo é formado por eventos e estruturas temporais, a organização é vista como uma tentativa de estabelecer ordem em uma realidade marcada pelo dinamismo e pela fluidez (Hernes, 2014). Nessa perspectiva, todas as coisas estão em contínua transformação e, para avançar no conhecimento teórico sobre as características resultantes das interações entre eventos, estruturas temporais e organização, é necessário considerar essa natureza processual e fluida dos fenômenos organizacionais (Vasconcelos, 2022).

Perante o exposto, compreende-se que os estudos sobre a história e trajetória das organizações estão presentes em pesquisas dos teóricos organizacionais, a partir de diversas perspectivas teóricas e metodológicas, abrangendo diversas tipologias organizacionais (Santos, 2022).

Ademais, “as organizações não possuem uma limitação física, como se houvesse algum tipo de barreira ou limite que delimitasse até onde elas podem ir ou quem faz ou não parte daquela organização” (Possas, 2015, p.15). Sob esse olhar, Possas (2015) exemplifica que cada pessoa pode fazer parte de inúmeras organizações, como a escola, o local de trabalho, o supermercado, eventos culturais, entre outros, pois, sem a existência humana, essas formas de se organizar não existiriam (Possas, 2015).

Em suma, adota-se para esta pesquisa a noção de que a organização é uma construção constante dos atores (Duarte; Alcadipani, 2016) e para compreendê-las é necessário entender como elas acontecem, optando-se por utilizar uma lente processual e temporal de análise sob a perspectiva do *organizing* (Weick, 1973). Essa abordagem permite ainda captar a dinâmica e a complexidade inerentes às práticas organizacionais, em vez de uma visão estática e determinista. Assim, a pesquisa pode revelar os aspectos mutáveis, fluidos e imprevisíveis que caracterizam a realidade organizacional. Em conclusão, a análise sob a ótica do *organizing* possibilita uma compreensão mais aprofundada de como as práticas, interações e interpretações dos indivíduos moldam e redefinem continuamente as festas juninas, em oposição a uma percepção da organização como uma entidade fixa e predefinida.

## 2.4 FESTA JUNINA COMO PRÁTICA

Muito se tem discutido acerca de teorias organizacionais tradicionais, em que a organização é frequentemente vista como algo fixo. Porém, estudos mais atuais buscam se

concentrar nas pessoas e em suas atividades diárias (Duarte; Alcadipani, 2016). Partindo da hipótese de que as organizações não possuem uma limitação física e que sem a existência humana essas formas de se organizar não existiriam (Possas, 2015), os espaços de lazer e de sociabilidades contribuem para a criação do sentimento de unidade, ressalta-se que a relação da festa e união entre os sujeitos, os laços de pertencimento criados, culminam em uma organização a fim de celebrar e manter a tradição cultural da região (Pereira; Gillies, 2022).

Sob o ponto de vista de Pereira e Gillies (2022) de que as festas não correspondem apenas a um mero espetáculo, antes de tudo, são um espaço construído pela comunidade, como forma de se fazer ver, se fazer sentir e ser. Neste sentido, as festas podem ser vistas como momentos importantes para a promoção da sociabilidade no contexto da cidade, que ativam a memória dos moradores da cidade, bem como reforçam as tradições culturais, o sentimento de identidade e pertencimento coletivo (Pereira; Gillies, 2022).

As festividades enquanto objetos identificadores das comunidades e meio construtivo que consolidam referência a um determinado lugar ou grupo, também corroboram a transformação social da cidade estreitando os laços entre os sujeitos (Pereira; Gillies, 2022). Tomando como definição de tradição um conjunto de práticas, ritos e símbolos construído no passado e que continua a ser aceito e atuante no presente (Gomes; Santos; Ribeiro, 2015), considera-se que os valores enraizados no cotidiano de um grupo social, regulados por regras aceites por todos, e transmitidos por meio da repetição contínua dessas práticas no espaço e na experiência vivida (Gomes; Santos; Ribeiro, 2015). No entanto, festividades como as festas juninas, o carnaval e outras que se tornaram espetáculos, estão a seguir novos modelos e exigências da pós-modernidade, alterando tais tradições e práticas (Rufino *et al.*, 2017).

Nesse panorama, os passos das festas juninas do Nordeste do Brasil tiveram um percurso histórico que vem acompanhado das mudanças sociais, econômicas e culturais da região. Quando aconteceu a primeira urbanização, no século XIX, surgiram as festas juninas como uma festa espontânea e folclórica nos interiores das pequenas cidades nos arraiais, com quadrilhas importadas da França, ganharam um caráter mais rústico e a dança adquiriu um aspecto rural, com a incorporação de ritmos típicos da região, como o baião, o xote e o xaxado (Da Silva Prazeres; Lucena Filho, 2018).

Do mesmo modo, Pereira e Gillies (2022) discutem as festas juninas no Nordeste brasileiro, as quais, devido ao seu crescimento e elevado grau de elaboração, passaram a fazer parte de um importante calendário do turismo cultural da região. Detalhando todos os ritos e simbolismos pagãos atrelados ao mundo rural europeu. Porém, no Nordeste, “as festas juninas estão diretamente vinculadas ao início da colheita do milho e suas características de origem

rural vêm se mantendo apesar da influência que recebem no meio urbano” (Da Silva Prazeres; Lucena Filho, 2018, p. 3). Também tomando o Nordeste como palco das grandes realizações de festas juninas, a historicidade e as bases para o entendimento das manifestações culturais populares, observa-se como elas propiciam um agrupamento de sentimentos em seus participantes, “sentimentos de pertencimento, de fé e devoção, de recriação e ritualização, que fazem com que as especificidades locais sejam vistas e sentidas de forma mais explícita” (Gomes, 2012, p. 99).

Contudo, no Nordeste, as festas juninas transformam as cidades e o espírito das pessoas, que parecem sentir uma irresistível atração e afinidade pela festa, para grande parte da população desta região esta é a principal festividade do ano, para alguns, até mais importante que o período Natalino (Sousa *et al.*, 2018). Nessa ocasião, toda a população é envolvida com os festejos juninos, mesmo que apenas na posição de expectadores, assim, festa junina se faz presente nas reuniões familiares, nas ruas, no comércio, nas escolas, nas associações de bairros, nos movimentos sociais e nas instituições católicas que veneram os santos juninos (Sousa *et al.*, 2018). Para Da Silva, Da Silva e De Lima (2020) as festas juninas são uma forma de enraizar em cada membro do grupo social os seus valores, normas e tradições. Nesta ocasião, quando as novas gerações se apropriam desses conhecimentos, ou seja, das festas juninas vão surgindo novas formas de representar o viver, o ser e o sentir na atualidade.

Com isso, percebe-se que as festas juninas são repletas de diferentes representações, o que acontece na verdade é um hibridismo cultural, e no interior destas representações, sejam elas representações tangíveis ou intangíveis, são as ressignificações destes elementos culturais para a identificação da cultura. (Da Silva; Da Silva; De Lima, 2020). “Nessa celebração multicultural de imagens, coexistem símbolos representativos da cultura regional, como o chapéu do cangaceiro, o candeeiro e a sanfona, juntamente com fotografias de artistas locais e imagens de santos e crenças que evocam os mitos da região” (Morigi, 2005, p.10).

Ainda Conforme Morigi (2005, p. 6), “uma cultura nacional é um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”. Sendo cultura, “o que revela o sentido coletivo de símbolos, valores, ideias e comportamentos de modo a afirmar que todos os indivíduos e grupos são seres e sujeitos culturais” (Chauí, 1995, p.81). A cultura reflete a valorização do patrimônio imaterial, representado pelos conhecimentos e práticas do cotidiano, pela tradição oral, pela organização social de cada grupo, pelos costumes, crenças e manifestações populares que remontam ao mito formador dos indivíduos, onde os elementos são enfatizados nas percepções e significados atribuídos pelas pessoas (Gomes; Santos; Ribeiro, 2015).

Neste caso, ergue-se a festa junina constituída por vários elementos, agentes e artefatos como fogueira, balões, bandeiras multicoloridas, celebrações religiosas católicas, adivinhações, compadrios, comidas típicas regionais, quadrilhas e forró (Chianca, 2013). Tradicionalmente interioranas, a partir dos anos 80, essas festas também se espalharam pelas cidades, médias e metropolitanas, transformando-se em eventos predominantemente profanos que têm origem em elementos sagrados reinventados pela cultura popular e redesenhados no espaço urbano (Castro, 2012).

Atualmente, durante os dias de festa junina, a cidade se transforma e se torna encantadora, com alterações na decoração das ruas, praças, estabelecimentos comerciais, prédios públicos e casas (Marques, 2018). Pois, são colocadas bandeiras multicoloridas, luzes, fogueiras, candeeiros, fitas de cetim, balões, espigas de milho, chapéus, cestas de palha, imagens de Santo Antônio, São João e São Pedro, representações de casas de taipas/pau-a-pique feitas de barro e madeira, além de tecidos de chita com estampas xadrez e cores fortes (Marques, 2018).

Isto é, as festas geram uma rede de relações sociais e espaciais, bem como a expressão de códigos culturais em diversos aspectos, como a gastronomia, o artesanato e a música, através da organização dos equipamentos necessários, promovendo um sentimento de pertencimento e de continuidade cultural entre os membros da coletividade (Gomes; Santos; Ribeiro, 2015). Além disso, os lugares onde as festas ocorrem singularizam concepções de cultura, memória, identidade e tradição, revelando também as interações entre aqueles que se identificam com esse espaço (Gomes; Santos; Ribeiro, 2015).

Nesse contexto, Morigi (2005) afirma que a festa junina no Nordeste adaptou ou incorporou diversos elementos que fazem parte dos costumes e práticas relacionadas às suas origens rurais e à cultura regional e local. Essas manifestações incluem danças folclóricas, quadrilhas juninas, participação de poetas populares, emboladores de coco, repentistas, forró, dança e música, entre outras, consideradas pela mediação da festa como a essência da nordestinidade. Já a união de diversos elementos, como imagens, sons, ritmos, crenças e práticas compõem uma teia significativa no imaginário social, sendo as raízes provenientes de múltiplas origens, nem sempre de fácil identificação (Morigi, 2005).

Sobre as experiências realizadas pelos corpos nos festejos juninos, Ribeiro (2002) diz que durante as festas juninas, as populações que as vivenciam demonstram uma relação de preparativos intensos e organização cuidadosa, cheia de elementos simbólicos e afetivos, delineando uma linguagem artística particular que articula o sagrado e o profano, a tradição e a inovação. Em que a multiplicidade de elementos estéticos utilizados na decoração e

ornamentação dos ambientes das festas juninas seduz, encanta e integra as pessoas, envolvendo todas as classes sociais, de diversas realidades, trazendo o coletivo que se sobrepõe às diferenças individuais e sociais (Sousa *et al.*, 2018).

Sobre os símbolos e imagens, Langer (2011) em sua obra explica que são recursos que revelam importantes aspectos para as dimensões histórica e cultural da humanidade. De fato, é indiscutível a presença desses elementos nas comemorações juninas, a presença das imagens e dos símbolos que conserva as culturas abertas (Sousa *et al.*, 2018). Além disso, as danças compõem parte importante nas festas juninas, a presença do forró pé-de-serra e das quadrilhas juninas, que são consideradas uma herança do folclore francês, com a incorporação de manifestações da cultura portuguesa, “acrescida de manifestações típicas da cultura portuguesa apresentando termos franceses para chamar os movimentos que os pares precisam executar, como por exemplo, “anarriê”, que significa “para trás”; “anavã”, significa “em frente”, entre outros” (Amaral, 2001, p. 180).

Outrossim, os indivíduos se vestem com indumentárias características do homem matuto e do campo (Sousa *et al.*, 2018), geralmente, utilizando camisa xadrez com calça rasgada, calçando botas e chapéu. Conjuntamente há a tradição culinária “ceias regadas com os derivados da mandioca – pé de moleque, beiju, – do milho – pamonhas, canjicas, mungunzá e os bolos de milho – puba e macaxeira, além do milho assado, milho cozido, amendoim, licores de frutas locais” (Menezes, 2014, p.9), que acontecem principalmente no dia da celebração de São João, principalmente se existir na residência um João. Além disso, percebe-se o elemento simbólico das festas juninas que é o fogo e os fogos de artifício (Sousa *et al.*, 2018).

Nessa circunstância, as festas juninas do passado aconteciam no âmbito familiar e comunitário, envolvendo a casa e o entorno residencial, atualmente, observa-se uma expansão desses eventos, que se tornaram espetáculos realizados em espaços públicos e privados (Castro, 2012). Hoje, essas festas atraem milhares de jovens, pois destacam-se a presença de artistas e grupos musicais famosos, a monumentalidade dos palcos, a cenografia elaborada e a atmosfera festiva explosiva. Além disso, nos moldes comerciais atuais, as festas juninas incorporaram uma pluralidade de ações, práticas sociais e componentes simbólicos, míticos, rurais, urbanos, tradicionais, modernos, sagrados e profanos, criando uma mistura de significações entrelaçadas (Morigi, 2005).

Apesar das festas juninas serem celebradas em praticamente todo o Brasil, cada comunidade possui uma forma particular de festejar, contudo, observa-se uma maior compatibilidade nas cidades do Nordeste, especialmente nas áreas interioranas (Sousa *et al.*, 2018). Nas comunidades nordestinas, os festejos aos santos juninos estão mais relacionados a

aspectos como religiosidade, costumes, cultura e questões sociais, já nas grandes cidades, a comemoração assume um caráter mais espetacularizado, com a realização de grandes shows, buscando expandir as esferas do turismo e da economia (Sousa *et al.*, 2018). Todavia, as significações presentes nas festividades juninas passam a fazer parte e a interagir com o acervo do imaginário social, a maneira como compreendem-se os elementos simbólicos desses festejos depende do local onde se vive, das pessoas que rodeiam, de cada tradição e cultura (Morigi, 2005).

Atualmente, por todo o Estado de Sergipe, as festas juninas, com ênfase na celebração de São João, são as festividades católicas comemoradas com maior vigor atualmente, sendo um momento de confraternização familiar, em que as ruas são decoradas com bandeirolas, as fogueiras são acesas em frente às casas, e mesas com as comidas tradicionais são dispostas nas calçadas ou garagens (Menezes, 2014). Vale ressaltar o uso de fogos no contexto festivo das festas juninas de Estância, uma prática conhecida e muito apreciada, que valoriza o espetáculo e insere elementos pirotécnicos em uma dimensão lúdica, envolvendo brincadeiras, desafios, riscos, medo, espanto e admiração. “O ritual de fogos, além de sua dimensão espetacular, cria uma imensa rede de comunicação entre a população local e os turistas, favorecendo a transmissão de valores e o aprendizado de práticas culturais” (Da Silva Leal, 2017, p.3). Tal manifestação cultural resulta de um saber-fazer construído por meio de sensibilidade, criatividade e engenhosidade de seus artesãos.

## 2.5 TEORIAS DA PRÁTICA, *ORGANIZING* E FESTA JUNINA

As festas juninas, enquanto manifestações culturais populares, configuram-se como um objeto de pesquisa relevante para a área de estudos organizacionais. Isso porque essa abordagem reconhece a complexidade das práticas cotidianas e a importância de entender os elementos que as compõem em sua interdependência, em vez de analisá-los separadamente (Bastos, Rocha; De Mendonça, 2022). O conceito de prática estabelece a ligação entre sujeitos e objetos, também conhecidos como artefatos, em torno de uma determinada atividade (Gherardi, 2006). Essa perspectiva explana o processo organizacional de uma coletividade, representado por suas práticas, o que permite identificá-la como organização (Duarte; Alcadipani, 2016).

Nessa linha, as festas juninas se mostram especialmente interessantes, uma vez que a variedade de fenômenos estéticos presentes nos ambientes ornamentados para esses festejos – como as brincadeiras, comidas típicas, simpatias, músicas e danças – seduzem, encantam e integram os sujeitos, envolvendo todas as classes sociais e diversas realidades, apregoando a

face do coletivo que se sobrepõe às diferenças (Sousa *et al.*, 2018). Essa riqueza simbólica e prática permite que as festas juninas proporcionem “um campo fértil de análise para o significado desse período tão importante na cultura brasileira [...] evidenciam as crenças, costumes e competências cognitivas da sociedade, revelando-se como um símbolo de acentuada contribuição social” (Rangel, 2008, p. 11).

Morigi (2005) compreende que o cenário da festa junina é composto por diversos ícones e símbolos que, em seu conjunto formam um campo imagético para o qual convergem e proliferam os sentidos, mediando simbolicamente concepções, unindo e interligando laços, integrando percepções baseadas no discurso da tradição cultural e na identidade local e regional.

O desenrolar da coexistência humana – ou da vida social como um todo, ou de uma organização, em particular – envolveria, assim, múltiplas ações, sempre de fins abertos, mas organizadas, realizadas por uma ou mais pessoas em determinados cenários onde, além de outros seres humanos, há também entidades (Santos; Silveira, 2015). Nesse contexto, os corpos dançantes, fantasiados ou não, escrevem o enredo da festa, narrando suas histórias para os outros e ouvindo o que eles têm a lhes contar, ocorrendo assim diálogos entre corpos que apresentam uma dinâmica discursiva em seus ritmos e movimentos, expressando cheiros, cores e afetos (Castro Júnior, 2014).

Esse olhar abre novas possibilidades para explorar e buscar entender a produção da organização, pois, nela, a organização é compreendida como um resultado ou produto final e não como ponto de partida (Czarniawska, 2008a). Assume-se que "as organizações nunca explicaram nada; são as organizações que precisam ser explicadas" (Czarniawska, 2006, p. 1557).

De acordo com Vizeu (2010), a pesquisa histórica em si mesma possibilita a teorização sobre os fenômenos organizacionais contemporâneos, justamente por permitir um melhor entendimento sobre problemas, temas priorizados e aspectos gerais relacionados à prática organizacional. Nessa linha, o *organizing* pode permitir que decisões sejam tomadas ou modificadas ou mantidas, pois o *organizing* também pode gerar uma forma diferente de realizar atividades, rompendo com um modelo anterior (Vasconcelos, 2022). Dessa forma, a perspectiva do *organizing* oferece uma lente temporal e processual para compreender a produção da organização, em vez de compreendê-la como um produto. Com isso, é possível debater a mudança nas festas juninas a partir da década de 1990, que ocasionaram uma dispersão temporal (Castro, 2010), fazendo com que o aspecto interiorano fosse esquecido e substituído por shows de dezenas de bandas de forró nos meses que antecedem as festas do ciclo junino, como março, abril e maio, principalmente em arenas privadas.

Nicolini, Gherardi, Yanow (2003) argumentam que as práticas são formas de construção, manutenção e transformação cultural. Essa abordagem enfatiza as coletividades e suas ações, incluindo as interações com os objetos que são o foco dessas ações, bem como a linguagem utilizada em cada uma delas. Outrossim, esse rearranjo espaço-temporal pode indicar uma descaracterização das festas juninas, afetando sua essência tradicional (Castro, 2010). Predominantemente o viés mercadológico das festas juninas urbanas contribuiu para acelerar algumas transformações notadas em eventos dessa natureza nas duas últimas décadas. A crescente relevância simbólico-econômica dos festejos juninos tem pressionado as capitais litorâneas na direção de uma maior especialização na elaboração e oferta das suas festas (Alves, 2017), por isso, a dinâmica cultural dessas festas também passou por mudanças estruturais.

A lógica da racionalidade das práticas, apontada por Sandberg e Tsoukas (2011), é uma lógica de entrelaçamento de ações e seus significados, pois provém do conceito de estar no mundo, trazendo a percepção de pesquisadores para elementos como rotinas, ações com entendimento coletivo, indivíduos e suas experiências dentro das organizações, a fim de compreender as práticas organizacionais. As teorias da prática surgem na tentativa de acessar o que acontece com os indivíduos, suas experiências, aprofundando-se, saindo das ideias abstratas (Passos; Bulgacov, 2019).

Falar de organizar, assim, é entender as organizações enquanto fenômenos heterogêneos emergentes, como um resultado do *organizing*, compreendido como ordenamentos locais de práticas de organizar que coletivamente formam a realidade social (Cooper; Law, 1995). Ademais, a festa junina no Nordeste adotou uma série de outros elementos que constituem os costumes e as práticas pertencentes às suas origens rurais e à cultura regional e local, expressas através de danças, participação de poetas populares, repentistas, músicos, entre outras manifestações, definidas pelo conjunto de mediadores da festa como a essência da nordestinidade (Morigi, 2005). Por isso, é um evento que consegue reunir diversos elementos diferenciados que constituem a cultura nordestina e sintetiza várias expressões dispersas no interior do imaginário social da cultura regional.

De acordo com Gomes, Santos e Ribeiro (2015), a cultura se configura por meio de um conjunto de saberes presentes nos componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos que são transmitidos por meio de sistemas de relações entre os indivíduos, mas expressos diferentemente por cada um. Assim, as festas juninas pelo olhar do *organizing* se relacionam às práticas como parte da cultura e dos saberes. Desta maneira, “o que a ontologia contextual enfatiza é que os indivíduos que carregam e dão continuidade às práticas estão imersos em

campos de significados que as práticas sustentam e estes campos são contextos específicos de cada prática” (Passos; Bulgacov, 2019, p. 8).

Em um ritmo lento, as mudanças vão se fazendo presente nas manifestações culturais de determinadas sociedades, no entanto, quando essas transformações acontecem de modo acelerado, fragmentado surgem novas formas, como por exemplo, novas identificações culturais. Morigi (2005) expressa que essas identificações surgem devido ao significado que a expressão popular tem numa sociedade contemporânea, principalmente no Nordeste brasileiro, onde há uma persistência da cultura tradicional, se comparado com outras localidades onde o ritmo e as mudanças são mais intensos.

Além disso, Schatzki (2001, p. 58) define que "uma prática é um conjunto de dizeres e fazeres, que são organizados por um conjunto de entendimentos, um coletivo de regras e a estrutura teleoafetiva". Somada a essa visão, Cooper e Law (1995) argumentam que falar de *organizing* é considerar que as organizações estão sempre em um curso ativo de ações, sendo um contínuo resultado de processos precários e parciais. O estudo da temporalidade sob a perspectiva processual está diretamente relacionado à noção de *organizing*, uma vez que a criação e manutenção da vida organizacional dependem da intervenção dos atores sobre o tempo, pois se trata de um resultado do esforço de integração entre eventos do passado, do futuro e do presente (Hernes; Schultz, 2020).

Assim, a cultura que pode ser entendida como o conjunto de práticas, técnicas, símbolos e valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social entra num contexto de práticas organizacionais (Silva; Silva; Lima, 2020). As festas juninas são um exemplo claro dessa dinâmica como uma forma de enraizar, em cada membro do grupo social, os seus valores, normas e tradições. Quando as novas gerações se apropriam desses conhecimentos, surgem novas formas de representar o viver, o saber e o sentir na atualidade (Silva, 2008).

Seguindo as considerações Nicolini, Gherardi, Yanow (2003), entender a prática a partir da tradição interpretativa cultural implica em dar atenção aos significados que os artefatos têm para os indivíduos e compreender o sentido que eles adquirem no coletivo. Nesse contexto, os símbolos e imagens revelam importantes aspectos para as dimensões histórica e cultural da humanidade, conforme explicam Sousa *et al.* (2018), especialmente no nordeste brasileiro, as festas juninas transformam as cidades e pessoas, por meio da interação com diversos artefatos.

Uma perspectiva baseada em prática enfatiza a natureza coletiva, situada e provisória do conhecimento, em contraste com uma visão racional e cognitiva, em que o ponto central é o

reconhecimento dos contextos sociais, históricos e estruturais nos quais as ações ocorrem (Bastos; Rocha; De Mendonça, 2022).

Os estudos que abordam a prática como um fenômeno ou como objeto empírico destacam a ação humana diante do contexto organizacional, e as pesquisas sobre prática como forma de ver se fundamentam na premissa de que a realidade social é composta de práticas, ao invés de enxergar o mundo social como externo aos agentes humanos (Bastos; Rocha; De Mendonça, 2022). Assim as festas que correspondem a um espaço construído pela comunidade “como forma de se fazer, sentir e ser” (Silva; Angelo, 2016, p. 12), podem ser consideradas como importantes momentos para o exercício da sociabilidade, reforçando as tradições culturais, gerando o sentimento de identidade e pertencimento coletivo.

Partindo desse entendimento, compreende-se, como destacam Silva e Angelo (2016, p. 19), que as “festividades enquanto objetos identificadores das comunidades e meio construtivo que consolidam referência a um determinado lugar ou grupo, também [...] corroboram para a transformação social da cidade”. Ou seja, pode-se levantar a hipótese de que as festas ocorridas na região, ao estreitarem os laços entre os sujeitos, contribuem para essa transformação. Assim, a festa junina é, no imaginário social, a atualização da identidade cultural regional. No Nordeste, “estão intimamente ligados ao lugar, à região, às raízes locais e aos valores culturais regionais, gerando o sentimento de pertença aos participantes da festa, fazendo-os crer e sentir-se pertencentes imaginariamente a ela e ao seu lugar” (Morigi, 2005, p. 3).

Dessa forma a cultura expressa as singularidades dos sujeitos, e sua dinâmica se manifesta de acordo com as experiências e vivências do grupo social (Gomes; Santos; Ribeiro, 2015). Da festa junina advém uma rede de relações socioespaciais, assim como códigos culturais manifestados na gastronomia típica, no artesanato e na musicalidade, revelando a emergência de um sentimento de pertença e de continuidade cultural a uma dada coletividade (Gomes, Santos Ribeiro, 2015).

Todavia, de acordo com Gherardi (2013), o vínculo que liga o praticante à sua prática, ao seu objeto e à sua identidade como praticante, bem como aos outros profissionais, envolve uma relação apaixonada e prazerosa ou dolorosa, tanto compartilhada quanto coletivamente elaborada. Esse vínculo não se resume apenas à relação com o objeto da prática e aos sentimentos associados, mas também aos efeitos da formação coletiva do gosto quando os juízos estéticos que suportam a prática são formados.

Essa abordagem destaca a importância das emoções na vida organizacional, contrastando com a visão tradicional que as considera uma ameaça à racionalidade dando espaço para a imprevisibilidade e emotividade (Possas, 2015). Nesse contexto, “as culturas

nacionais e regionais, ao produzirem sentidos sobre a "nação" ou a "região", com as quais as pessoas podem se identificar, constroem identidades” (Hall, 1997, p. 55).

Destarte, em um mundo formado por eventos e estruturas temporais o *organizing* é considerado como uma tentativa de estabelecer ordem nessa realidade caracterizada por dinamismo e fluidez, avançando no conhecimento teórico das características decorrentes das interações entre eventos e ações relacionadas (Vasconcelos, 2022). Portanto, a festa junina permite desvelar a complexidade dos fenômenos organizacionais presentes nessas manifestações culturais populares, contribuindo para uma visão mais ampla e aprofundada dos estudos organizacionais (Sousa *et al.*, 2018). Enfatizando a relevância das pesquisas sobre o assunto na área de Administração, seja em termos de cultura organizacional ou na transmissão do saber-fazer (Rezende; De Oliveira; Adorno, 2018).

### 3 METODOLOGIA

Nesta seção, estão elencados os procedimentos metodológicos adotados no presente trabalho, divididos em sete tópicos: (1) questões norteadoras, (2) delineamento da pesquisa, (3) método de pesquisa: história de vida, (4) delimitação dos casos, (5) coleta de dados, (6) história de vida e sua sistematização, (7) análise dos dados, (8) protocolo de pesquisa e (9) limitações.

#### 3.1 QUESTÕES NORTEADORAS

A pesquisa tem como problema central a seguinte questão: Como ocorrem as práticas organizacionais sob a perspectiva do *organizing* nas festas juninas do estado de Sergipe? Para responder a este questionamento, foram elencadas as seguintes questões norteadoras, que têm como função auxiliar no alcance dos objetivos específicos da pesquisa:

- a) Quem são os sujeitos, artefatos e práticas das festas juninas sergipanas pesquisados?
- b) Como surgiram e se perpetuaram essas práticas?
- c) Como se dá o surgimento e aceitação ou não aceitação dessas práticas?
- d) Quais os detalhes de cada uma dessas práticas?
- e) Qual a percepção dos atores em relação às práticas e a outros elementos envolvidos nelas?

#### 3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Tendo como objetivo compreender as práticas organizacionais sob a perspectiva do *organizing* em festas juninas sergipanas, a pesquisa será caracterizada como qualitativa e exploratório-descritiva, fundamentada na observação sistemática de práticas que se relacionam aos festejos e artefatos juninos do estado de Sergipe.

A abordagem qualitativa foi escolhida para essa pesquisa por apresentar-se como uma forma de estudar empiricamente e compreender em profundidade fenômenos sociais e humanos (Godoy, 2018). Além disso, segundo Merriam (2002), a investigação qualitativa baseia-se na construção social do significado pelos indivíduos em interação com seu mundo. Dessa forma, a abordagem é adequada, pois busca regularidades, bem como a compreensão dos atores e das suas ações (Godoi; Bandeira-de-Melo; Silva, 2010). A pesquisa se relaciona com a prática organizacional ao investigar como os elementos culturais e sociais das festas juninas influenciam a dinâmica organizacional das comunidades sergipanas. Compreender essas práticas não apenas esclarece a forma como as tradições são mantidas e adaptadas, mas também

revela como os indivíduos e grupos se organizam em torno de um propósito comum, promovendo a coesão social e a identidade cultural

Como expõe Merriam (2002), a realidade não é o fenômeno fixo, por isso existem várias pesquisas qualitativas de realidades que estão em fluxo e que mudam ao longo do tempo. Isso reforça o interesse em compreender como os indivíduos vivenciam e interagem com seu mundo social, atribuindo-lhe significado. Além disso, a pesquisa qualitativa é de particular relevância aos estudos dessas relações devido à “pluralização das esferas da vida que exige sensibilidade para os estudos empíricos” (Flick, 2009, p.20). Ademais, Kalof, Dan e Dietz (2008) afirmam que o ponto central da pesquisa qualitativa é compreender como as pessoas interpretam e dão sentido ao mundo, bem como cumprem suas rotinas diárias. Para explorar isso, essa abordagem se concentra em comportamentos, interações, sentimentos e símbolos, a fim de desvendar os significados embutidos nessas questões, que são o *organizing* das festas juninas.

Como características da pesquisa qualitativa, Creswell (2010) acrescenta que os pesquisadores coletam pessoalmente os dados e criam seus próprios padrões, categorias e temas, por isso há uma pesquisa em movimento, que se altera e se adequa depois que o pesquisador entra em campo e inicia a coleta de dados. Além disso, é uma investigação interpretativa, pois os pesquisadores interpretam o que ouvem e observam. Diante disso, a epistemologia deste estudo é interpretativista, uma vez que busca compreender os fenômenos por meio dos significados atribuídos pelos atores sociais em festas juninas. Esse posicionamento se concentra na complexidade do ser humano e dos fenômenos sociais, buscando o entendimento dentro de um determinado contexto (Pozzebon, Petrini, 2013).

A pesquisa é exploratória e descritiva. Exploratória pois têm como principal finalidade desenvolver ideias sobre as práticas organizacionais em festas juninas sergipanas, além de proporcionar visão geral acerca do fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado (Bispo 2013b) e conhecido tornando-se difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis sobre ele (Vergara, 2009). Também descritiva, pelo fato de a investigação ter realizado uma descrição de características de um grupo relevante e delimitado as percepções de determinados objetos ou fenômenos- as festas juninas de Estância e da Rua São João- aprofundando o tema estudado (Saunders; Lewis; Thornhill, 2007). Além disso, é considerada uma pesquisa descritiva, pois há uma tentativa de expor determinadas características dos informantes-chave, bem como de seus relacionamentos (Vergara, 2009).

### 3.3 MÉTODO DE PESQUISA: HISTÓRIA DE VIDA

De acordo com Barros e Lopes (2014), há uma possibilidade de compreender a interação, as vivências e os comportamentos de um indivíduo que busca se relacionar em diversas situações dentro de um mundo que ele mesmo constrói, utilizando a abordagem da História de Vida. A metodologia da história de vida foi transmitida pela Escola de Chicago nas décadas de 1920 e 1930, por meio de pesquisas empíricas realizadas pela Sociologia, que coletavam documentos pessoais e narrativas de vida durante os trabalhos de campo (Barros; Lopes 2014).

Desde então, diversos estudos que adotaram a história de vida como método de pesquisa foram publicados, abrangendo diferentes perfis de indivíduos e áreas do conhecimento, como ladrões (Sutherland, 1930), um índio hopi (Talayesva, 1962), uma família mexicana (Lewis, 1963), ex-trabalhadores (Blasquez, 1976). A partir de 1983, expandiu-se para os campos da Educação e formação de adultos, sendo gradualmente incorporada ao campo da Administração de Empresas (Barros; Lopes, 2014).

A principal potencialidade dos métodos biográficos é valorizar o papel do sujeito na história, possibilitando uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação, da construção de sentidos e das representações de grupos e indivíduos em um dado contexto social, além da intensificação da reflexividade na pesquisa (Santos; Davel, 2021).

Ao reposicionar a interação pesquisado-pesquisador, os métodos biográficos abrem novas portas para a pesquisa, levando em conta que as histórias de vida não são algo fixo nem estático (Santos; Davel, 2021). Acrescenta-se ainda a facilidade ao acesso a informações complexas, contextualizadas, situadas, sutis e sensíveis. Os métodos são particularmente adequados para explorar problemas e questões para as quais as informações são de difícil acesso (Rouleau, 2015), apesar dessa pesquisa não ter difícil acesso social, é algo com poucas informações o que se adequa a escolha da história de vida. Ao incorporarem a subjetividade e a intersubjetividade como parte inerente do processo de pesquisa, os métodos biográficos possibilitam a investigação dos fenômenos complexos, alcançando dimensões mais sutis, sem reducionismos e sem uma interpretação linear entre causa e efeito (Santos; Davel, 2021).

Consequentemente, esse método permite a coleta de informações complexas o que maximiza o tempo e os recursos dos pesquisadores. Ao fomentar a reflexão da vida por meio de narrativas, os métodos contribuem para que o pesquisador alcance uma interpretação complexa das organizações (Tsoukas; Hatch, 2001), tomando o próprio fenômeno organizacional como uma narrativa por se tratar de uma sucessão de acontecimentos transcorridos em uma dimensão temporal. Esses acontecimentos são imersos em um dado contexto, perpassados por relações dinâmicas e paradoxais, que agregam diversas

subjetividades, e cujo sentido é construído durante e a partir do próprio processo de ação-reflexão, no qual se insere também o próprio esforço do pesquisador (Santos; Davel, 2021).

Utilizar a história de vida, trata-se da busca de articular uma voz com experiências únicas a uma experiência humana universal, fundamentando-se na experiência e na interpretação, dois termos muito relativos. Assim sendo, enviesamento e dificuldades em generalizações são desafios que via de regra se apresentam na utilização deste método (Santos; Davel, 2021).

Além disso, nos métodos biográficos, a questão ética não é simplesmente obter o consentimento do entrevistado para que sua história seja registrada e analisada, nem somente garantir a confidencialidade e anonimato. A análise narrativa implica extensos compromissos éticos, tendo em vista que o pesquisador que solicita as histórias das pessoas não coleta apenas dados, mas concorda em entrar em um relacionamento com o entrevistado e se tornar parte sua história (Frank, 2002). Ao contar sua história de vida, uma pessoa se expõe e se apresenta vulnerável de muitas formas distintas (Cassell *et al.*, 2018), por isso é preciso não perder de vista que existe uma relação de poder entre entrevistador e entrevistado que pode afetar não apenas como a história é contada, mas o impacto do que é dito sobre quem está dizendo. A ética também está relacionada ao processo de interpretação das histórias.

Considerando essas justificativas teóricas, a utilização da história de vida nesta pesquisa visa atender ao objetivo do estudo, pois este método possibilitou a coleta de dados a partir das narrativas dos atores, permitindo que os entrevistados compreendam as práticas, o contexto e o que faz parte delas sob a perspectiva do *organizing*.

Os participantes relataram como tiveram acesso inicial às práticas, quais suas percepções das práticas, atores e artefatos envolvidos, quais os sentidos construídos ao decorrer da prática considerando a tradição e as mudanças que ocorreram com o tempo. Acredita-se que ao permitir que um indivíduo compartilhe sua experiência de vida e suas interações com o campo e suas práticas, consegue-se em um rico acervo de informações acerca do fenômeno estudado.

Gaulejac (2009) destaca que o propósito do método da história de vida é acessar uma realidade que vai além do narrador. Portanto, ao contar sua história de vida de uma forma que é única para o sujeito, busca-se compreender o universo ao qual ele pertence. Isso revela a interação contínua e simultânea entre o mundo subjetivo e os fatos sociais (Barros; Silva, 2002). Barros e Silva (2002) observam que, ao se apropriar do social, o indivíduo imprime sua marca e reinterpreta essa realidade social em sua subjetividade, reinventando-a constantemente, e vice-versa.

Além disso, a metodologia promove uma escuta engajada e participativa, conforme destacado por Nogueira (2004). Essa relação de cumplicidade entre pesquisadores e participantes possibilita uma reflexão crítica sobre as experiências narradas, enriquecendo a análise dos dados e permitindo que os sujeitos reinterpretem suas trajetórias. Como Burger e Vituri (2013) ressaltam, essa interação oferece uma visão mais clara do presente e do futuro, ao mesmo tempo que ilumina as dinâmicas sociais e culturais subjacentes.

A escolha da metodologia da História de Vida é essencial para a pesquisa, pois permite uma compreensão profunda das práticas organizacionais dentro do contexto das festas juninas sergipanas. Através da narrativa pessoal dos participantes, é possível acessar não apenas a experiência individual, mas também as interações sociais e culturais que moldam essas práticas. Como afirmam Barros e Lopes (2014), essa abordagem possibilita entender as vivências e comportamentos de indivíduos em contextos que eles mesmos constroem, revelando a complexidade das relações sociais. Para esses autores, a entrevista com uma única pessoa pode revelar ideologias, comportamentos e valores da sociedade em que essa pessoa está inserida.

Por outro lado, Brandão (2007) apresenta uma perspectiva diferente daquela de Barros e Lopes (2014), argumentando que, apesar de compartilharem um mesmo contexto socioeconômico, a realidade de cada vida é única. Cada história de vida é distinta, e possui limites sociais que afetam a ação e o pensamento humano, além de sua capacidade de se posicionar além das normas sociais. Barros e Lopes (2014) afirmam que determinados contextos narrados na história de vida podem estimular a capacidade de gerar ações, como mudanças sociais, crises socioeconômicas, formas de individualismo ou sociabilidade, lutas, resistências, poder e trajetórias profissionais, influenciando também o próprio trabalho.

A história de vida é fundamentada nas narrativas de indivíduos sobre seu cotidiano, apresentadas da maneira que considerem mais adequada, abordando as situações, experiências e ações que vivenciaram. Este método ainda é pouco explorado nas pesquisas em Administração (Maccali *et al.*, 2013). Isso é particularmente relevante em um cenário cultural como o das festas juninas, onde as tradições e inovações coexistem. Ao coletar dados através das narrativas, a pesquisa não apenas documenta práticas, mas também explora como os indivíduos interpretam e reinterpretem suas vivências, contribuindo para uma compreensão mais rica e contextualizada do fenômeno.

Por fim, a História de Vida, ao centrar-se no indivíduo, também revela ideologias, comportamentos e valores que permeiam a sociedade, como afirmam Barros e Lopes (2014). Essa abordagem é particularmente valiosa em um campo como a Administração, onde a compreensão das práticas organizacionais pode ser ampliada por meio das experiências vividas

e das narrativas pessoais. Portanto, a utilização da História de Vida nesta pesquisa é não apenas necessária, mas fundamental para captar a complexidade e a riqueza das práticas organizacionais nas festas juninas sergipanas.

### 3.4 DELIMITAÇÃO DOS CASOS

Como Sergipe vem ganhando destaque pelas suas festas juninas que acontecem além dos meses juninos, o estudo sobre tais eventos chama a atenção, pois as festas juninas em Aracaju, apesar de ser a capital, têm um aspecto interiorano e celebram a continuidade de tradições juninas (Turismo Sergipe, 2024) . Ademais, segundo a Secretaria do Turismo do estado de Sergipe (2023) essas festividades impactam a economia estadual, gerando empregos e aumentando o número de turistas que visitam o estado. Isto que os principais critérios utilizados na seleção dos casos costumam ser a conveniência, o acesso aos dados e a proximidade geográfica (Yin, 2001), nesse trabalho utilizaremos também esses dois critérios.

Os casos escolhidos foram selecionados pela importância histórica e legal no estado diante das dezenas de festejos presentes, levando em consideração as leis que destacam a importância desses espaços. A seleção dos casos é intencional, e possui abordagem qualitativa (Creswell, 2010). Nesse cenário, os informantes-chave desta pesquisa serão os atores dos festejos escolhidos, sendo eles ponto histórico e participantes em tempo real.

Isto posto, a pesquisa foi aplicada em dois locais concomitantemente. Primeiramente ocorreu na Rua São João, que, desde maio de 2018, é reconhecida como Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial a Tradição dos Festejos Juninos pela lei 5.032/2018 de Aracaju. O ambiente dos festejos juninos existe há cerca de 114 anos, sejam manifestações de caráter religioso, coletivo e familiar ou rituais como a troca de mastro, os sambas de coco, a missa campal, o casamento caipira, e por seus tradicionais concursos de quadrilhas.

Em entrevista ao Governo do estado de Sergipe, no YouTube, a pesquisadora Aglaé Fontes (2023) afirmou que a primeira organização social das festas juninas nessa rua aconteceu em 1911 e, a partir daí começaram a aparecer as comissões que eram formadas por moradores do local. Após isso, surgiram muitos problemas, entre eles políticos e de manutenção; com esta desarmonia, houve uma decadência muito grande, durante um período, nos festejos da rua.

Hoje a festa na Rua São João apresenta, além do aspecto religioso, um nítido crescimento profano com danças, comidas típicas e muito forró onde moradores de toda a cidade vão para se divertir. Inicialmente, a festa acontecia durante todo o mês de junho, porém com a dificuldade financeira e o surgimento de outras festividades juninas, a Rua São João foi

perdendo espaço. Em 2023, o governo estadual decidiu criar a “Segundona do turista”, que atrai turistas e moradores da capital sergipana para a Rua São João. Com shows musicais e apresentações de quadrilhas e grupos folclóricos, o evento resgata a tradição histórica da rua e inicia os preparativos para a programação dos festejos juninos no estado, ocorrendo desde antes dos festejos juninos, até as festas natalinas.

**Figura 1** – Quadrilhódromo da Rua de São João-Aracaju/ Sergipe em 2023



Fonte: Governo do estado de Sergipe (2023).

A segunda festividade pesquisada foi a Festa junina da cidade de Estância-Sergipe, que é famosa pela variedade cultural, mas também pela produção de fogos e barco-de-fogo que é uma atividade tradicional que singulariza o município. “Consiste em um pequeno barco de madeira e papelão enfeitado com criatividade e recheado de tabocas com pólvora que atado a um longo varal se desloca pela combustão da pólvora encerrando um espetáculo de cores e sons únicos em poucos segundos de percurso” (Ramos, 2018, p.13). Seu valor simbólico e econômico possibilitou o reconhecimento dessa tradição ao nível de Patrimônio Cultural e Imaterial de Estância e de Sergipe, Designado pelo IPHAN.

As festividades estancianas incluem competições tradicionais, musicalidade tradicional, além de shows de fogos e um artefato único, o Barco-de-fogo, artefato pelo qual a cidade é conhecida como capital. O primeiro Barco-de-fogo produzido no município de Estância data do final da década de 1930, por Francisco da Silva Cardoso – popularmente conhecido como

Chico Surdo (Ramos, 2018). Devido à impossibilidade de realizar o sonho de ser pescador ele decidiu usar a criatividade, então, acoplou fogos de artifício em uma ripa de madeira que, ao entrarem em combustão, projetavam energia propulsora àquele objeto, além de cores, sons e cheiros singulares. Isso passou de geração em geração se modificando com o passar do tempo. Segundo Ramos (2018, p. 52), “essa constatação evidencia o fato de que as manifestações culturais tradicionais sofrem um constante processo de ressignificação e de atualização em seu saber-fazer”.

**Figura 2** – Soltura do barco-de-fogo



Fonte: Assembleia Legislativa de Sergipe (2020).

Com a elevada produção de fogos de artifício, o significado das celebrações juninas foi, ao longo do tempo, tornando-se cada vez mais entrelaçado à identidade dos habitantes de Estância. Esses produzem decorações de ruas, praças, igrejas, casas, estabelecimentos comerciais, bem como concursos, destacando-se os fogos, busca-pés, espadas e Barcos-de-fogo, trazendo uma nova vestimenta à cidade no período junino, reconfigurando sua paisagem (Ramos, 2018).

Ademais, o Forró-dromo da cidade de Estância, inaugurado em junho de 1994, é apontado como o principal palco de exibição dos Barcos-de-fogo, uma vez que neste recinto ocorrem os concursos que visam premiar as melhores produções e *performances* (Ramos, 2018). Aos três primeiros classificados são atribuídos valores monetários que variam conforme a condição financeira do município, pois o prêmio é concedido pela prefeitura. Estes concursos

atraem grandes fluxos de turistas ao longo do período festivo de São João (<https://infonet.com.br/blogs/estancia-se-festejos-juninos-arretado-de-bom/>).

### 3.5 COLETA DE DADOS

A pesquisa dos dois objetos foi uma investigação empírica realizada no local onde ocorrem os fenômenos e dispõe de elementos para explicá-lo, assim classificada como pesquisa de campo por Vergara (2009).

As fases desse estudo incluíram os métodos de interação com o material empírico que buscam lidar com a diversidade e amplitude das informações. Para isso, serão utilizados observação não participante, levantamento documental e bibliográfico, entrevistas semiestruturadas e registros visuais e audiovisuais.

#### Quadro 2 – Detalhamento dos procedimentos metodológicos

| OBJETIVOS  | INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS A SEREM UTILIZADOS | REFERÊNCIAS                                  |
|--|--|--|
| <b>Objetivo geral:</b> Compreender as práticas organizacionais de festas juninas sergipanas                    | Análise documental                                 | Flick (2009).                                |
|  | Análise de registros visuais e audiovisuais        | Pink; Mackley; Moroşanu (2015).              |
|  | Observação não participante                        | Vergara (2009).<br>Marconi; Lakatos (2017).  |
|  | Entrevista semiestruturada                         | Marconi; Lakatos (2017);<br>Creswell (2010). |
| <b>Objetivo específico 1:</b> Identificar os sujeitos, artefatos e práticas das festas juninas sergipanas      | Análise documental                                 | Flick (2009).                                |
|  | Análise de registros visuais e audiovisuais        | Pink; Mackley; Moroşanu (2015).              |
|  | Observação não participante                        | Vergara (2009).<br>Marconi; Lakatos (2017).  |
|  | Entrevista semiestruturada                         | Marconi; Lakatos (2017);<br>Creswell (2010). |
| <b>Objetivo específico 2:</b> Mapear práticas das festas juninas sergipanas                                    | Observação não participante                        | Vergara (2009).<br>Marconi; Lakatos (2017).  |
|  | Entrevista semiestruturada                         | Marconi; Lakatos (2017);<br>Creswell (2010). |
| <b>Objetivo específico 3:</b> Caracterizar as práticas organizacionais realizadas em festas juninas sergipanas | Análise documental                                 | Flick (2009).                                |
|  | Análise de registros visuais e audiovisuais        | Pink; Mackley; Moroşanu (2015).              |

|  |                                   |   |
|--|-----------------------------------|---|
|  | Entrevista semiestruturada        | Marconi; Lakatos (2017); Creswell (2010). |
| <b>Objetivo específico 4:</b> Descrever o processo de <i>organizing</i> das festas juninas estudadas | Análise de registros audiovisuais | Pink; Mackley; Moroşanu (2015).           |
|  | Observação não participante       | Vergara (2009). Marconi; Lakatos (2017).  |
|  | Entrevista semiestruturada        | Marconi; Lakatos (2017); Creswell (2010). |

**Fonte:** Elaborado pela autora (2024).

Inicialmente, o foco recaiu sobre entender o histórico de práticas dessas manifestações por meio de documentos e registros visuais e audiovisuais sobre as manifestações, grupos, seu ambiente, para compreender quais práticas fizeram parte do surgimento do evento, uma vez que por meio de documentos e registros visuais é possível resgatar versões sobre o fato que podem ser esquecidas (Flick, 2009). Identificando os sujeitos, artefatos e práticas das festas juninas sergipanas como procura-se no primeiro objetivo desse trabalho.

O trabalho foi submetido ao Comitê de Ética entre os meses de junho e agosto de 2024 e recebeu aprovação, conforme o parecer número 6.997.355. Essa aprovação atesta que a pesquisa respeitou os princípios éticos necessários para a condução de estudos envolvendo seres humanos, garantindo a proteção dos participantes e a integridade do processo investigativo.

Após essa fase, foca-se nas práticas organizacionais das festas juninas em si, por meio de observação não participante evitando a interferência do observador na situação, mostrando, assim, as práticas de forma natural (Vergara, 2009). A observação focou nos ditos, não ditos, interações, tempo e espaço, coreografia corporal, ferramentas e artefatos, interesses, tensões. Com isso, será possível obter informações que os indivíduos não têm consciência que possuem, permitindo a coleta de dados sobre atitudes comportamentais típicas (Marconi; Lakatos, 2017). Segundo esses autores, a observação é uma técnica que utiliza os sentidos para a coleta de informações sobre determinada realidade. Assim, as observações desse trabalho foram registradas em roteiro estruturado previamente (Apêndice B) buscando esquematizar a observação para obter mais resultados sobre o problema de pesquisa.

A observação não participante permitiu registrar aspectos organizacionais e culturais das festas juninas em sua manifestação prática, complementando os dados obtidos nas entrevistas e análises documentais. Foram acompanhadas diferentes atividades, como concursos de quadrilha junina, cortejos culturais, passeios de carroça e apresentações artísticas.

**QUADRO 3 – Identificação das observações não participantes**

| <b>IDENTIFICAÇÃO</b> | <b>DATA</b> | <b>EVENTO</b>  | <b>CAMPO</b> | <b>DURAÇÃO</b>            |
|----------------------|-------------|--|--------------|---------------------------|
| <b>OBS01</b>         | 15/06/2024  | Segundo dia de eliminatórias do concurso de quadrilha junina da Rua São João               | Rua São João | 19:07 às 21:53 (2h e 46m) |
| <b>OBS02</b>         | 21/06/2024  | Segundo dia de semifinal do concurso de quadrilha junina da Rua São João                   | Rua São João | 19:15 às 00:34 (5h e 19m) |
| <b>OBS03</b>         | 23/06/2024  | Final do concurso de quadrilha junina da Rua São João                                      | Rua São João | 20:00 às 01:40 (5h e 40m) |
| <b>OBS04</b>         | 24/06/2024  | Passeio de carroça/ Cortejo/ Casamento caipira da Rua São João                             | Rua São João | 13:48 às 21:08 (7h e 20m) |
| <b>OBS05</b>         | 01/07/2024  | Segundona do turista   | Rua São João | 18:32 às 23:47 (5h e 15m) |
| <b>OBS06</b>         | 15/07/2024  | Segundona do turista   | Rua São João | 18:53 às 22:05 (3h e 12m) |
| <b>OBS07</b>         | 29/07/2024  | Segundona do turista   | Rua São João | 19:00 às 23:57 (4h e 57m) |
| <b>OBS08</b>         | 05/08/2024  | Segundona do turista   | Rua São João | 19:10 às 22:18 (3h e 08m) |
| <b>OBS09</b>         | 19/08/2024  | Segundona do turista   | Rua São João | 17:30 às 20:30 (3h)       |
| <b>OBS10</b>         | 26/08/2024  | Segundona do turista   | Rua São João | 19:22 às 22:40 (3h e 18m) |
| <b>OBS11</b>         | 09/09/2024  | Segundona do turista   | Rua São João | 19:08 às 22:03 (2h e 55m) |
| <b>OBS12</b>         | 30/09/2024  | Segundona do turista   | Rua São João | 19:11 às 22:47 (3h e 36m) |
| <b>OBS13</b>         | 07/10/2024  | Segundona do turista   | Rua São João | 19:21 às 22:05 (2h e 44m) |
| <b>OBS14</b>         | 21/10/2024  | Segundona do turista   | Rua São João | 19:13 às 22:07 (2h e 54m) |
| <b>OBS15</b>         | 28/10/2024  | Segundona do turista   | Rua São João | 18:43 às 21:58 (3h e 15m) |
| <b>OBS16</b>         | 22/10/2024  | Apresentação de Batucada na semana da sergipanidade  | Estância     | 16:22 às 20:00 (3h e 38m) |
| <b>OBS17</b>         | 22/10/2024  | Apresentação de Barco de fogo na semana da sergipanidade                                   | Estância     | 20:00 às 21:03 (1h e 03m) |
| <b>OBS18</b>         | 24/10/2024  | Cortejo cultural com diversas representações estancianas em alusão ao dia da sergipanidade | Estância     | 08:40 às 11:23 (2h e 37m) |

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Após esse primeiro momento, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas. A entrevista pode ser conceituada como "um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas, mediante conversação, obtenha informações a respeito de determinado assunto" (Marconi; Lakatos, 2017, p. 213). A entrevista semiestruturada foi escolhida porque permite maior flexibilidade, permitindo que o entrevistador esclareça perguntas, especifique significados e explore de forma mais ampla as questões, garantindo uma melhor compreensão (Marconi; Lakatos, 2017). Creswell (2010) também aponta outras vantagens da utilização das entrevistas, como a

possibilidade de obter informações históricas e de o pesquisador controlar a linha de questionamento.

Já a escolha dos informantes-chave ocorreu por acessibilidade. A pesquisadora realizou uma busca *online* de secretarias, comissões e pessoas de relevância social associadas aos festejos juninos de Estância e da Rua São João. A partir disso, identificou elementos-chave dos grupos e entrou em contato com os presidentes, membros das comissões, historiadores e pesquisadores da área. A pesquisa envolveu treze informantes-chave, dos quais 7 eram da Estância e 6 da Rua São João. Todos os atores que se envolvem de alguma forma com as festas juninas seja competindo, na gestão ou apenas como participantes.

Os entrevistados foram pessoas importantes na história e realização das festividades, participantes do evento e moradores do entorno de onde ocorrem as práticas festivas que foram contactados a partir de uma lógica de bola de neve. Dessa forma, por meio desse método foi possível evocar o cotidiano de práticas mais corriqueiras, quando elas não se apresentavam espontaneamente, solicitando resgates imaginários (Gherardi, 2019). Ressalta-se que todos os indivíduos que participaram da pesquisa o fizeram de forma voluntária, com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após a explicação da presente pesquisa.

Foram entrevistados diversos participantes envolvidos nas festas juninas de Estância e da Rua São João, incluindo gestores municipais, empresários, artistas e moradores locais. Essas entrevistas representam uma fonte fundamental para a pesquisa, permitindo compreender as perspectivas dos diferentes atores sobre a organização e evolução das festividades. Percebe-se que a duração das entrevistas permeou em torno de 20 a 70 minutos, em média, estando de acordo com o tempo estimado no planejamento. Outro ponto percebido é que a opção de entrevista realizada de forma remota permitiu unir atores que estavam geograficamente distantes da pesquisadora.

Nos encontros realizados por meio remoto, a pesquisadora utilizou o notebook para interagir com os participantes, acessando a plataforma *Google Meet*, contando com autorização previa para a gravação, que foi aceita por todos, além da assinatura do termo de consentimento. Com a câmera e áudio abertos, a pesquisadora gravou o áudio da entrevista incluindo as perguntas e os relatos diretamente pelo seu celular. Percebeu-se que os áudios não foram prejudicados e ficaram audíveis para a transcrição, mesmo estando ciente que os recursos de comunicação foram realizados por canais diferentes.

Além de outras técnicas de coleta de dados, como entrevistas individuais e observações, proporcionarem uma comunicação direta e intensiva com os sujeitos de pesquisa, podem oferecer uma coleta de dados mais rica e detalhada, devido à interação entre o pesquisador e os

participantes (Gomes, 2005). Além disso, essa interação possibilitada pelas discussões e observações permitem a troca de experiências, ideias e sentimentos acerca de um tópico específico (Cooper; Schindler, 2016), o que se liga à visão do *organizing*.

Desta forma, os documentos e entrevistas ajudaram a contextualizar e complementar as informações obtidas por meio da observação e dos registros visuais e audiovisuais, auxiliando no entendimento das práticas e buscando alcançar o segundo objetivo da pesquisa. Sendo esses registros feitos pela pesquisadora em todas as fases como forma de apresentar experiências do campo sobre espaços dos eventos e suas práticas organizacionais por meio de pessoas, sentimentos, artefatos, assim auxiliará no entendimento do *organizing* dentro das práticas de festas juninas, possibilitando descrevê-lo e alcançando um objetivo da pesquisa. Além disso, recursos como fotografias e vídeos nos informam sobre atmosferas, sua produção e sentido no cotidiano gerando formas de engajamento empáticas, sensoriais e afetivas (Pink; Mackley; Moroşanu, 2015).

### 3.6 HISTÓRIA DE VIDA E SUA SISTEMATIZAÇÃO

A abordagem para a coleta e tratamento dos dados é baseada na pesquisa realizada por Santos e Santos (2008). No estudo em questão, os autores analisaram 23 trabalhos acadêmicos (teses e dissertações) que utilizaram o método da história de vida, fundamentado no referencial de Daniel Bertaux, entre 1995 e 2006. De forma a compreender como ocorreram as etapas da pesquisa, segue a estruturação baseada na compilação das informações percebidas por Santos e Santos (2008):

**Gravação da história de vida:** Durante as coletas, a pesquisadora utilizou o gravador do celular para capturar as falas durante a interação com o participante. O tempo estimado para cada entrevista variou entre 20 a 70 minutos, permitindo que a pesquisadora se concentre melhor nos depoimentos.

**Transcrição das gravações:** Para transcrever as gravações, foi necessário ouvir o áudio várias vezes, garantindo que todo o conteúdo fosse registrado com precisão. A análise começou assim que a transcrição foi concluída, permitindo a elaboração do primeiro material empírico do estudo.

**Análise do silêncio e do que não foi dito:** Nos momentos de silêncio durante as falas, a pesquisadora, através da observação não-participante, ficou atenta a mudanças de pensamento ou a necessidade de reflexão sobre o que está sendo discutido, analisando essas percepções.

Identificação de pontos de saturação: Como a pesquisa qualitativa não requer um número fixo de entrevistas, é importante que o pesquisador perceba quando novas histórias não trazem informações inéditas sobre o tema em estudo.

Leitura flutuante: Este método envolve uma imersão nos relatos, conectando-os com teorias, hipóteses e a aplicação de técnicas, o que enriquece a análise.

Identificação de temas: À medida que a leitura dos relatos avança, novos conteúdos semânticos emergem, permitindo que os pesquisadores reconheçam núcleos de significado. Santos e Santos (2008) descrevem um tema como uma unidade de significação que se destaca do texto e se repete em diferentes contextos, mantendo o sentido.

Identificação do tempo: cronologia e diacronia: Na narrativa de uma história de vida, a ordem dos eventos não é obrigatória, pois os fatos podem fluir entre passado e futuro, sem a necessidade de seguir uma sequência linear. O ponto zero temporal é definido de maneira fluida pelo narrador. Enquanto a cronologia envolve a inserção de datas nos eventos, a diacronia organiza os fatos em termos de “antes e depois”.

Burger e Vituri (2013) destacam que, ao coletar informações de indivíduos sobre um fenômeno específico, é fundamental ter cuidado para não distorcer a realidade apresentada pelos entrevistados, já que pode haver a omissão de dados durante a coleta. Santos e Santos (2008) reforçam essa ideia, afirmando que, se o objetivo da pesquisa é compreender a experiência e a perspectiva de um indivíduo, deve-se necessariamente obter essas informações diretamente da própria pessoa. A seguir, são discutidos os desafios esperados para a pesquisa, considerando a escolha do método de história de vida.

### 3.7 ABORDAGEM ADOTADA NA ANÁLISE DOS DADOS

Isto possibilitará a análise e compreensão das práticas organizacionais realizadas em festas juninas sergipanas, já que, após descritas e analisadas, será possível aproximar-se dos objetivos específicos e geral.

Além disso, Heracleos (2006) afirma que o discurso oral está vinculado ao presente, enquanto o texto escrito permanece acessível a qualquer momento para aqueles que têm interesse. Dessa forma, a análise se torna essencial tanto para a avaliação das entrevistas quanto para a triangulação dos dados obtidos através da combinação de documentos, observações, diários de campo e entrevistas.

Com a inclusão da coleta de documentos, nota-se que, é fundamental adotar também a técnica de triangulação de dados, seja por meio de diferentes fontes ou métodos de coleta, para

garantir a validade das informações geradas pela pesquisa e, conseqüentemente, apreender de forma precisa a realidade do fenômeno investigado (Silva, 2014). Essa combinação não apenas enriquece a análise, mas também promove uma reflexão mais aprofundada sobre as dinâmicas sociais, assegurando que a pesquisa aborde a complexidade e a diversidade das festas juninas. Para isso, serão utilizadas as categorias analíticas presentes no Quadro 3 para a análise dos dados e práticas das festas juninas.

A análise dos dados na pesquisa foi realizada com base na metodologia da História de Vida, de base qualitativa que permitiu uma interpretação profunda das narrativas dos participantes. As categorias foram categorizadas segundo a teoria e por meio de categorias analíticas previamente definidas, o que facilitou a organização e a interpretação dos dados. A estratégia utilizada envolveu a identificação das entrevistas, a partir das quais trechos significativos foram destacados e agrupados em categorias que abordavam aspectos como atores, artefatos, práticas, tradições, mudanças e interações sociais. Essa análise foi complementada por uma reflexão crítica sobre o contexto cultural e social, permitindo uma compreensão mais rica e contextualizada dos dados.

**Quadro 4** – Categorias analíticas e elementos de análise

| OBJETIVOS ESPECÍFICOS  | CATEGORIAS ANALÍTICAS      | ELEMENTOS DE ANÁLISE   |
|--|----------------------------|--|
| <b>Objetivo específico 1:</b><br>Identificar os sujeitos, artefatos e práticas das festas juninas sergipanas | Atores                     | Perfil: idade, sexo, classe social, tempo de participação das práticas.  |
|  | Artefatos                  | Objetos e materiais utilizados para acontecimento e manutenção das práticas;<br>Percepção da decoração, alimentação e vestimentas. |
|  | Práticas                   | Definição das práticas que possibilitam o evento final;  |
| <b>Objetivo específico 2:</b> Mapear práticas das festas juninas sergipanas                                  | Como acontecem as práticas | Tempo da prática, artefatos utilizados, atores que participam.   |
|  | História das práticas      | Como surgiu a prática;<br>Quem criou;<br>Como se tornou uma prática;<br>Tradição dessa prática;<br>Tempo de existência.            |

|   |  |  |
|---|--|--|
| <b>Objetivo específico 3:</b><br>Caracterizar as práticas organizacionais realizadas em festas juninas sergipanas | Descrição das práticas pela percepção dos atores                 | Ações do início ao fim: Em que ação começa a prática e em que momento termina.   |
|   | Continuidade ou descontinuidade das práticas,                    | Quais práticas ainda são perpetuadas;<br>Quais práticas foram extintas;<br>Quais mudanças foram adotadas;<br>Quais mudanças não foram aceitas. |
|   | Surgimento de novas práticas,                                    | Quais práticas são novas e foram aceitas;<br>Como surgiram as novas práticas.  |
| <b>Objetivo específico 4:</b><br>Descrever o processo de <i>organizing</i> das festas juninas estudadas           | Percepção das práticas   | Emoções, sentimentos e visão dos atores nas práticas.  |
|   | Consideração dos atores quanto aos demais elementos das práticas | Como os atores utilizam os artefatos e espaços, improvisação nas práticas.   |

**Fonte:** Elaborado pela autora (2024).

### 3.8 PROTOCOLO DE PESQUISA

O protocolo de pesquisa contém os procedimentos e as regras que devem ser seguidos durante a pesquisa, aumentando, assim, a confiabilidade do estudo. Essa abordagem permite que o pesquisador siga um roteiro pré-estabelecido, garantindo a coerência e a padronização da coleta de dados, o que é essencial para a qualidade da investigação. Desse modo, o quadro a seguir apresenta o protocolo para este projeto.

#### Quadro 5 – Protocolo de pesquisa

| Sequência | Descrição das atividades                 |
|-----------|--|
| 1         | Definição da questão de pesquisa         |
| 2         | Delineamento da Pesquisa: Qualitativa    |
| 3         | Categorização dos Elementos de Análise   |
| 4         | Elaboração do roteiro da entrevista      |
| 5         | Elaboração do roteiro da observação      |
| 6         | Procura dos documentos                   |
| 7         | Leitura e arquivamento de documentos     |
| 8         | Realização das entrevistas               |
| 9         | Realização das observações (2 a 4 meses) |

|    |   |
|----|---|
| 10 | Transcrição das entrevistas                                       |
| 11 | Elaboração da análise dos resultados                              |
| 12 | Solicitação da revisão da descrição dos casos pelos participantes |
| 13 | Incorporar alterações à análise, caso seja necessário             |
| 14 | Elaboração das considerações finais da pesquisa                   |
| 15 | Realizar ajustes finais   |

**Fonte:** Elaborado pela autora (2024).

### 3.9 LIMITAÇÕES

Este tópico aborda as limitações encontradas durante o desenvolvimento da pesquisa, sendo dividido em: limitações metodológicas e limitações da história de vida.

#### 3.9.1 Limitações metodológicas

Identificou-se como limitação desta pesquisa a acessibilidade e disposição dos entrevistados; visto que, apesar dos critérios de seleção em bola de neve, houve dificuldades em acessar alguns atores ou em obter sua completa disposição em participar das entrevistas. Além disso, as informações e documentos não foram de fácil acesso, visto que alguns participantes e órgãos ficaram relutantes em compartilhar informações ou estratégias detalhadas ou ainda não tinham informações ou documentos que contribuíssem diretamente. Outrossim, o alcance geográfico do estudo se concentra em um contexto local, Sergipe (Aracaju, Estância e região), o que limita a aplicabilidade dos resultados para outros contextos regionais ou nacionais.

Outro ponto que também pode ser considerado uma limitação é a escassez de mais estudos sobre práticas organizacionais sob a visão do *organizing*, principalmente no Brasil, que permitam estabelecer elementos de análise mais específicos para o ambiente em estudo (Possas, 2015). Somado a esse ponto expõe-se também a escassez de estudos da Administração sobre práticas culturais como as festas juninas. Desse modo, a maior parte da literatura encontrada relaciona-se a áreas correlatas da temática em estudo.

#### 3.9.2 Limitações da história de vida

Diversos autores (Barros; Lopes, 2014; Spindola; Santos, 2003; Martins, 2004) discutem os desafios que podem surgir ao utilizar o método de história de vida.

Barros e Lopes (2014) enfatizam que o pesquisador deve estar ciente de que não se pode interpretar uma única história como representativa da totalidade de uma vida, uma vez que uma

das características da pesquisa qualitativa é que os resultados individuais refletem aspectos coletivos.

Spindola e Santos (2003) ressaltam a importância da habilidade de escuta no método de história de vida. Ao aceitar participar da pesquisa, o entrevistado geralmente deseja ser ouvido sem interrupções ou debates sobre suas opiniões. Assim, a capacidade de ouvir é essencial para garantir que os relatos sejam transcritos e compreendidos de forma integral.

Martins (2004) aponta que a forte identificação dos pesquisadores com o tema em estudo pode levar a distorções nas interpretações, caso não mantenham uma postura neutra em relação aos resultados. Ele recomenda que o pesquisador exerça um controle emocional adequado durante a coleta de dados e na análise dos resultados. A pesquisa qualitativa deve refletir a realidade tal como é, e não conforme o desejo do pesquisador.

Sim e quais os desafios que você como pesquisadora enfrentou ao usar a história de vida? O que relata são os que os autores detalham sobre o método?

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisadora sempre teve uma forte ligação com as festividades juninas, desde a infância, quando descobriu sua paixão pelas celebrações tradicionais. Seu grande sonho sempre foi dançar em uma quadrilha, e seu amor pelo forró a acompanhou ao longo dos anos. Além de vivenciar a cultura nordestina com entusiasmo, ela sempre demonstrou curiosidade em compreender os pormenores das quadrilhas juninas, buscando entender suas origens, simbolismos e significados.

Com um olhar atento para as manifestações culturais, a pesquisadora sempre valorizou a cultura local, sendo uma apreciadora assídua das festividades, especialmente da Rua São João, onde acompanhava as celebrações como espectadora. Essa vivência foi essencial para sua formação e para o aprofundamento de seus estudos.

Quando surgiu a oportunidade de pesquisar sobre o São João, a pesquisadora já possuía uma visão clara sobre os elementos fundamentais para a compreensão da festividade no contexto sergipano. Sua bagagem cultural e seu compromisso com a valorização das tradições populares a tornaram uma estudiosa dedicada, contribuindo para o entendimento e a preservação dessa importante manifestação cultural.

Diante da necessidade de convidar pessoas para a participação do estudo, a pesquisadora realizou convites de forma direta a atores que se encaixavam no perfil definido, deixando-os confortáveis para aceitar ou não sua participação na pesquisa. Após o contato com os membros principais, os indivíduos relevantes para o estudo foram encontrados e convidados por meio da lógica bola de neve, em que os primeiros contatos indicaram outras pessoas e assim sucessivamente.

A pesquisa envolveu treze informantes-chave, que serão, são apresentados nas próximas subseções, por meio de algumas informações coletadas durante as entrevistas, com o intuito de possibilitar a classificação e segmentação dos participantes. Além disso, são compartilhados os relatos das histórias de vida dos informantes-chave, que foram ouvidos e gravados durante os encontros. Os relatos e as observações realizadas em campo embasam a análise de dados realizada, alinhando-se aos objetivos desta pesquisa.

### 4.1 IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS INFORMANTES-CHAVE

Como forma de garantir o anonimato, os informantes-chave convidados foram identificados a partir da **junção da sigla ENT** (que remete ao nome Entrevistado) acrescida de

uma **numeração sequencial de 01 a 13**. Com vistas a facilitar a classificação dos treze indivíduos que participaram da pesquisa, a identificação foi definida de acordo com a ordem de agendamento dos encontros.

Na medida em que a pesquisadora agendava os encontros e de acordo com o campo, ela definia a identificação de cada ator, sem necessidade de ter uma regra técnica. A escolha seguia conforme a ordem do agendamento confirmado considerando primeiro o campo Estância e depois o campo Rua São João.

#### **QUADRO 6** – Identificação dos informantes-chave por agendamento dos encontros

| <b>IDENTIFICAÇÃO</b> | <b>DATA</b> | <b>LOCAL DO ENCONTRO</b>       | <b>CAMPO</b> | <b>DURAÇÃO</b> |
|----------------------|-------------|--------------------------------|--------------|----------------|
| <b>ENT01</b>         | 27/09/2024  | Secretaria de Cultura          | Estância     | 1:08:02 h      |
| <b>ENT02</b>         | 24/10/2024  | Empresa do entrevistado        | Estância     | 39:59 h        |
| <b>ENT03</b>         | 24/10/2024  | Residência do entrevistado     | Estância     | 22:52 h        |
| <b>ENT04</b>         | 24/10/2024  | Empresa do entrevistado        | Estância     | 21:37 h        |
| <b>ENT05</b>         | 31/10/2024  | Memorial da cultura            | Estância     | 41:32 h        |
| <b>ENT06</b>         | 31/10/2024  | Memorial da cultura            | Estância     | 49:58 h        |
| <b>ENT07</b>         | 05/11/2024  | Residência do entrevistado     | Estância     | 27:29 h        |
| <b>ENT08</b>         | 22/10/2024  | Remoto (Plataforma Meet)       | Rua São João | 40:59 h        |
| <b>ENT09</b>         | 04/11/2024  | Residência da pesquisadora     | Rua São João | 28:34: h       |
| <b>ENT10</b>         | 06/11/2024  | Remoto (Plataforma Meet)       | Rua São João | 52:14 h        |
| <b>ENT11</b>         | 06/11/2024  | Residência da pesquisadora     | Rua São João | 40:25 h        |
| <b>ENT12</b>         | 12/11/2024  | Residência da pesquisadora     | Rua São João | 43:33 h        |
| <b>ENT13</b>         | 20/01/2025  | Quadrilhódromo da Rua são João | Rua São João | 25:27 h        |

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Durante as entrevistas, sejam elas de forma remota ou presencial, a pesquisadora percebeu a desenvoltura, a segurança e as reações dos participantes frente aos questionamentos apresentados durante os relatos, por meio da observação presencial ou por meio da câmera, do tom de voz no áudio. Desse modo, a pesquisadora foi observando se o entrevistado estava confortável e seguro quanto às respostas que ele dava ou quando citava algo relacionado à pergunta feita por ela. Em alguns momentos, os informantes-chave silenciavam diante de

alguma pergunta ou quando tentavam organizar os pensamentos enquanto transcorriam os relatos de sua história de vida.

A pesquisadora se posicionou como ouvinte, sendo paciente em compreender as mensagens e situações apresentadas pelos informantes-chave, permitindo que o entrevistado ficasse tranquilo sobre seus relatos. As novas perguntas surgiam somente quando se percebia que os informantes-chave tinham concluído o raciocínio sobre o tema apresentado ou quando tinham dificuldade de dar continuidade aos relatos.

#### 4.1.1 Dados Demográficos dos informantes-chave

A partir deste momento, foi possível começar a entrevista solicitando alguns dados demográficos dos informantes-chave, para fins de associar com os resultados a serem coletados nas histórias de vida. Aqui são apresentados os dados demográficos dos entrevistados, incluindo sexo, idade, profissão e nível de envolvimento com as festas juninas. Essa categorização permite analisar a diversidade de perfis e como diferentes segmentos da população participam e contribuem para a realização dos eventos. As informações demográficas coletadas dos informantes-chave acrescentam uma camada fundamental à pesquisa, permitindo uma análise mais abrangente das práticas festivas. Compreender o papel desses agentes na prática festiva é essencial para identificar como diferentes perfis contribuem para a dinâmica das festas juninas. Ao solicitar dados como sexo, idade, profissão e nível de envolvimento com os eventos, é possível associar essas características aos resultados obtidos nas histórias de vida. Essa categorização não apenas revela a diversidade de perfis entre os participantes, mas também permite explorar como fatores demográficos influenciam a participação e a contribuição de diferentes segmentos da população para a realização das festividades. Assim, a análise dessas informações enriquece a compreensão das interações sociais e culturais que permeiam as festas, destacando a importância de cada indivíduo no contexto coletivo e revelando as nuances que moldam a experiência festiva.

A amostra contempla pessoas com variados graus de envolvimento, desde gestores e artistas até pesquisadores e moradores locais. Estes dados foram dispostos no Quadro a seguir e estão organizados de acordo com a identificação dos informantes-chave.

**QUADRO 7** – Dados demográficos por informante-chave Estância

| IDENTIFICAÇÃO                     | ENT01                      | ENT02      | ENT03      | ENT04          | ENT05                       | ENT06            | ENT07        |
|-----------------------------------|----------------------------|------------|------------|----------------|-----------------------------|------------------|--------------|
| <b>SEXO</b>                       | Feminino                   | Masculino  | Feminino   | Masculino      | Masculino                   | Masculino        | Masculino    |
| <b>IDADE</b>                      | 40 anos                    | 53 anos    | 35 anos    | 30 anos        | 50 anos                     | 40 anos          | 47 anos      |
| <b>PROFISSÃO</b>                  | Gestão municipal           | Empresário | Professora | Fisioterapeuta | Fogueteiro                  | Artista          | Empresário   |
| <b>ENVOLVIMENTO COM A PRÁTICA</b> | Artista e gestão municipal | Morador    | Moradora   | Morador        | Produção e soldura de fogos | Danças e atuação | Quadrilheiro |

Fonte: elaborado pela autora (2025).

**QUADRO 8** – Dados demográficos por informante-chave Rua São João

| IDENTIFICAÇÃO                     | ENT08                     | ENT09      | ENT10                      | ENT11        | ENT12              | ENT13        |
|-----------------------------------|---------------------------|------------|----------------------------|--------------|--------------------|--------------|
| <b>SEXO</b>                       | Masculino                 | Masculino  | Feminino                   | Masculino    | Masculino          | Masculino    |
| <b>IDADE</b>                      | 47 anos                   | 58 anos    | 58 anos                    | 50 anos      | 65 anos            | 41 anos      |
| <b>PROFISSÃO</b>                  | Professor                 | Empresário | Cantora                    | Empresário   | Empresário         | Professor    |
| <b>ENVOLVIMENTO COM A PRÁTICA</b> | Pesquisador e Historiador | Morador    | Artista e gestão municipal | Quadrilheiro | Escritor e morador | Gestão Local |

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Nas seções subsequentes, são apresentadas as narrativas das histórias de vida dos informantes-chave, que constituem a essência desta investigação e oferecem *insights* valiosos sobre o tema em estudo.

#### 4.2 UMA SINOPSE DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS ENTREVISTADOS

Durante o processo de entrevistas, a pesquisadora observou que cada ator possuía histórias únicas, sonhos, metas e ideais pessoais, apesar de apresentarem algumas semelhanças em suas atitudes e comportamentos. Essa diversidade nas narrativas enriqueceu a compreensão do fenômeno estudado.

A seguir, será apresentada uma sinopse de cada informante-chave, com o intuito de oferecer um resumo preliminar das histórias de vida que emergiram ao longo dos encontros. Essa abordagem permitirá uma visão mais aprofundada sobre as experiências individuais e coletivas dos participantes.

A ENT01 (Estância) é uma mulher de 40 anos, cuja vida sempre foi entrelaçada com o mundo artístico. Desde a infância, quando começou a explorar seu amor pela atuação em peças escolares e apresentações locais, ela descobriu seu talento e sua paixão por contar

histórias. Atualmente, ela ocupa um cargo de gestão cultural, um papel que lhe permite não apenas continuar sua ligação com as artes, mas também contribuir ativamente para a valorização da cultura local. ENT01 (Estância) acredita que a cultura é um elemento vital para a identidade de um povo e, por isso, trabalha para garantir que as tradições e as novas criações artísticas tenham seu espaço garantido. Além de sua atuação na gestão cultural, ela é uma grande apreciadora das festividades juninas, que sempre foram uma parte importante de sua vida, encantada com as danças, músicas e a alegria que permeia essas celebrações. Ela continua a vivenciar essas tradições, não apenas como gestora, mas também como espectadora entusiasta. Para ENT01 (Estância), as festividades juninas representam a união da comunidade e a celebração da cultura local, e ela se sente privilegiada por poder fazer parte desse momento tão especial.

O ENT02 (Estância) é um homem de 53 anos que se destaca como empresário, em alguns ramos na cidade de Estância, demonstrando uma habilidade notável para identificar oportunidades e inovar. No entanto, além de seu sucesso nos negócios, ele é apaixonado pela cultura junina, uma tradição que ele valoriza e celebra com entusiasmo. Desde jovem, tem sido um participante ativo nas festividades juninas da sua cidade, se apresentando com grupos em diversas danças culturais, como a batucada e a quadrilha junina, sempre trazendo alegria e energia contagiante a cada performance. Para ele, essas danças não são apenas uma forma de entretenimento, mas também uma maneira de se conectar com suas raízes e celebrar a rica herança cultural que caracteriza Estância. Durante as festividades juninas, o ENT02 (Estância) também se destaca como um apreciador fervoroso dos fogos e das apresentações musicais. Ele adora reunir amigos e familiares para desfrutar dos shows musicais. Além disso, ele acredita que essas tradições desempenham um papel fundamental na construção da identidade da cidade.

A ENT03 (Estância) é uma mulher de 35 anos, professora e multiplicadora cultural, cuja vida é dedicada à promoção da educação e da cultura em sua cidade. Com uma paixão profunda pelas tradições locais, ela busca constantemente desenvolver projetos que integrem a cultura junina ao ambiente escolar. Como multiplicadora cultural, a ENT03 (Estância) tem sido uma peça importantíssima na implementação de atividades que conectam a educação com as tradições juninas. Durante a época das festas juninas, ela se transforma em uma verdadeira entusiasta, aproveitando cada oportunidade para participar dos shows e das celebrações que animam a cidade. Ela adora dançar e compartilhar momentos de alegria com amigos e familiares, celebrando a cultura que tanto ama. As celebrações familiares juninas são especialmente importantes para ela, pois representam um momento de união e fortalecimento

dos laços afetivos. Para ela, essas festividades são uma oportunidade de transmitir à comunidade a importância de preservar as tradições e de celebrar a identidade cultural. Ela destaca também a necessidade de preservar essas tradições, garantindo que as próximas gerações compreendam e vivenciem a riqueza cultural dessas festividades.

O ENT04 (Estância) é um homem de 30 anos, morador de Estância, cuja paixão pelas festas juninas vai muito além da simples celebração. Ele sempre aguardou ansiosamente essa época do ano, quando a cidade se enche de cores, músicas e danças, criando um ambiente festivo que une a comunidade. Para ele, as festas juninas são uma expressão vital da cultura local, e ele acredita firmemente na importância de preservar essas tradições para as futuras gerações. Entusiasta das festividades, adora participar dos shows musicais que animam as noites juninas, onde se reúne com amigos para desfrutar da música, dançar e celebrar a vida. Ele aprecia as bebidas típicas dessa época, que tornam as celebrações ainda mais especiais. Para ele, essas experiências são momentos de descontração e alegria, em que a camaradagem e a diversão se entrelaçam com a riqueza cultural que as festas oferecem. No entanto, ele também carrega um receio: a falta de valorização da cultura junina. Ele observa que, com o passar dos anos, as tradições parecem estar perdendo espaço, e isso o preocupa. Para ele, as festas juninas não são apenas uma oportunidade de festa, mas uma forma de fortalecer a identidade da cidade e promover a união entre as pessoas.

O ENT05 (Estância) é um homem de 50 anos, fogueteiro desde sempre, uma tradição que ele herdou de sua família e que tem sido passada de geração em geração. Desde jovem, ele se envolveu na produção de fogos de artifício e na construção de barcos de fogo, sempre contando com o apoio do filho e a assistência da esposa. Para ele, essa atividade não é apenas um trabalho; é uma verdadeira paixão que une sua família e celebra a cultura local. A beleza da produção dos fogos é algo que ENT05 (Estância) valoriza profundamente. Com o passar dos anos, ele se dedicou a criar algumas máquinas que facilitam o trabalho, tornando o processo mais eficiente e seguro. Essas inovações são fruto de sua experiência e do desejo de aprimorar a arte que ele tanto ama. Durante a época junina, o ENT05 (Estância) se torna uma figura central nas festividades, contando com a ajuda de amigos e familiares para montar suas apresentações. Ele tem um talento especial para criar espetáculos de barcos de fogo que encantam a todos, e sua paixão é evidente em cada apresentação. Para ENT05 (Estância), as festas juninas representam mais do que uma celebração: são uma expressão de identidade e resistência cultural. Ele valoriza a importância do trabalho colaborativo, tanto com familiares quanto com amigos e outros fogueteiros, e enxerga a preservação dessas tradições como um compromisso

com as futuras gerações. Apesar das dificuldades, ele continua acreditando no impacto positivo de seu trabalho e no papel vital da comunidade para manter viva essa rica manifestação cultural.

O ENT06 (Estância) é um artista em vários cenários culturais que se dedica à gestão e apresentação da cultura local em um memorial da cidade. Com uma paixão inabalável pela história e pelas tradições de sua comunidade, ele utiliza sua arte para promover e valorizar a cultura local, acreditando que a identidade cultural é fundamental para o desenvolvimento social e educacional. O ENT06 (Estância) também é um defensor da valorização da cultura nas escolas. Ele desenvolve projetos que integram a arte e a história local ao currículo escolar, incentivando os alunos a conhecerem e apreciarem suas tradições. Para ele, a educação deve ser um reflexo da cultura em que está inserida, e ele trabalha incansavelmente para que as escolas se tornem espaços de valorização e celebração da identidade cultural.

O ENT07 (Estância) é um homem de 48 anos participante de uma quadrilha junina da cidade de Estância. Desde jovem, ele se envolveu nas festas juninas e, ao longo dos anos, dedicou-se intensamente à sua quadrilha, que não é apenas um grupo de dança, mas uma família unida pela tradição e pela cultura local. A frente da quadrilha, ENT07 (Estância) investe seu tempo e energia para garantir que a equipe não apenas exista, mas também se destaque nas competições. Para ele, cada ensaio e cada apresentação são oportunidades de celebrar a cultura junina e de fortalecer os laços entre os participantes. O ENT07 (Estância) acredita profundamente na importância das tradições juninas para a identidade da cidade. Ele vê a quadrilha como um veículo para transmitir valores, ensinar sobre a cultura local e promover a união entre as pessoas. No entanto, a manutenção da quadrilha não é uma tarefa fácil. Em sua dedicação, ele chegou a vender bens pessoais para garantir que a quadrilha continuasse a funcionar, mostrando o quanto está comprometido com essa causa. Para ele, é fundamental que a cultura seja passada adiante, garantindo que as futuras gerações possam desfrutar e celebrar essas tradições.

O ENT08 (Rua São João) é um conhecedor e pesquisador das Festas Juninas de Sergipe, com foco especial nas celebrações de Estância e da Rua São João, em Aracaju. Seu trabalho se destaca pela análise histórica, cultural e social dessas festas, evidenciando a forma como elas se transformaram ao longo do tempo, sem perder suas raízes. Ele descreve as festividades de Estância como um símbolo cultural e econômico, centrado na tradição única do barco de fogo, no consumo de licor e maniçoba e na integração da comunidade quilombola e de outros grupos culturais. Destaca também o impacto da gestão pública, que ampliou os eventos para 30 dias de celebração, incluindo concursos, festivais gastronômicos e apresentações de artistas locais e nacionais.

Sobre a Rua São João, ele ressalta a forte presença das quadrilhas juninas, que se tornaram institucionalizadas, refletindo a transição da organização comunitária para uma gestão pública. A tradição das ruas enfeitadas, fogueiras e concursos é vista como um marco de pertencimento e identidade para os moradores locais. Para ele, as Festas Juninas representam um patrimônio cultural dinâmico, que combina a preservação de tradições – como o forró, a gastronomia típica e as manifestações populares – com a modernização. Ele observa transformações como a evolução das quadrilhas juninas, o impacto da consciência ambiental e a crescente inclusão social. Com essa perspectiva, ele enxerga as festas como uma celebração que reforça o sentimento de pertencimento, orgulho e memória cultural, ao mesmo tempo em que se adapta às demandas e sensibilidades contemporâneas.

O ENT09 (Rua São João) é um entusiasta dedicado às Festas Juninas da Rua São João que participa ativamente dos eventos há décadas, com forte vínculo emocional e cultural com a celebração. O ENT09 (Rua São João) tem 58 anos e desempenha um papel simbólico e tradicional como noivo nos festejos, cargo que ocupa há mais de 40 anos. Sua conexão com a festa vai além da participação: ele mora na Rua São João e vivencia intensamente todos os preparativos e celebrações.

Ele destaca o passeio de carroças decoradas, a tradição das quadrilhas juninas e o envolvimento comunitário como elementos únicos que dão vida à festa. Para ele, o povo é a alma do evento, e a tradição é mantida fiel às suas origens, com poucas mudanças ao longo dos anos, reforçando a identidade cultural local. Sua visão das Festas Juninas é de alegria, união e pertencimento, acreditando que esses eventos são mais do que celebrações: são um legado cultural que fortalece os laços entre a comunidade e preserva memórias compartilhadas. O ENT09 (Rua São João) valoriza profundamente a importância de manter viva a essência da Rua São João, destacando-a como um espaço único de celebração que simboliza não apenas o São João, mas também a identidade cultural da região.

A ENT10 (Rua São João) é uma artista sergipana, profundamente envolvida com as Festas Juninas e a cultura do forró em Sergipe. Além de artista, ela também teve um papel gestor e coordenador em projetos culturais, como o Movimento do Forró como Patrimônio Cultural do Brasil e a revitalização da Rua São João. Ela vê o forró e as festas juninas como elementos essenciais da identidade nordestina, defendendo a importância da preservação e transmissão dessas tradições para as novas gerações. Ao longo dos anos, percebeu mudanças na forma como o forró é consumido e praticado, criticando a influência da mídia e a comercialização que, segundo ela, descaracterizou parte do gênero.

A ENT10 (Rua São João) acredita que a cultura é viva e dinâmica, mas precisa ser protegida para evitar a perda de suas raízes. Ela defende um planejamento mais estruturado para eventos culturais, inspirando-se em modelos internacionais de organização. Seu olhar crítico sobre as mudanças no forró e nas festas juninas reflete seu compromisso com a valorização e continuidade das tradições culturais sergipanas.

O ENT11 (Rua São João), um apaixonado pela cultura junina e participante ativo das festividades da Rua São João há quase 50 anos. Ele tem um papel marcante dentro das quadrilhas juninas, sendo um marcador experiente e dançarino de quadrilha. Desde criança, o ENT11 (Rua São João) sempre esteve envolvido com as celebrações juninas, fugindo de casa para participar da festa e acompanhando a evolução da Rua São João, que ele descreve como o "Maracanã das quadrilhas". Ele viveu a transição das festas, desde os antigos palcos de madeira até a estrutura atual, e testemunhou a transformação das quadrilhas tradicionais em apresentações mais teatralizadas. Para ele, a Rua São João é um espaço de pertencimento e identidade cultural, onde as tradições precisam ser preservadas. Ele destaca a importância da quadrilha junina como forma de arte e cultura, lamentando a perda de elementos tradicionais, como a ciranda, o baião e o passeio na roça, e a redução no número de grupos participantes.

Como amante do forró, o ENT11 (Rua São João) vê a dança como um momento de alegria e conexão, esquecendo dos problemas quando está se apresentando. Mesmo cansado, sempre encontra energia para estar na Rua São João, onde sente que seu corpo se transforma ao dançar. Apesar das mudanças e desafios, ele continua sendo um defensor apaixonado da cultura junina, acreditando na importância de manter viva essa tradição.

O ENT12 (Rua São João) é, um morador nativo da Rua São João, com 65 anos de idade e uma vida inteira de envolvimento com as festividades juninas da região. Ele tem um forte vínculo com a história local, lembrando com detalhes as transformações que a Rua São João passou desde os anos 1960. O ENT12 (Rua São João) teve uma participação ativa na organização das festas, tendo feito parte da diretoria da comissão organizadora entre os anos 1980 e 1990, além de atuar como jurado de concursos juninos. Sua relação com a festa é profunda, tanto como participante quanto como observador das mudanças sociais e culturais ao longo das décadas.

Ele descreve a festa como um evento que antes era totalmente comunitário, organizado pelos próprios moradores, desde a confecção de enfeites até a estruturação dos espaços. Destaca o surgimento dos concursos de quadrilhas, a importância do casamento caipira, e as diversas tradições que marcaram a festividade, como a troca do mastro, os bailes juninos e a organização de quadrilhas de rua. O ENT12 (Rua São João) também se mostra crítico em relação à

modernização da festa e à crescente influência do poder público. Ele acredita que a essência comunitária foi, em parte, perdida, dando lugar a um evento mais institucionalizado e voltado para os concursos de quadrilhas, em vez de um espaço de celebração espontânea da comunidade. Ele lamenta a redução do interesse dos moradores antigos, o crescimento de um público externo e a falta de projetos que valorizem a Rua São João como um ponto turístico permanente. Para ele, a festa precisa ser mais do que um evento pontual: deve se tornar um patrimônio vivo, capaz de envolver a população local e manter suas raízes históricas.

O ENT13 (Rua São João) é uma figura de referência local, da Rua São João, onde reside desde a infância. Com 41 anos e uma carreira de mais de 30 anos na comunidade, ele tem se dedicado a revitalizar as tradições locais e promover a participação dos moradores em diversas atividades. O ENT13 (Rua São João) tem sido fundamental na organização de eventos, especialmente durante os festejos juninos, que são marcados por tradições como a troca do mastro e o casamento caipira.

Ele descreve a Rua São João como um espaço vibrante, onde as festividades não se limitam apenas ao mês de junho, mas se estendem por todo o ano, refletindo um ambiente familiar e acolhedor. Além disso, ele aborda os desafios enfrentados pela comunidade, mas expressa otimismo em relação à revitalização e ao engajamento dos moradores nas atividades culturais e sociais.

#### 4.3 IDENTIFICAÇÃO E DADOS DA OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE

Durante a observação realizada, a pesquisadora teve a oportunidade de analisar alguns pontos por meio de roteiro de observação estruturado previamente, assim foi possível: Identificar as pessoas que participam das festividades; Características ambientais; Percepção corporal, alimentação, costumes, danças, vestimentas; Diálogos do público e dos artistas; Reações diante dos acontecimentos; Ações dos participantes e seu passo a passo; Modo de praticar de diferentes faixas etárias; e Reações diante de imprevisto e novidades que compõem o cenário social e cultural da região.

##### 4.3.1 Rua São João

Um dos aspectos mais notáveis foi a presença predominante de pessoas idosas e de meia-idade (atores), que se destacaram como o público principal dos eventos, especialmente nas chamadas "segundonas" e nas festividades juninas. A constância com que esses indivíduos

compareciam aos eventos evidenciou não apenas um forte vínculo com a cultura local, mas também uma construção de comunidade ao longo do tempo. Era notável que muitas dessas pessoas eram, de fato, moradores ou ex-moradores da Rua São João, o que reforçava a ideia de pertencimento e continuidade nas tradições locais. Assim, isso está de acordo com Pereira e Gillies (2022) que dizem que as festas podem ser vistas como momentos importantes para a promoção da sociabilidade no contexto da cidade, que ativam a memória dos moradores da cidade, bem como reforçam as tradições culturais, o sentimento de identidade e pertencimento coletivo.

Além disso, a pesquisadora observou que, embora a maioria do público fosse composta por adultos mais velhos, havia uma minoria de jovens presentes. Esses jovens, no entanto, mostraram-se mais propensos a comparecer quando artistas específicos se apresentavam, como Pedro Lua e a Orquestra Sinfônica. Essa dinâmica sugere que, enquanto os eventos juninos e as segundonas atraem um público mais maduro, a presença de artistas renomados tem o poder de mobilizar a juventude, criando uma interseção interessante entre diferentes faixas etárias e interesses culturais.

A observação desses padrões de participação e das relações entre os diferentes atores sociais na Rua São João dão destaque a vida comunitária e a forma como as tradições são mantidas e adaptadas ao longo do tempo.

Outro aspecto importante observado foram os vendedores ambulantes (atores), que se tornaram uma presença constante durante os eventos, oferecendo a principal bebida consumida: a cerveja. A interação entre os vendedores e os frequentadores é um elemento vital da experiência festiva, criando um ambiente animado e acolhedor. No entanto, com o passar do tempo, a pesquisadora notou que esses vendedores também começaram a aparecer em menor número. Essa diminuição pode refletir mudanças na dinâmica das festividades, possivelmente relacionadas a fatores econômicos, à concorrência com estabelecimentos fixos ou à própria evolução das preferências dos participantes.

Durante as festividades, é comum a presença de trios pé-de-serra (atores), que tocam músicas animadas do início ao fim das noites. As pessoas dançam com alegria, seja em duplas, trios, grupos ou até mesmo sozinhas. Essa liberdade de expressão através da dança cria um ambiente vibrante e festivo, onde a felicidade é palpável. Um aspecto notável é o sentimento de união que permeia esses momentos: muitos participantes chamam uns aos outros para dançar, criando laços temporários e interações espontâneas, até mesmo entre pessoas que não se conhecem.

Quanto aos artefatos, foi perceptível a presença marcante de bandeirolas coloridas, fotos de santos juninos, roupas quadriculadas e elementos feitos de palha, que contribuíam para a ambientação festiva dos eventos. Esses elementos não apenas decoravam o espaço, mas também simbolizavam a rica tradição cultural que permeia as celebrações juninas.

Entretanto, ao longo dos meses, a pesquisadora notou que as vestimentas e os artefatos associados a essas festividades começaram a sofrer modificações. A partir do mês de agosto, a chita – é tecido de planta barato, com estampas de cores fortes, geralmente utilizado em roupas do período junino –, as sandálias de couro e as roupas típicas, que anteriormente eram comuns e visíveis, passaram a se tornar cada vez mais imperceptíveis, devido a distância do período junino. Essa transição sugere uma adaptação cultural e uma mudança nas práticas sociais, em que os elementos que antes eram predominantes nas festividades juninas começaram a dar lugar a outros estilos e modas, roupas comuns, lisas e sem estampas, possivelmente influenciados por fatores como a sazonalidade, as tendências da moda e a dinâmica social da comunidade.

Essa evolução nas vestimentas pode refletir não apenas uma mudança estética, mas também uma transformação nas identidades e nas expressões culturais dos indivíduos que frequentam a Rua São João. O desaparecimento gradual dos trajes típicos pode indicar uma busca por novas formas de se expressar e se conectar com a cultura, revelando a complexidade das interações sociais e das tradições que, embora evoluam, continuam a desempenhar um papel fundamental na vida comunitária. Stoneman (2010), versa sobre quando diz que mesmo nas festas consideradas tradicionais, é possível identificar inovações de várias naturezas: cultural, social e estética. Essas inovações podem ser vistas como leves, pois impactam mais o apelo estético e intelectual do que o desempenho funcional dos produtos e serviços.

É possível também observar, durante as festividades, uma diversidade de barracas de comida que oferecem uma variedade de pratos típicos. Entre as iguarias disponíveis, destacam-se o cachorro-quente, o churrasquinho, o algodão doce, o caldo de kenga – mistura de frango, mandioca e bacon –, o acarajé, o mingau de puba, o arroz doce e o mungunzá. Essas opções gastronômicas não apenas agradam ao paladar dos frequentadores, mas também representam uma parte essencial da cultura local, trazendo à tona sabores que evocam memórias e tradições.

Além das barracas de comida, há também bares que oferecem um cardápio nordestino, com pratos como macaxeira e cuscuz, sendo o churrasquinho uma das especialidades mais apreciadas. Esses estabelecimentos contribuem para a atmosfera festiva, servindo como pontos de encontro onde as pessoas podem socializar e desfrutar de boa comida e bebida.

A observação dessas práticas alimentares e da presença dos vendedores ambulantes fornece uma visão clara de como a gastronomia e a convivialidade são fundamentais nas

celebrações da Rua São João. Essa interação entre comida, bebida e socialização não apenas enriquece a experiência dos participantes, mas também fortalece os laços comunitários, revelando a importância das tradições culturais na vida cotidiana dos moradores e frequentadores da região, concordando que, o processo organizacional de uma coletividade é representado pelas suas práticas, permitindo sua identificação como organização (Duarte; Alcadipani, 2016). Além disso, as práticas observadas na Rua São João incluem a dinâmica dos bares e estabelecimentos que colocam mesas e cadeiras nas calçadas e ruas, criando um ambiente acolhedor e convidativo. Muitas pessoas frequentam esses espaços apenas para comer, beber e observar o que está acontecendo ao seu redor. Em diálogos nos quais a pesquisadora foi incluída, ficou claro que muitos participantes, especialmente os idosos, consideram essa atividade uma forma de se divertir e preencher o tempo, aproveitando a atmosfera festiva.

Uma prática importante são as apresentações de quadrilhas juninas, que atraem um público maior nos dias de eventos. Essas quadrilhas são caracterizadas por uma intensa teatralização, o que levanta questionamentos sobre as mudanças nas formas de dançar e nas vestimentas utilizadas. A evolução dessas tradições pode refletir não apenas a adaptação às novas gerações, mas também uma busca por inovação e relevância cultural. Assim, é fundamental lembrar que a cultura é maleável, e as alterações nas festas populares são, teoricamente, previsíveis, devendo ser abordadas com cautela para não comprometer sua autenticidade (Canclini, 2003).

Essas práticas de socialização e celebração não apenas enriquecem a experiência individual, mas também fortalecem a coesão social da comunidade. A Rua São João se transforma em um espaço de encontro e partilha, onde as tradições se entrelaçam com novas formas de expressão, promovendo um sentimento de pertencimento e alegria coletiva. A observação desses fenômenos culturais revela a importância das festividades como um meio de conectar pessoas e preservar a cultura local, enquanto se adapta às mudanças dos tempos.

Durante o concurso de quadrilhas, diversos imprevistos chamaram a atenção do público. Entre os incidentes mais notáveis, muitos participantes desmaiavam durante ou ao final das apresentações, evidenciando o desgaste físico e emocional. Além disso, houve relatos de roupas rasgando e trocas de roupa em público, em que os atores ficavam despídos sem querer, o que gerava situações inusitadas e, por vezes, constrangedoras. Quanto a isso Ribeiro (2002) diz que durante as festas juninas, as populações que as vivenciam demonstram uma relação de preparativos intensos e organização cuidadosa, cheia de elementos simbólicos e afetivos,

delineando uma linguagem artística particular que articula o sagrado e o profano, a tradição e a inovação.

A coordenação do concurso enfrentou desafios como atrasos nas apresentações e problemas com o som, que tentavam resolver prontamente para manter a fluidez do espetáculo. Para garantir a segurança e o bem-estar dos participantes e do público, contaram com o apoio dos bombeiros e da polícia civil, que estavam presentes para lidar com qualquer eventualidade. Dessa forma, seguindo o que disse Possas (2015) a relevância de elementos como a mudança, incluindo a improvisação, a emoção e o tempo são entendidos como normais na vida organizacional da Rua São João e seus festejos, sendo a organização o resultado do envolvimento contínuo dessas ações. As quadrilhas juninas frequentemente abordavam temas ligados à cultura sergipana, incluindo referências a elementos como o amendoim cozido (patrimônio imaterial), as marisqueiras, a Rua São João e a festa dos caminhoneiros de Itabaiana. Essa conexão com a cultura local enriquece as apresentações, tornando-as mais significativas e representativas da identidade regional.

As quadrilhas também se destacavam por seus cenários e adereços móveis, além de efeitos como fumaças improvisadas para impactar o público. O uso do "anavantu" como um grito característico das quadrilhas merece destaque, pois se tornou uma marca registrada dessas apresentações. A marcação e o barulho, que costumavam ser feitos pelas palmas dos quadrilheiros, substituíram o som tradicional dos pés em contato com os tablados de madeira. Com a mudança para o cimento, esse barulho característico se perdeu, levando a uma adaptação dos sons e ritmos. Além disso, personagens tradicionais como o padre, Lampião e a rainha do milho nem sempre estavam presentes nas quadrilhas, refletindo uma evolução nas narrativas e nas representações culturais.

Segundo Rufino *et al.* (2017), as festividades como as festas juninas, o carnaval e outras que se tornaram espetáculos, estão a seguir novos modelos e exigências da pós-modernidade, alterando tais tradições e práticas. Por meio da observação, é perceptível que essa combinação de tradição e inovação reflete a capacidade das festividades de se adaptarem aos tempos modernos, mantendo viva a essência cultural enquanto atraem novas gerações e ampliam a participação da comunidade.

Com isso, percebe-se que as festas juninas são repletas de diferentes representações e um hibridismo cultural trazendo as ressignificações destes elementos culturais para a identificação da cultura (Silva; Silva; Lima, 2020). Essas nuances revelam não apenas a complexidade das festividades, mas também como as tradições se adaptam e evoluem ao longo do tempo, mantendo-se relevantes e inclusivas.

A presença da tecnologia (artefatos) nas festividades juninas trouxe uma nova dimensão às apresentações. Sempre havia alguém filmando as quadrilhas, seja para redes sociais pessoais, da própria quadrilha junina ou do âmbito governamental. Essa cobertura digital permite que as festividades alcancem um público mais amplo e se tornem virais, aumentando a visibilidade do evento. Nas segundonas, um telão de LED era uma atração constante, exibindo a logomarca do evento, do governo e órgãos públicos. Essa inovação tecnológica não só embelezava o ambiente, mas também mantinha o público informado e engajado. Os jogos de luzes e as fumaças adicionavam um elemento visual impressionante, criando uma atmosfera vibrante e envolvente. Comparando com fotos e documentos antigos, é perceptível que esses recursos não estavam presentes anteriormente, evidenciando a evolução das festividades.

**Figura 3** – Organização dos festejos da Rua São João no passado



Fonte: Youtube<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Rua São João: Uma história centenária (2024). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3yLdahaSoNw&t=3s>. Acessado em: Maio/2024.

**Figura 4** – Festejos da Rua São João atualmente



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2024).

O público se empolga e adora assistir e interagir com as quadrilhas. Nas segundas, as apresentações costumam culminar em um momento final, no qual os quadrilheiros convidam o público a dançar junto, gerando uma grande interação e um sentimento de comunidade. As pessoas sentem orgulho de afirmar que a Rua São João é o "Maracanã das quadrilhas", um espaço que existe há quase 115 anos, simbolizando a tradição e a paixão pela cultura junina.

Além da forte tradição dos trios pé de serra, muitas atrações, incluindo algumas quadrilhas juninas, têm incorporado um forró mais estilizado, samba e até instrumentos que dialogam com o axé. Na noite de São João, é comum ver casas com fogueiras e famílias reunidas na porta, criando um ambiente acolhedor e festivo. Essas tradições familiares são fundamentais para a celebração, promovendo a união e a confraternização entre amigos e vizinhos.

Essas adaptações e a mistura de ritmos demonstram como as festividades juninas continuam a se reinventar, mantendo viva a cultura enquanto abraçam novas influências e estilos. A interação entre a tradição e a modernidade é uma característica marcante das celebrações, tornando-as ainda mais vibrantes e inclusivas.

O passeio de carroça durante as festividades juninas atrai pessoas de diversas localidades, criando um ambiente vibrante e cheio de vida. No entanto, isso também gera um conflito de sons, com a mistura de ritmos que vão desde o forró tradicional até influências das vaquejadas, que se fazem presentes nas músicas tocadas nos trios elétricos ao longo do trajeto.

A festa começa às 14 horas, mas já antes desse horário, muitos começam a se reunir nas ruas, bebendo e aproveitando a atmosfera festiva. Observa-se uma grande quantidade de

chapéus de couro e palha, provavelmente como proteção contra o sol, além de uma diversidade de idades entre os participantes, que vão de crianças a idosos. As carroças, que variam entre tradicionais de madeira e charretes de ferro, são uma atração à parte, muitas vezes transportando famílias inteiras, com até sete pessoas.

As pessoas se posicionam nas calçadas para apreciar a passagem das carroças, e a presença de bebidas alcoólicas, especialmente cerveja, é notável, contribuindo para a animação do evento. Essa combinação de tradição, música e confraternização faz do passeio de carroça uma experiência única e memorável, refletindo a riqueza cultural das festividades juninas.

#### 4.3.2 Estância

Em Estância, embora não tenha sido possível observar os festejos de forma direta, a comparação entre vídeos e fotos antigos e atuais revela uma transformação significativa nas vestimentas, enquanto os ritmos e características culturais permanecem intactos. Essa evolução nas roupas reflete não apenas uma mudança estética, mas também a adaptação às novas gerações e influências, mantendo, no entanto, a essência da tradição.

**Figura 5** – Demonstração da cultura junina estanciana



Fonte: Youtube<sup>2</sup> (2024)

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mdwmGMQTFQI>. Acesso em: maio 2024.

Os eventos, conforme relatado pelos entrevistados, podem ter mudado de local ao longo do tempo, mas as tradições fundamentais permanecem inalteradas. Essa continuidade é um testemunho da resiliência cultural da comunidade, que valoriza suas raízes e se empenha em preservar o que é essencial. Ao observar as representações culturais, nota-se um cuidado especial com a cultura local. O ensaio e a escolha cuidadosa das roupas, especialmente na batucada, asseguram que todos os participantes estejam alinhados e sincronizados, resultando em uma apresentação coesa e impactante.

Essa resiliência cultural não se manifesta apenas nas tradições que perduram, mas também nas práticas que se sustentam, reproduzem e transformam ao longo do tempo. Essas práticas são moldadas não apenas pelas relações entre os atores, mas também pelas interações que se estabelecem entre as pessoas e os objetos, além das configurações materiais em que estão inseridas (Santos; Silveira, 2015). Assim, a continuidade das tradições e a adaptação das práticas culturais revelam como a cultura é um fenômeno dinâmico, que, embora enraizado em suas origens, evolui para se manter relevante e significativa para as novas gerações.

A energia da juventude é palpável durante essas festividades, em que todos cantam com entusiasmo e alegria, refletindo um espírito vibrante e comunitário. O evento do barco de fogo, por sua vez, é uma demonstração de que grandes celebrações requerem não apenas um número considerável de pessoas, mas também um preparo meticuloso. Os fogueteiros, com seu trabalho árduo e dedicação, trazem um prazer inigualável ao ver o resultado de seus esforços, transformando o evento em um espetáculo visual que encanta a todos.

Essa combinação de tradição, dedicação e inovação é o que torna os festejos em Estância tão especiais. No decorrer dos anos, as festividades evoluem, mas a paixão pela cultura e a união da comunidade permanecem como pilares fundamentais, assegurando que a essência das celebrações nunca se perca. Cada evento é uma oportunidade para celebrar a identidade cultural, reforçar laços comunitários e transmitir o legado às futuras gerações.

#### 4.4 ATORES, ARTEFATOS E PRÁTICAS

Neste contexto, a análise de atores, práticas e artefatos permite uma compreensão mais profunda das interações sociais e culturais. Ao explorar como esses elementos se entrelaçam, revelam-se as dinâmicas que sustentam as tradições e as inovações nas manifestações culturais, enriquecendo nosso entendimento sobre o papel da cultura na vida cotidiana.

Inicialmente percebe-se que os atores que participam das festas trazem consigo histórias de sacrifício que garantem a continuidade dessas manifestações. O espaço físico é um elemento

essencial, assim como a infraestrutura necessária para a realização da festa (Marques; Brandão, 2015). Como um dos entrevistados de Estância mencionou:

Esse ano eu tive que vender minha Bros 2024 pra investir na quadrilha. Tô de pé. É amor, não é? É. Então essa é a dificuldade que a gente tem. (ENT07)

Os valores de pertencimento dos participantes em relação aos outros elementos são fundamentais, permitindo a formação de redes e laços cruciais para a articulação da festa. Observa-se que as festas são caracterizadas pela formação de redes, e seu dinamismo depende dessa estrutura fluida (Marques; Brandão, 2015). A partir das entrevistas, foi possível observar a importância dos valores de pertencimento entre os participantes como elementos essenciais para articular a festa.

Ele começa essa conexão... (Silêncio) Conexão com o Junino Estanciano. Aí, vem uma coisa mais gostosa que o Estanciano tem. Além de ser hospitaleiro, nesse período junino o estanciano ele fica mais... (Silêncio) Nobre. Porque ele consegue tirar você para dançar, tem uma essência da cultura. (ENT06)

A conexão mencionada, especialmente em relação ao "Junino Estanciano", ilustra como as interações sociais são enriquecidas durante esse período, criando um ambiente de hospitalidade e celebração cultural. A referência à essência da cultura e à capacidade dos estancianos de envolverem os visitantes em danças revela a fluidez das relações sociais que se intensificam durante as festividades. Essa dinâmica não apenas fortalece os laços comunitários, mas também evidencia como a tradição e a cultura local se manifestam por meio da interação, contribuindo para a identidade coletiva e a continuidade das práticas festivas.

Já os artefatos, outros organismos vivos e coisas são componentes e determinantes da vida social tão importantes quanto as pessoas (Schatzki, 2001). Essa incorporação envolve o reconhecimento de que as relações sociais não podem ser restritas apenas às interações entre seres humanos. A descrição das tradições e itens típicos, como o xadrez nas vestimentas e os enfeites de milho, ilustra como esses elementos materiais contribuem para a identidade cultural e a celebração das festividades. A menção a itens como bandeirinhas coloridas, comidas típicas e bebidas tradicionais revela uma riqueza de práticas que, além de embelezar o ambiente, promovem um senso de pertencimento e continuidade cultural. Assim, a festa não é apenas um evento social, mas uma manifestação coletiva onde artefatos, vestimentas e iguarias se entrelaçam, formando uma experiência que reforça laços comunitários e celebra a diversidade cultural, é possível perceber nos relatos:

É típico de Estância ter elementos como a chita, o xadrez, a palha e o bambu. Esses itens são essenciais para a festa, assim como as bandeirinhas e a decoração da cidade.

As caricaturas também são importantes, pois fazem parte da tradição local. O colorido e a diversidade das cores são fundamentais para essa celebração. (ENT02)

Na vestimenta, é comum usar xadrez, principalmente em festas. Se for uma festa mais formal, a roupa é mais arrumada, mas em festas familiares, é comum usar xadrez, botas e chutinho. Meu combo favorito de São João é amendoim, licor de vários sabores e milho. Embora não seja tradicional, também tem sempre churrasco com carne. (ENT03)

A decoração inclui bandeirinhas e enfeites com milho, além das comidas típicas, como bobó, caruru, canjica, e a fogueira, que é uma das principais atrações. As barraquinhas ficam abertas por cerca de 30 dias. (ENT04)

Hoje... Tecido, Viés, aí vem os adereços, né? Chapéu, sandálias, as tiaras, tule. (ENT07)

Em Aracaju, a cachaça e a cerveja são as bebidas mais comuns. Também são típicos os pratos com macaxeira, como o bolo de macaxeira, e doces como saroi, pé de moleque, beijo molhado e mal-casado. Outros itens importantes são o queijo coalho, o amendoim verde cozido, que é um patrimônio local, e o churrasquinho, que é muito comum. (ENT08)

Bandeira, balão. Sim. Sim. E no passeio de carroça em si? Tem carroça, tem cavalo, todas decoradas. Cerveja, amendoim, acarajé, cachorro-quente, pamonha, pé de moleque, milho, churrasquinho. (ENT09)

As bandeirinhas coloridas são importantes, pois valorizamos muito as cores e a alegria. Não são quaisquer bandeirinhas, mas as coloridas, chapéus de palha e palhas de coqueiro para decorar os festejos juninos. As comidas típicas, como milho assado, milho cozido, mingau e canjica, ainda estão presentes, embora tenha diminuído um pouco. As pessoas costumam usar roupas xadrez, jeans e vestimentas mais rústicas. (ENT13)

Essas constatações afirmam que, “nessa celebração multicultural de imagens, coexistem símbolos representativos da cultura regional, como o chapéu do cangaceiro, o candeeiro e a sanfona, juntamente com fotografias de artistas locais e imagens de santos que evocam os mitos da região” (Morigi, 2005, p.10). Neste caso, ergue-se a festa junina, constituída por vários elementos, agentes e artefatos, como fogueira, balões, bandeirolas multicolores, celebrações religiosas católicas, adivinhações, compadrios, comidas típicas regionais, quadrilhas e forró (Chianca, 2013). Bandeirolas multicoloridas, luzes, fogueiras, candeeiros, fitas de cetim, balões, espigas de milho, chapéus, cestas de palha, imagens de Santo Antônio, São João e São Pedro, além de representações de casas de taipas/pau-a-pique feitas de barro e madeira, e tecidos de chita com estampas xadrez e cores fortes, tornam-se parte dessa transformação (Marques, 2018).

Os arranjos materiais ajudam a constituir as organizações como espaços que abrigam atividades humanas e práticas sociais, criando cenários onde pessoas, artefatos e “coisas” coexistem e se relacionam, conferindo identidade e significado (Santos; Silveira, 2015). As práticas se sustentam, reproduzem e transformam, portanto, não apenas por meio das relações

entre os atores, mas também pelas interações que se estabelecem entre pessoas e objetos. Nesse sentido, é fundamental reconhecer que os artefatos não são meros acessórios, mas sim elementos ativos que influenciam e moldam as experiências dos indivíduos. Por exemplo, a presença de itens típicos como bandeirinhas coloridas, vestimentas de xadrez e comidas tradicionais, como milho e canjica, não apenas enriquecem a experiência festiva, mas também contribuem para a construção da identidade coletiva da comunidade.

Além disso, a interação entre os indivíduos e os artefatos, como o uso de chapéus de palha e a decoração com palhas de coqueiro, demonstra como esses elementos materiais são fundamentais para a vivência das tradições. A menção a atividades como a confecção de bandeirinhas e a preparação de comidas típicas evidencia que essas práticas não ocorrem isoladamente, mas são moldadas pelas relações que os participantes estabelecem com os objetos ao seu redor. Assim, os arranjos materiais não apenas sustentam as práticas sociais, mas também as transformam, criando cenários que conferem significado e identidade às festividades, reforçando a ideia de que a cultura é uma construção coletiva que envolve tanto pessoas quanto artefatos. Com isso, entender as organizações envolve não só “desvendar” as atividades humanas, mas também apreender as configurações materiais em que estão imersas (Santos; Silveira, 2015). Tal abordagem confere as narrativas dos entrevistados:

Embora hoje existam máquinas feitas pelos fogueteiros, ainda se usa métodos tradicionais, como o pisa-pólvora com pilão. Materiais como livros antigos são doados para ajudar no processo. Além disso, as costureiras que fazem novas roupas também contribuem com aviamentos. E, claro, não pode faltar o licor de tamarindo ou de cajá, que é uma tradição em Estância. (ENT06)

O início do forró foi com um quarteto no estilo pé de serra, no interior. Quando me profissionalizei, passei a tocar com banda, usando guitarra, baixo, bateria, teclado, acordeon, zabumba, triângulo, percussão, vocais e bailarinos com roupas típicas de forró. No ano passado, a programação foi pensada para atrair o público jovem, que não se interessa tanto pelo forró tradicional. Para isso, foram incluídas atrações de forró moderno, o que fez a casa lotar. (ENT10)

Os materiais eram necessários são chapéu de couro, tecidos floridos, roló, sapato de couro, tiara ou rosa para as meninas. E aí, para conseguir isso, por meio de bingo, de amigos, de rifa, de vereador, também tem o pé de serra para conseguir, e a comunidade do bairro ajuda no bingo. (ENT11)

Essas narrativas ressaltam a importância dos artefatos na construção de significados coletivos e na facilitação das interações sociais, evidenciando que cada elemento material carrega consigo um legado cultural que impacta diretamente as práticas e as relações dentro das organizações. Desta maneira, a ontologia contextual enfatiza que os indivíduos que carregam e dão continuidade às práticas estão imersos em campos de significados que essas práticas sustentam (Passos; Bulgacov, 2019). Essa perspectiva é corroborada pelos relatos sobre as

festividades juninas, em que a transformação do comércio e da cidade, com a decoração típica e a presença de elementos como bandeirinhas e palhas, evidencia como os artefatos moldam a experiência coletiva.

Em junho, a cidade se transforma, com o comércio e as lojas decoradas com bandeirinhas e elementos típicos, como palha e pindoba. Temos o forró-dromo, que pode receber mais de 80 mil pessoas. Também temos o Chico Surdo, uma figura folclórica conhecida por criar o barco de fogo, que é representado em caricaturas de madeira, simbolizando o São João local. (ENT02)

O público em geral da cidade. No geral, basicamente eu acho...Não tem como dizer assim, tem um público específico, mas em geral, eu vejo até mesmo aqueles que não gostam de ir para o show em si, tem espaço para eles se sentarem, eles vão para o vestiário, tiver as famílias com as crianças, para ver tudo isso. (ENT04)

A atividade concurso de quadrilha realmente surgiu aqui. Então é algo muito marcante. Tanto que o espaço de quadrilha não é considerado como Maracanã das quadrilhas. Ambiente é muito tranquilo, remete muito a uma cidade do interior. A gente até brinca às vezes que é o interior da capital. É um ambiente muito familiar, onde as crianças brincam, os idosos também. (ENT13)

Assim, a análise revela que os artefatos não são apenas decorativos, mas sim componentes essenciais que moldam as experiências coletivas, sustentando e transformando as práticas sociais dentro das organizações. A ontologia contextual, portanto, se manifesta nas relações dinâmicas entre indivíduos e objetos, em que cada elemento contribui para o fortalecimento da identidade cultural e das interações sociais. Essas falas reforçam a ideia de Marques (2018) quando afirma que atualmente, durante os dias de festa junina, a cidade se transforma e se torna encantadora, com alterações na decoração das ruas, praças, estabelecimentos comerciais, prédios públicos e casas.

Por último, Strati (2016) argumenta que, para a compreensão e apropriação das práticas nas organizações, é necessário um julgamento estético, que reflete o conhecimento organizacional construído socialmente, implicando na percepção do que é considerado perfeito ou imperfeito, bom ou ruim, certo ou errado para os membros de um grupo, isso é perceptível na fala do entrevistado 11.

Sobre as mudanças, por exemplo, no caso da quadrilha Junina, a quadrilha não é mais uma quadrilha Junina, virou peça teatral. E aí, mudou bruscamente, não faz mais roda, não faz mais ciranda, não dança, nesse caso, o baião, e isso veio de Recife. (ENT11)

#### 4.5 COMO ACONTECEM AS PRÁTICAS

Claval (2002) define cultura como a soma dos comportamentos, saberes, técnicas, conhecimentos e valores que os indivíduos acumulam ao longo de suas vidas e, em uma escala mais ampla, pelo conjunto dos grupos a que pertencem. Tomando como definição de tradição um conjunto de práticas, ritos e símbolos construído no passado e que continua a ser aceito e

atuante no presente (Gomes; Santos; Ribeiro, 2015), são valores enraizados no cotidiano de um grupo social, regulados por regras aceitas por todos, e transmitidos por meio da repetição contínua dessas práticas no espaço e na experiência vivida (Gomes; Santos; Ribeiro, 2015). Assim, são observadas algumas práticas que foram enraizadas e são tradicionais nos dois campos estudados e que os atores definem por meio de repetições e do significado para os atores.

Os fogueteiros usam um processo de produção fio a fio, ajustando o tamanho do cordão conforme a demanda. O trabalho varia ao longo do ano: de setembro a novembro, eles se concentram em fazer cordões; em dezembro, começam a preparar o bambu, que é seco em janeiro e fevereiro, quando também começam a cozinhar as tabocas. O ritual do pisa-pólvora começa em dezembro, mas hoje é mais comum começar no meio do mês. Com a escassez de mão de obra, a produção de fogos varia de acordo com cada fogueteiro. (ENT01)

Nas festas maiores, as atrações acontecem no forró-dromo, com bandas de fora e algumas locais. Já nas festas de rua, as mais tradicionais começam no dia 31 de maio com o cortejo, batucadas, quadrilhas, a rainha do São João e os fogueteiros com suas espadas. A festa vai até o dia 29 de junho, com a celebração de São Pedro. Uma semana depois, ainda em julho, acontece a festa dos fogueteiros, que ocorre em um bairro com muitos deles, já que eles trabalham durante os 30 dias e aproveitam o final de semana após as festividades para a festa própria. (ENT02)

A festa mais importante da cidade é a salva, que marca o começo oficial das festividades. Desde o início de maio, as pessoas começam a procurar roupas legais para a festa, mesmo sem saber as atrações. A escolha da roupa vem antes da bebida que será levada. Ultimamente, as roupas têm sido mais pretas, mas a cada ano surge algo novo. No ano passado, fui de regata xadrez, e este ano usei uma camisa oversized, algo mais descolado. As bebidas mais consumidas são cerveja, vodka, água tônica, licor e uísque. (ENT04)

A partir do dia 31 de maio. Dia 1 de junho já começa o misturo. De quando criou a segunda o comércio também movimentou muito. Já estão doentes lá, que já vai terminar, vai até o dia 17 de dezembro. O passeio de carroça dura, no mínimo, 3 horas e meia de relógio. É isso, 4 horas de relógio. E aí tem o padre, tem a mãe da noiva, tem o pai da noiva. Tem delegado na parada, como se diz. E é improvisado. A gente já sabe, já um conjunto, muitos anos fazendo. (ENT09)

Na minha quadrilha eu faço questão de ter xaxado, baião, xote, forró e ciranda. E quem participa dessa ação, no caso da quadrilha são as pessoas que moram ou que moravam lá no bairro, tem gente de todas as idades, mas essa percepção de que os jovens não ligam, não estão mais querendo, não se fazem presente. (ENT11)

A análise dos relatos evidencia que as práticas tradicionais, como as festividades e os rituais associados, são fundamentais para a construção de significados coletivos e para a identidade cultural de um grupo. Esses elementos não apenas conectam o passado ao presente, mas também permitem que os indivíduos se relacionem e interajam em um espaço social compartilhado. Assim, a tradição, conforme definida por Gomes, Santos e Ribeiro (2015), se manifesta na repetição e na continuidade das práticas, sendo essencial para a coesão social e a

preservação da cultura local. Com base nisso expõe-se no quadro 9 as práticas percebidas e suas descrições:

**QUADRO 9** – Práticas identificadas e suas definições

| ATIVIDADES                        | DESCRIÇÃO  |
|-----------------------------------|--|
| <b>Batucada</b>                   | Esta prática envolve a percussão de instrumentos, a dança com os tamancos de madeira em junção com canções típicas que são parte essencial da animação das festas. A batucada não apenas traz ritmo e alegria, mas também promove a participação ativa da comunidade, com grupos se reunindo para ensaiar e tocar durante as festividades. |
| <b>Quadrilha Junina</b>           | As danças típicas, como a quadrilha junina, são uma das principais atrações. A organização dessas danças envolve ensaios regulares e a colaboração entre diferentes grupos, sendo um momento de socialização e aprendizado intergeracional.  |
| <b>Casamento Caipira</b>          | Este ritual festivo é uma representação lúdica do matrimônio, onde os participantes se vestem a caráter e encenam uma cerimônia. A organização deste evento exige planejamento cuidadoso, desde a escolha dos "noivos" até a preparação dos trajes e a coordenação dos convidados.   |
| <b>Festas Juninas em Casa</b>     | Muitas famílias realizam suas próprias celebrações em casa, promovendo pequenas festas que incluem comidas típicas e brincadeiras. Essas festas em ambiente familiar são fundamentais para manter as tradições vivas e fortalecer os laços familiares e comunitários.  |
| <b>Festas com Bandas</b>          | A presença de bandas locais e trios pé-de-serra é uma característica marcante das festas juninas de ambos os espaços. Essas apresentações musicais atraem grandes públicos e são fundamentais para a animação do evento, proporcionando um espaço de celebração e socialização, além de valorizar a cultura local.                         |
| <b>Concursos de Barco de Fogo</b> | Esses concursos são uma tradição nas festas, essa prática não apenas encanta os espectadores, mas também envolve a comunidade na sua elaboração e competição, reforçando o espírito festivo.   |
| <b>Concursos de Quadrilhas</b>    | Os concursos de quadrilhas são eventos competitivos que reúnem grupos de dançarinos, avaliados por jurados. Essa prática, principalmente na Rua São Joao, estimula a criatividade e a dedicação dos participantes, além de promover o intercâmbio cultural entre os grupos.  |

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Por meio do *organizing*, é possível visualizar como os atores se relacionam em períodos diferentes por meio de estratégias e rotinas, compreendendo fatos antigos ou futuros (Vasconcelos, 2022). Nessa perspectiva, a organização deve ser entendida como uma construção constante dos atores, de suas práticas e de suas interpretações do que estão fazendo, e, por isso, haverá divergências sobre o que é a organização (Possas, 2015). Com isso, observa-se que a luta pela preservação das tradições se reflete nas práticas coletivas dos moradores, que buscam alternativas para garantir a continuidade de suas festividades. A menção ao bingo e à rifa como estratégias de arrecadação de fundos revela uma dinâmica de organização comunitária que se adapta às dificuldades enfrentadas, especialmente quando a parceria com o poder público não é estável. Essa realidade exemplifica a ideia de que a organização é uma construção contínua, onde os atores sociais não apenas reagem às circunstâncias, mas também

moldam suas práticas e interpretações do que significa manter suas tradições. Diante da narrativa do ENT13 percebe-se a narrativa:

A comunidade luta para manter as tradições, e às vezes conseguimos boas parcerias com o poder público, mas outras vezes precisamos buscar recursos próprios, como fazendo bingos e rifas. Também colocamos a mão na massa, pintando e grampeando as bandeirinhas nas ruas. Antigamente, os moradores se reuniam para fazer as bandeirinhas com jornal e cola, mas hoje isso já não acontece tanto. As festividades começam no dia 31 de maio com a troca do mastro e costumavam durar 30 dias, mas agora terminam mais cedo, geralmente no dia 24 de junho, com o dia de São João. (ENT13)

As festividades, enquanto objetos identificadores das comunidades e meio construtivo que consolidam referência a um determinado lugar ou grupo, também corroboram a transformação social da cidade, estreitando os laços entre os sujeitos (Pereira e Gillies, 2022). Os relatos das entrevistas ilustram como as festividades são experiências coletivas que exigem uma harmonização de elementos, tanto na dança quanto na organização das quadrilhas, além de evidenciarem que as festividades são mais do que simples celebrações; elas são processos sociais complexos que envolvem colaboração, criatividade e superação de desafios. A harmonia necessária nas apresentações e a luta pela manutenção das quadrilhas refletem a importância dessas práticas para a identidade comunitária e para a transformação social. As festividades, portanto, atuam como um meio construtivo que não apenas reafirma a cultura local, mas também fortalece os laços sociais, promovendo uma sensação de pertencimento e continuidade dentro da comunidade.

Tudo precisa estar harmonizado para que a batucada e a dança fiquem perfeitas. O sapateado e o tambor devem estar bem sincronizados, com marcações e variações nos tambores. Se não estiver tudo ajustado, não fica harmonioso. A roupa também precisa combinar, com o tecido certo para criar um visual equilibrado. O trabalho das costureiras é essencial nesse processo, unindo o básico com o detalhado. Isso não é algo que se estuda, mas sim uma habilidade natural da pessoa. (ENT06)

Organizar as festas é difícil, com bingo, festivais e rifas para arrecadar dinheiro. Antes havia 12 quadrilhas, mas agora só restaram duas. Sem investimento, fica complicado fazer acontecer. Os participantes não precisam arcar com nada, só com o sapato, e o trio toca mais por amizade. Os ensaios começam com o som e seguem até as apresentações, que começam no final de maio ou início de junho. (ENT07)

Contudo, no Nordeste, as festas juninas transformam as cidades e o espírito das pessoas, que parecem sentir uma irresistível atração e afinidade pela festa. Para grande parte da população desta região, esta é a principal festividade do ano, para alguns, até mais importante que o período natalino (Sousa *et al.*, 2018). Nessa ocasião, toda a população é envolvida com os festejos juninos, mesmo que apenas na posição de expectadores. Assim, a festa junina se faz presente nas reuniões familiares, nas ruas, no comércio, nas escolas, nas associações de bairros,

nos movimentos sociais e nas instituições católicas que veneram os santos juninos (De Sousa *et al.*, 2018), como é observado na fala do ENT03:

As casas e Estância, todas se abrem para receber os parentes. Gente que é só...Na época que eu estava lá na UFS, eu trouxe, minha professora. Então, primeiro a gente já se abre para receber as pessoas de fora que têm vontade de conhecer as nossas festas. A gente arruma nossas casas. Tem uma prática aqui também, até para proteger a casa dos folgos, de colocar as barraquinhas na frente. Agora está usando muito o *pallet* porque aí não bate as tabocas direto nas calçadas das casas. (ENT03)

A irresistível atração pelas festas juninas revela um profundo vínculo emocional da população com essa tradição. A festa não é apenas um evento, mas um momento de união e celebração que envolve todos os segmentos da sociedade, desde as reuniões familiares até a participação em instituições religiosas e movimentos sociais. Já a afirmação de que "toda a população é envolvida" destaca a universalidade da festividade. Mesmo aqueles que não participam ativamente, como os expectadores, fazem parte do ambiente festivo, o que reforça a ideia de que a festa junina é uma experiência comunitária.

A prática de abrir as casas para receber parentes e visitantes é uma demonstração clara de como as festividades fortalecem os laços familiares e comunitários. Bem como o costume de preparação das casas para as festas, como a arrumação e a instalação de "barraquinhas", revela um aspecto prático e simbólico da festividade. O uso de pallets para proteger as casas dos "fogos" mostra uma adaptação às necessidades contemporâneas, mantendo a tradição viva enquanto se ajusta às novas realidades.

Contudo, as festas juninas no Nordeste são um exemplo poderoso de como a cultura pode transformar não apenas o espaço físico, mas também as relações sociais e emocionais entre as pessoas. A abertura das casas e o acolhimento de visitantes refletem a hospitalidade característica da região, enquanto o envolvimento coletivo na festividade promove um senso de pertencimento e identidade. Assim, as festas juninas não apenas celebram a cultura local, mas também desempenham um papel vital na coesão social e na construção de uma memória coletiva.

Para Silva, Silva e Lima (2020), as festas juninas são uma forma de enraizar em cada membro do grupo social os seus valores, normas e tradições. Nesta ocasião, quando as novas gerações se apropriam desses conhecimentos, ou seja, das festas juninas, vão surgindo novas formas de representar o viver, o ser e o sentir na atualidade. Diante disso, percebe-se que as festas juninas servem como um veículo para a transmissão de valores e normas que são essenciais para a coesão social. Ao participar dessas celebrações, os indivíduos se conectam com suas raízes culturais, reforçando a importância da tradição na formação da identidade.

Já o envolvimento das novas gerações nas festas juninas é crucial. Ao se apropriarem dos conhecimentos e práticas associadas a essas festividades, os jovens não apenas preservam as tradições, mas também as reinterpretam, trazendo novas perspectivas e significados. Essa dinâmica é vital para a continuidade cultural, garantindo que as tradições se adaptem às mudanças sociais e às novas realidades.

Apesar de enraizadas em tradições, são também espaços de inovação e criatividade. As novas gerações podem incorporar elementos contemporâneos, refletindo suas experiências e emoções, o que enriquece a festividade e a torna relevante no contexto atual. Essa apropriação e reinterpretação das tradições permitem que a identidade cultural evolua. As festas juninas tornam-se um espaço onde o passado e o presente se encontram, possibilitando uma reflexão sobre o que significa ser parte dessa cultura em um mundo em constante mudança.

A partir da participação nas festividades, as novas gerações não só preservam as tradições, mas também as transformam, criando novas representações do viver e do ser. Essa dinâmica assegura que a cultura permaneça viva e relevante, adaptando-se às necessidades e experiências contemporâneas, enquanto continua a fortalecer os laços comunitários e a identidade coletiva.

#### 4.6 HISTÓRIA DAS PRÁTICAS

As festas populares podem ser efêmeras, pois seguem uma temporalidade cíclica e apresentam um sistema de governança complexo (Davel; Dantas, 2019). No entanto, isso não implica que sejam menos significativas ou que não possam ser vistas como instituições. Muitas festas populares se estabelecem como instituições robustas devido à sua recorrência, legitimidade, centralidade e sedimentação cultural ao longo de décadas ou até séculos em uma sociedade específica (Davel; Paiva Júnior, 2019).

Vários entrevistados concordaram que as festas desempenham um papel vital na cultura local, destacando que “cada festa traz consigo um pedaço da nossa história”. No entanto, alguns expressaram que, embora reconheçam a importância dessas celebrações, a maioria deles conhecia apenas superficialmente a história por trás delas.

O São João de Estância surgiu do entusiasmo de um povo festeiro, que tem essa tradição no sangue. A cidade, bem localizada e com boa infraestrutura, sempre foi marcada pela comemoração familiar. As pessoas que trabalhavam nas fábricas aproveitavam o período para celebrar em casa. Com o tempo, a festa foi ganhando força, incluindo a criação do barco de fogo e grupos folclóricos. Estância sempre foi reconhecida por ter o melhor São João do interior de Sergipe. (ENT02)

A festa surgiu, mas eu sei que tem muito a ver, muito ligado com a religião católica. Como eu falei na questão da fogueira. Porque tem um cortejo no dia 28, que sai lá de uma capela, na capela de São João, e ela percorre a capela e vem todo mundo. Vem as batucadas, o santo, coloca a rainha de São João também, e vem até a Praça Matriz, onde ia ser a fogueira e o padre, ascende a fogueira. Então, creio eu que foi muito com a religião católica mesmo que deu esse ponto inicial. (ENT04)

Então, você acabou de falar, sobre o Buscapé e a Espada, eu nunca fui atrás de saber. Só pelas bocas de muita gente, pela mente de muita gente, que o Buscapé e a Espada, que hoje é concentrado no bairro Porto da Areia, alguém de fora chegou e fez esse Buscapé. O Chico Surdo, acho que você já sabe, né? A coisa. Então, aí a ideia vai sair, né? Todo mundo foi abraçando. Cada pessoa que foi querendo vontade e gosto daquilo ali. (ENT05)

No início, o São João de Estância não tinha forró, mas sim blocos que competiam para ver qual era o mais animado e bonito, como no carnaval. Com o tempo, a festa passou a ser organizada pela própria comunidade, que sempre fez comemorações nas ruas. Era comum colocar uma bananeira na porta, ligada a crenças populares, especialmente com Santo Antônio, o Santo Casamenteiro. Também era comum ter o pau-de-sebo, uma tradição popular. (ENT08)

Quando eles fizeram o palanque de madeira, há anos atrás, só para os dias 23, 24, 28 e 29. Depois veio o concurso, a quadrilha São João de Deus. (ENT11)

A primeira grande ação de João Alves foi o calçamento da rua, com os paralelos de cimento. Foi montado um círculo de areia para o palco de Forró. Com o tempo, a festa foi crescendo e se tornando famosa. Então, surgiu a ideia de construir o quadrilhódromo, uma novidade para o Estado, especialmente com o sucesso dos concursos de quadrilhas na época. (ENT12)

Além disso, a prática sempre é o resultado de condições históricas específicas, decorrentes de práticas anteriores que se transformam em nossa prática atual. O processo material de produção envolve tanto a criação de bens quanto a reprodução da sociedade. A grande contribuição dessa tradição é epistemológica e metodológica, no sentido de que a prática é um sistema de atividades em que o saber não está separado do fazer e considera a aprendizagem uma ocorrência social e não apenas uma atividade cognitiva (Bispo, 2013). A análise das festas juninas, particularmente na Rua São João, revela um rico entrelaçamento entre práticas culturais, condições históricas e identidade comunitária. A visão de Bispo (2013) sobre a prática como um sistema que integra saber e fazer destaca a importância da aprendizagem social na preservação e inovação das tradições. A história da Rua São João, com suas origens religiosas e evolução comunitária, exemplifica como as festividades podem ser um meio poderoso de fortalecer laços sociais e manter viva a cultura local, enquanto se adaptam às novas realidades e gerações.

A ideia de que o saber e o fazer não estão separados reforça a noção de que a aprendizagem ocorre em contextos sociais, em que as experiências compartilhadas são essenciais para a formação do conhecimento. Isso é particularmente relevante nas festas juninas, onde a participação ativa das pessoas é fundamental. No entanto, a aprendizagem como

ocorrência social implica que o conhecimento é construído coletivamente. Nas festas, a troca de saberes e experiências entre os participantes enriquece a tradição, permitindo que novas gerações se apropriem e reinventem as práticas. É o que relatam os entrevistados sobre:

Para mim, o que diferencia a Rua São João de qualquer outro conceito arquitetônico, operacional e histórico do forró, A Rua São João é a única rua do Brasil com este título, Rua São João voltada para o conceito do forró. (ENT10)

Então eram duas irmãs que moravam aqui. A história da rua São João mesmo. A 115 anos. Que elas faziam a novena. Então começou a festa por um motivo religioso. Elas faziam a novena para São João de Deus. E no meio dessa novena quando eles se reuniam começaram a organizar e cada um levava um prato e comungar naquele momento. E aos pouquinhos eles foram se reorganizando. Então depois que vieram a questão de montar o palanque. E aí a cada ano a comunidade se reunia e se organizava mais. E melhor. A cada ano ia progredindo. (ENT13)

O testemunho sobre a Rua São João ressalta sua singularidade como um espaço dedicado ao forró, diferenciando-a de outros contextos arquitetônicos e históricos. Essa distinção não apenas valoriza a rua, mas também a insere em uma narrativa cultural que liga passado e presente.

Durante as entrevistas, muitos reconheceram a presença de símbolos e imagens nas festas, como Langer (2011) explica, ressaltando que esses elementos revelam importantes aspectos históricos e culturais. Contudo, alguns participantes admitiram que não sabiam de onde essas tradições vinham, como surgiram as festas juninas, a motivação dos concursos e quem foram os precursores das práticas que eles executam até hoje. Essa percepção ressalta a necessidade de um maior aprofundamento nas histórias que cercam essas celebrações, para que possam ser plenamente valorizadas e compreendidas.

A pesquisa sobre a origem e o desenvolvimento das festas juninas revelou-se rica e diversificada, sendo possível encontrar informações valiosas por meio de vídeos, livros e conversas com pessoas que vivenciam essas tradições.

Documentários e gravações de festividades apresentaram não apenas as celebrações em si, mas também entrevistas com especialistas e participantes, que compartilharam relatos sobre como essas festas se formaram ao longo do tempo. Esses recursos audiovisuais – que estão disponíveis no YouTube e em páginas do governo – trouxeram à tona narrativas emocionantes e contextos históricos que ajudaram a entender melhor a importância cultural das festividades.

**Figura 6** – História da Rua São João



Fonte: Youtube<sup>3</sup> (2023)

**Figura 7** – Tradição do barco de fogo de Estância



Fonte: Youtube<sup>4</sup> (2020)

A literatura também se mostrou uma fonte essencial de conhecimento. Obras acadêmicas e relatos históricos abordaram as raízes das festas, detalhando como elas evoluíram e se adaptaram às mudanças sociais e culturais. Livros como *Cultura e Patrimônio: paisagens*

<sup>3</sup> RUA São João: Uma história centenária. Produção Governo do Estado de Sergipe. Aracaju: s.n., 2023. Publicado pelo canal Governo do Estado de Sergipe. 1 vídeo (8 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3yLdahaSoNw&t=3s>. Acesso em maio 2024.

<sup>4</sup> CONHEÇA a tradição do barco de fogo de Estância. Estância: TV Atalaia, 2020. 1 vídeo (6 min. 22s.). Publicado pelo canal Tv Atalaia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wEieLjuolfA&t=3s>. Acesso em: maio 2024.

festivas sergipanas de Maria Augusta Mundin Vargas, 2024, forneceram uma base sólida para compreender os significados simbólicos e as práticas associadas a cada celebração.

**Figura 8** – Quadrilha junina nos primórdios dos festejos da Rua São João



Fonte: Youtube<sup>5</sup> (2023).

**Figura 9** – Quadrilha junina atualmente nos festejos da Rua São João



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2024).

Assim, a combinação de vídeos, literatura e conversas proporcionou uma visão abrangente e multifacetada sobre como surgiram e se desenvolveram as festas populares, destacando sua relevância e continuidade na cultura contemporânea.

<sup>5</sup> RUA São João: Uma história centenária. Produção Governo do Estado de Sergipe. Aracaju: s.n., 2023. Publicado pelo canal Governo do Estado de Sergipe. 1 vídeo (8 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3yLdahaSoNw&t=3s>. Acesso em maio 2024.

#### 4.7 AS PRÁTICAS SOB A PERCEPÇÃO DOS ATORES

A festa é um ato coletivo, uma celebração simbólica de um objeto, situada em um tempo consagrado a uma multiplicidade de atividades com função expressiva (Davel; Paiva Júnior, 2019). Toda festa implica a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto ritualisticamente comemorado, tornando-se um ponto de confluência das ações sociais e produzindo a simbolização da identidade coletiva (Ribeiro, 2002). Essa observação ressalta a importância das festas na construção da identidade social relatada pelos entrevistados.

O São João traz alegria e transformação para a cidade, sendo uma fonte de renda maior que o Natal para os comerciantes. O povo vive a festa intensamente, com destaque para as batucadas e o bloco do Chico Surdo, ícone cultural local. O interesse é tão grande que até faltaram camisas para o bloco. Participar da batucada ou acionar um barco de fogo é uma experiência emocionante e inesquecível. (ENT02)

Pouquíssimas vezes eu vou para Aracaju, por exemplo, que é aqui perto, porque tem as festividades de lá. Porque eu gosto de ficar aqui. A gente sempre tem convite para ir na casa de alguém ou para ir para o próprio forró mesmo, porque a energia é muito boa. (ENT03)

A minha alegria pura, pura alegria. Satisfação. A gente esperava o ano todo para chegar em São João. Para se ter essa festa, essa alegria toda. Era muito bom. (ENT12)  
A celebração das tradições, especialmente as apresentações de quadrilhas juninas, traz muita alegria e emoção. É gratificante ver a satisfação dos moradores e a nostalgia das pessoas mais velhas, além do encantamento das crianças. A vivacidade da Rua São João é uma grande felicidade para todos que convivem ali. (ENT13)

Os depoimentos dos entrevistados refletem a profunda conexão emocional que as festas criam na comunidade. O entrevistado ENT02 destaca que a festa de São João não apenas transforma a cidade, mas também gera um sentimento de alegria e bem-estar entre as pessoas.

Além disso, ele menciona o impacto econômico significativo que a festa traz, superando até mesmo o Natal para os comerciantes locais. Essa observação enfatiza que as festas não são apenas celebrações culturais, mas também eventos que têm um papel crucial na economia local.

Os relatos de outros entrevistados, ressaltam a preferência por permanecer na cidade durante as festividades, em vez de participar de eventos em locais próximos. Essa escolha demonstra um forte senso de pertencimento e a valorização das interações sociais que ocorrem na comunidade durante as festas. A alegria pura e a expectativa que antecedem o São João, conforme mencionado, revelam a importância emocional e cultural que essas celebrações têm para os indivíduos. Além disso, é destacada a emoção de reviver tradições e a satisfação que isso traz, tanto para os moradores mais velhos quanto para as crianças.

A vivacidade da Rua São João e as apresentações de quadrilhas juninas evocam memórias e experiências compartilhadas, criando um laço intergeracional que reforça a identidade cultural da comunidade. Essa continuidade das tradições é essencial para a construção de uma identidade coletiva, em que as experiências passadas são valorizadas e transmitidas às novas gerações.

A festa se revela como um espaço vital para a expressão da identidade coletiva e para a construção de laços sociais. As emoções, a alegria e a valorização da cultura local são elementos centrais que permeiam as celebrações, destacando a importância das festas na vida comunitária. Além de serem momentos de celebração, as festas também desempenham um papel econômico significativo e são fundamentais para a manutenção das tradições e da memória cultural, fortalecendo a identidade social e promovendo um sentimento de pertencimento entre os membros da comunidade.

Em resumo, a festa é uma construção prática do cotidiano, um ritual coletivo situado no espaço-tempo, pautado pela efervescência de afetos, emoções, símbolos, valores e criatividade, em torno de um objeto celebrado, cuja principal expressão é a prática sensorial de uma identidade específica (Davel, 2015). A festa é um circuito de mediações e um ponto de confluência de práticas cujo objetivo é a reunião ativa e expressiva de seus participantes. Essa concepção ressalta a festa não apenas como um evento, mas como um fenômeno social que reúne a comunidade em torno de experiências sensoriais e identitárias.

As festas são muito divertidas e emocionantes. As pessoas adoram assistir à batucada e ficam impressionadas com quem fabrica as espadas e os barcos de fogo. Nos concursos, a praça fica cheia para ver o espetáculo do fogo, enquanto a banda toca ao fundo. A torcida é enorme, especialmente quando acendem as espadas que soltam fogo dos dois lados, criando muita animação. Os "guerreiros de fogo" são muito celebrados e a emoção é grande em cada evento. (ENT03)

Eu aconteço com um sentimento de alegria, de organização, que é o que movimenta a cidade. Movimenta toda a questão do comércio, reúne. É basicamente o mesmo que tem toda a situação, de amigos, de família. O movimento da cidade fica todo pavoroso. Todo mundo enche-se para essas festividades. (ENT04)

Círculo Junino. Essa celebração, que no Nordeste Brasileiro e em Sergipe, ela tem uma força muito grande, porque isso faz parte de fato do nosso patrimônio. Se algum sergipano teve a infelicidade, tem a felicidade de gostar do forró de Círculo Junino, e teve a infelicidade de sair de Sergipe, no período de junho, ele sente muito. (ENT08)

Os depoimentos dos entrevistados ilustram a importância da festa como um espaço de alegria e interação social. Destaca a felicidade coletiva durante as festividades, enfatizando a admiração pelas tradições locais, como a fabricação de espadas e barcos de fogo. A descrição do concurso de barco de fogo e a interação com a música da banda ao fundo revelam como a festa é um espetáculo que envolve todos os sentidos. A emoção gerada por essas práticas não é

apenas individual, mas se torna uma experiência compartilhada, em que a torcida e a celebração criam um ambiente vibrante.

O ENT04 complementa essa visão ao afirmar que a festa não apenas traz alegria, mas também organiza a cidade e movimenta o comércio local. O evento se torna um catalisador para as relações sociais, reunindo amigos e famílias em um espaço comum. Essa dinâmica social é vital para a construção de laços comunitários e para a promoção da identidade cultural.

A declaração de ENT08 sobre o "Ciclo Junino" destaca a força das tradições nordestinas e seu valor como patrimônio cultural. O sentimento de saudade que um sergipano pode sentir ao estar longe de sua terra durante as festividades evidencia a importância das festas na formação da identidade regional. A festa é mais do que uma celebração; é uma parte intrínseca da cultura e da vida social dos indivíduos, que fortalece a conexão com as raízes e as tradições locais.

A festa, como prática coletiva, é um fenômeno que vai além do simples entretenimento. Ela é um espaço de efervescência emocional, de celebração da identidade e de fortalecimento das relações sociais. Por meio das experiências compartilhadas e da valorização das tradições, as festas desempenham um papel crucial na construção da identidade cultural e na coesão social. A interação entre os participantes, a organização do evento e o sentimento de pertencimento são elementos fundamentais que tornam as festividades uma parte essencial do cotidiano comunitário.

O processo organizacional de uma coletividade é representado pelas suas práticas, permitindo sua identificação como organização (Duarte; Alcadipani, 2016), o que sugere que a forma como um grupo opera e interage é fundamental para sua identidade organizacional. Essa perspectiva implica que as práticas diárias, os hábitos e as interações sociais são constitutivos da organização em si.

Dessa forma, termos como *organizing* surgiram para designar o movimento da realidade no contexto organizacional (Vasconcelos, 2022). Particularmente, é entendida como uma tentativa de estabilizar o movimento ou um esforço para construir uma ordem previsível num mundo marcado pela dinamicidade (Hernes, 2014). Esse ponto é crucial, pois reflete o desafio enfrentado pelas organizações em equilibrar a necessidade de adaptação e flexibilidade com a busca por estrutura e previsibilidade.

O processo organizacional é um fenômeno complexo que envolve práticas coletivas, adaptação à mudança e a busca por uma ordem previsível. A dinâmica entre a flexibilidade e a estrutura é fundamental para a sobrevivência e o sucesso das organizações, que precisam

constantemente reavaliar suas práticas e interações para se manterem relevantes e eficazes em um mundo em constante transformação.

Então, se o sentimento é esse, já começa agora o meu sentimento, já começa agora a se preocupar, já começa agora tudo. Quanto mais você fica mais alegre, como tudo dá certo, né? Quem não fica alegre quando você pega seis meses de trabalho, aí você pega dia a dia, passo a passo, noite, dia, passando por cima de tanta dificuldade, que você vai soltar um barco de fogo, que você tem um pouco hoje. (ENT05)

A relação entre o processo organizacional e o conceito de *organizing* é intrínseca e revela a complexidade das interações sociais dentro de uma coletividade. O conceito estabelece também a ligação entre sujeitos e objetos, conhecidos como artefatos, em torno de uma prática (Gherardi, 2006). Duarte e Alcadipani (2016) e Santos (2022) argumentam que a ação humana e o pensamento devem ser vistos de forma mais abrangente, desafiando a visão tradicional de uma realidade pré-construída e objetiva. Essa abordagem permite uma compreensão mais rica das interações sociais, especialmente em contextos festivos, onde as emoções e a subjetividade desempenham papéis cruciais.

Possas (2015) ressalta que elementos emocionais, frequentemente rejeitados em ambientes organizacionais, são essenciais para entender as relações humanas. Em festas, as emoções são indissociáveis das interações e contribuem para a construção da identidade coletiva. A valorização da emoção pode enriquecer a experiência organizacional, promovendo um ambiente mais inclusivo e humano. Isso é especialmente relevante em festas e tradições, onde os artefatos (como o barco de fogo) não são apenas objetos, mas símbolos de identidade cultural e história. De acordo com os entrevistados, é perceptível essa valorização:

O barco de fogo é o principal símbolo de Estância, reconhecido como patrimônio cultural e material tanto municipal quanto estadual. Já existe um projeto de lei no Senado para declarar Estância a capital nacional do barco de fogo. A cidade já tem o dia do barco de fogo, em 1º de junho, e é considerada a capital sergipana do barco de fogo, com várias leis que reforçam sua importância e identidade cultural. (ENT01)

O casamento caipira é uma tradição centenária de Estância, celebrado no dia 24 de São João, com um grande evento envolvendo várias carroças. Era uma festa onde as pessoas se reuniam, comiam moqueca e celebravam com bebidas, algo que não é comum em grandes cidades ou capitais. Além disso, o concurso de quadrilha, que também é muito popular, era um evento exclusivo na época. (ENT12)

O relato sobre o barco de fogo ilustra como a tradição se torna um patrimônio cultural reconhecido, com leis que fortalecem a identidade local. O barco não é apenas um artefato, mas um símbolo de pertencimento e história, refletindo a interconexão entre sujeitos, práticas e emoções. Assim como o casamento caipira mencionado no segundo relato exemplifica uma prática cultural rica em emoções e tradições. A descrição nostálgica do evento, com carroças e

celebrações comunitárias, destaca a importância da memória coletiva e das práticas que unem a comunidade.

A análise do conceito de práticas sociais, ligado às emoções e à interconexão entre sujeitos e artefatos, revela uma compreensão mais profunda das interações nas festas e tradições. A valorização da subjetividade e das emoções, muitas vezes negligenciadas em contextos organizacionais, é crucial para a construção de identidades coletivas e para o fortalecimento das relações humanas. Por meio de práticas como o barco de fogo e o casamento caipira, é possível observar como essas dinâmicas se manifestam e contribuem para a riqueza cultural e social de uma comunidade.

Sobre as experiências realizadas pelos corpos nos festejos juninos, Ribeiro (2002) observa que, durante as festas, as populações demonstram uma relação de preparativos intensos e organização cuidadosa, cheia de elementos simbólicos e afetivos, delineando uma linguagem artística particular que articula o sagrado e o profano, a tradição e a inovação.

O estanciano expressa um brilho especial no olhar, especialmente ao ouvir a música de Rogério Cardoso. Embora não possa mais acender fogueiras nas portas de casa, ele conta os dias ansiosamente para as festividades e as bandas que se apresentam. (ENT06)

Ave Maria! É alegria, é tudo... É bom demais, é bom demais. E quando... Eu faço tudo pra levar. Tem vez que eu deixo. Quando eu viajo muito longe dela, eu tenho que pagar de 16. E não quer também. E que não enxerga. Ela não quer não. Aí eu faço tudo pra deixar. Muito jovem. Muito jovem. Muitos dizem que é nervosismo. Isso não passa mais por mim. Porque já me acostumei com a situação. Mas muitos... A primeira vez, não é, né? Tendo aquela ansiedade. (ENT07)

Desde 1980, a tradição da quadrilha junina e suas vestimentas foram valorizadas, evoluindo para peças teatrais em 2010. O narrador, amante do forró, vai animado para a Rua São João, onde, mesmo sem querer dançar, acaba se envolvendo. A dança da quadrilha traz harmonia e alegria, fazendo-o esquecer os problemas, com a energia amplificada pelos aplausos do público. (ENT11)

A multiplicidade de elementos estéticos utilizados na decoração e ornamentação dos ambientes das festas juninas seduz, encanta e integra as pessoas, envolvendo todas as classes sociais, de diversas realidades, trazendo o coletivo que se sobrepõe às diferenças individuais e sociais (Sousa *et al.*, 2018). Essa inclusão é um aspecto fundamental que reforça a coesão social.

Os dados coletados revelam que as festas são espaços vitais para a expressão de emoções e a construção de identidades coletivas. A "efervescência coletiva" mencionada por Durkheim (1968) é evidenciada nas interações sociais que ocorrem durante esses eventos, onde a alegria e a fantasia criam um ambiente propício para a união das pessoas. As opiniões dos participantes destacam a importância da organização cuidadosa e da inclusão de elementos simbólicos, que enriquecem a experiência festiva.

Além disso, a relação entre tradição e inovação é um tema central nas festas juninas, refletindo um hibridismo cultural que permite a expressão de múltiplas identidades. As emoções, frequentemente relegadas a segundo plano em contextos organizacionais, emergem como componentes cruciais para a vivência das festas, reforçando a ideia de que a cultura é um processo dinâmico e em constante transformação. Em suma, as festas se configuram como um espaço vital para a celebração da vida comunitária, promovendo a continuidade das tradições enquanto abraçam novas possibilidades.

#### 4.7.1 DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS

De acordo com Reckwitz (2002), a prática é um tipo de comportamento rotineiro que envolve vários elementos interconectados, como formas de atividades, processos mentais, objetos e seu uso, conhecimento prévio, além de estados emocionais e motivacionais. Uma prática forma uma unidade que só existe pela presença e conexão específica desses elementos, que não podem ser reduzidos a nenhum deles isoladamente, assim os entrevistados percebem os elementos que compõe as práticas e as festas por meio do detalhamento de momentos e artefatos presentes.

A análise das festas juninas, sob essa perspectiva revela a complexidade e a interconexão dos elementos que compõem essas práticas culturais. As narrativas dos entrevistados evidenciam como as festividades são vividas de forma coletiva, integrando saberes, emoções e tradições. A diversidade de eventos e a continuidade das práticas ao longo do tempo não só reforçam a identidade cultural, mas também promovem a coesão social, permitindo que as comunidades celebrem sua história e suas tradições de forma vibrante e significativa.

Existem os fogueteiros e os barqueiros, que produzem o barco de fogo, e essa é a diferença entre eles. O cortejo cultural no dia 31 é muito interessante, com grupos culturais, fogueteiros soltando espadas e muita dança, batuque e fogos. O cortejo vai até a praça para o hasteamento da bandeira e a bênção da fogueira. No dia 24, também há a procissão de São João, com cortejo e bênção da fogueira, sempre com a presença do padre, que também é cordelista e faz questão de abençoar. (ENT01)

No dia 31, Estância começa com várias festas, como a salva estanciana, o cortejo cultural e o acendimento da fogueira. A cidade se agita até o dia 29 de junho, com forró, festas tradicionais como a corrida de jegue e o casamento caipira, além de concursos e procissões. O Forródromo recebe grandes e pequenas bandas. Há também festas em toda a cidade, tanto na zona urbana quanto rural. Estância fica animada, com eventos organizados pela prefeitura ou pela comunidade. (ENT06)

Ei, que agora pegou. É mais de 100 anos. Quando eu entrei como noivo, já tinha esse casamento, eu já sou o quarto, nesse tempo todo. Desde quando começou, dos outros noivos e tudo mais, todo mundo faz esse mesmo roteiro, desse mesmo jeito, essa mesma coisa. Inclusive a roupa aluga, o paletó, aluga, o vestido da noiva. E aí no dia acontece, por exemplo, tem primeiro aquele passeio de carroça, né? Primeiro passeio

de carroça. É sempre pelo mesmo trajeto, pelas mesmas ruas, a tradição, e aí depois o casamento. (ENT09)

A compreensão das práticas cotidianas, conforme delineado por Reckwitz (2002), revela que estas são formadas por uma rede complexa de elementos interconectados, incluindo atividades, processos mentais, objetos e emoções. Nos depoimentos dos entrevistados, essa interconexão é evidente na maneira como eles descrevem a experiência das festas juninas. Por exemplo, a menção aos "fogueiros" e "barqueiros" ilustra a diversidade de papéis e funções dentro do cortejo cultural, em que cada elemento contribui para a construção do evento. O detalhamento das atividades, como a dança e a música, juntamente com a presença do padre durante a benção da fogueira, mostra como esses componentes se entrelaçam em uma prática coletiva que vai além de simples ações isoladas. Cada festividade é, portanto, uma manifestação rica e multifacetada que reflete a cultura local e a identidade comunitária.

Além disso, os relatos dos entrevistados destacam a continuidade e a tradição das práticas, como o casamento caipira e as diversas festividades que ocorrem ao longo do mês de junho. A descrição do "passeio de carroça" e a repetição de rituais ao longo das gerações evidenciam a importância da memória e da transmissão cultural. As festas juninas, com suas inúmeras atividades e concursos, não só celebram a cultura local, mas também reforçam laços sociais e identitários. A conexão entre os atores e os artefatos, como os trajes alugados e os barcos de fogo, demonstra que essas práticas são um reflexo da história e da vivência comunitária, em que cada detalhe contribui para a experiência coletiva e a perpetuação das tradições. Assim, a análise das festas juninas à luz da teoria de Reckwitz enriquece nossa compreensão das práticas sociais como unidades dinâmicas e interdependentes.

Certeau (2008) argumenta que as práticas são nossas maneiras de fazer o cotidiano, que é produzido e reproduzido a partir das práticas que se configuram histórica, social e temporalmente, mediante estratégias ou táticas. Isso se reflete nas narrativas dos entrevistados, onde cada festa não é apenas um evento isolado, mas uma continuidade de tradições que foram adaptadas ao longo do tempo.

Nesse sentido, cada festa organizada é uma forma de resistência cultural, onde as tradições são reconfiguradas e adaptadas ao nosso tempo. Isso ilustra como as práticas conferem autonomia de ação aos sujeitos, que podem ser indivíduos, grupos ou organizações (Rezende; De Oliveira; Adorno, 2018). Por meio das entrevistas percebe-se essa tradição e sentimento de pertencimento nesse saber fazer que é detalhado. A tradição e o saber fazer, conforme mencionado nas entrevistas, são fundamentais para o sentimento de pertencimento. A repetição

de rituais, como o casamento caipira e as festividades de São João, cria laços entre os membros da comunidade, reforçando a identidade coletiva.

Em Estância, as casas são decoradas e o som típico da cidade toma as ruas. Há apresentações folclóricas, como batucada e pisa-pólvora, e concursos de rainha, comidas típicas e barcos de fogo. O dia 11 de junho é especial, com a soltura de 11 barcos de fogo. O São João de Estância é único, com forró, blocos, carreatas e grupos folclóricos como o Chico Surdo, homenageando o criador do barco de fogo, criando um clima vibrante e dinâmico. (ENT03)

Fazer a espada e o barco de fogo é um processo que exige muito tempo e equipe. Quem faz grande quantidade começa meses antes, e quem faz menos leva cerca de dois meses. Para colocar o barco de fogo, são necessários pelo menos seis homens, com duas equipes para garantir a segurança. A SMTT ajuda fechando as ruas, já que, com muitas pessoas, não é possível fazer isso sozinho. O processo de instalação leva cerca de uma hora com a ajuda necessária. (ENT05)

As celebrações descritas pelos entrevistados, como o cortejo cultural, a benção da fogueira e os diversos concursos, ilustram como as tradições são reconfiguradas para se manterem relevantes. Essa adaptação é um sinal de vitalidade cultural, permitindo que as comunidades se conectem com suas raízes enquanto respondem às demandas contemporâneas. Além disso, a noção de que as práticas conferem autonomia aos sujeitos é central para entender a dinâmica das festas. Os entrevistados demonstram um forte senso de agência ao participar e organizar as celebrações, evidenciando como as práticas culturais permitem a expressão individual e coletiva. Essa autonomia é essencial para a criação de um espaço onde as vozes e histórias locais são valorizadas.

Cada festa organizada, como as festas juninas, representa uma resistência cultural, onde as tradições são adaptadas e reconfiguradas para se adequar ao presente. Os relatos dos entrevistados ilustram essa dinâmica, mostrando como as comunidades se envolvem ativamente na decoração de suas casas e na organização de eventos, como concursos e apresentações folclóricas. Essa participação ativa não apenas reforça o sentimento de pertencimento, mas também evidencia a autonomia dos sujeitos na construção e vivência de suas tradições, tornando cada festa uma expressão única da identidade cultural local.

As práticas do dia a dia não podem ser vistas de forma isolada; elas se entrelaçam em uma rede de significados que nos molda, fazendo com que a complexidade das práticas cotidianas e a importância de entender os elementos que as compõem em sua interdependência, em vez de analisá-los separadamente (Teixeira Bastos *et al.*, 2022). Portanto, as práticas sociais podem ser entendidas como um conjunto de elementos humanos e não humanos envolvidos em uma relação de existência que abrange culturas, pessoas, atividades, ações e hábitos (Olivindo; Mendes, 2023).

Essa perspectiva foi revisitada por olhares científicos que utilizam várias teorias inter-relacionadas para explicar fenômenos específicos, resultando no movimento da "virada prática" (Olivindo e Mendes, 2023). Assim a virada prática nos ajuda a ver como as nossas ações cotidianas estão ligadas a um contexto maior, onde cada detalhe conta. Levando em consideração os atores e artefatos detalhados para que a festa junina aconteça em ambos os espaços é possível entender a ligação de todo o contexto para que seja considerada a prática.

A reflexão sobre as práticas cotidianas, conforme apresentada por Teixeira Bastos *et al.* (2022) e revisitada por Olivindo e Mendes (2023), enfatiza a interconexão dos elementos que compõem a vida social. Essa perspectiva é fundamental para compreender como as festas juninas e outras práticas culturais se inserem em uma rede mais ampla de significados e relações. Visto que, para que a festa junina aconteça, é essencial considerar os diversos atores envolvidos, como organizadores, participantes, artistas e a comunidade em geral. Cada um desempenha um papel crucial na realização da festa, contribuindo para a sua dinâmica e significado.

Acrescenta-se ainda, os artefatos, como fogueiras, trajes típicos e elementos decorativos, são igualmente importantes. Eles não são apenas objetos, mas portadores de significados que conectam os participantes à sua cultura e tradição. A relação entre atores e artefatos é fundamental para a compreensão da prática da festa junina. A virada prática oferece uma nova perspectiva para entender como as ações cotidianas estão inseridas em contextos sociais mais amplos, onde cada detalhe e interação são significativos. Essa abordagem não apenas enriquece nossa compreensão das práticas culturais, mas também destaca a importância da colaboração entre atores e artefatos na construção de significados coletivos.

Contudo, as festas geram uma rede de relações sociais e espaciais, bem como a expressão de códigos culturais em diversos aspectos, como gastronomia, artesanato e música. A organização dos equipamentos necessários promove um sentimento de pertencimento e continuidade cultural entre os membros da coletividade (Gomes; Santos; Ribeiro, 2015), o que leva à construção de laços comunitários e à valorização da cultura local, isso pode ser percebido pela aceitação da forma de se vestir, dançar, o que comer e a união diante disso, conforme falam os entrevistados:

Para entrar no clima do São João, é preciso usar chapéu de palha ou couro, calça jeans, camisa xadrez e levar uma garrafinha de licor, que é tradicional. As famílias se preparam, com mulheres fazendo tranças e maquiagem típica, e os homens usando botas. O comércio se beneficia com a venda das botas juninas e roupas, como a camisa de manga longa, que são muito procuradas nessa época. (ENT02)

Era um negócio muito simples, mas era gostoso. Porque, quando chegava o São João, todo mundo se juntava e comprava cordão. Eles cortavam o cordão fraco, compravam papel. O papel de um brume que existia, ele tinha da cor azul, vermelho, branco, ou celofane, sei lá. E as pessoas faziam as bandeiras em cada trecho, rolavam em papelão, aquela quantidade de bandeiras e tal. (ENT12)

Existem duas entidades responsáveis pelas quadrilhas: a Liga das Quadrilhas e a Associação. A divulgação é feita nas redes sociais e através da música, onde entramos em contato com vários compradores. Para o concurso de quadrilhas, fazemos reuniões e sorteios para decidir quem participa. Quando há parcerias com a prefeitura, as liberações vêm da Funcaju. Quando usamos recursos próprios, indicamos os músicos com quem já temos contato, alinhando datas para montar a programação. (ENT13)

Além disso, os locais onde as festas ocorrem singularizam concepções de cultura, memória, identidade e tradição, revelando também as interações entre aqueles que se identificam com esse espaço (Gomes; Santos; Ribeiro, 2015). Diante disso, cada espaço tem sua própria narrativa, e as festas são momentos em que essas narrativas se entrelaçam, criando um sentido de comunidade.

Um outro detalhe também que me surpreendeu é que alguns detalhes do barco de fogo, tipo a ornamentação do barco, ela é feita pelas mulheres dos fogueteiros e filhas, é a mulher que ajeita as bandeirinhas, as filhas, então a gente tem que ter cuidado. (ENT01)

O depoimento sobre a ornamentação do barco de fogo revela uma dimensão importante da participação feminina nas tradições culturais. O envolvimento das mulheres e filhas dos fogueteiros na decoração dos barcos destaca como as práticas culturais são frequentemente moldadas e enriquecidas por diferentes grupos dentro da comunidade. Essa contribuição não só reforça a importância do trabalho coletivo, mas também evidencia como as mulheres desempenham um papel significativo na preservação e na transmissão das tradições. Assim, as festas se tornam um espaço onde as identidades de gênero, junto com outras formas de identidade, se entrelaçam, reforçando a ideia de que a cultura é uma construção dinâmica e coletiva, que se manifesta em cada detalhe e interação dentro do espaço festivo.

#### 4.7.2 CONTINUIDADE OU DESCONTINUIDADE DAS PRÁTICAS

As festas, frequentemente vistas como momentos de celebração e confraternização, são, na verdade, o resultado de complexos processos organizacionais que envolvem uma série de atividades interligadas. Desde a coordenação e o planejamento até a execução e a comunicação, cada aspecto é fundamental para garantir que o evento ocorra de maneira harmoniosa e satisfatória. A análise dessas festividades sob a perspectiva da lógica de projetos nos permite

entender a importância da gestão de eventos eficaz e como a falta de planejamento pode impactar negativamente a experiência dos participantes.

Por trás de cada festa, há um intrincado processo que demanda não apenas criatividade, mas também uma abordagem sistemática e estruturada. A coordenação de diferentes áreas, como financiamento e divulgação, é essencial para a realização do evento. Burke e Morley (2016) argumentam que a lógica de projetos pode ser aplicada para entender como essas festividades são organizadas, enfatizando que cada etapa do processo deve ser cuidadosamente planejada e monitorada. A gestão eficaz não só facilita a execução das atividades, mas também assegura que os objetivos do evento sejam alcançados, criando uma experiência memorável para todos os envolvidos.

Além disso, a falta de planejamento pode levar a falhas que comprometem a experiência dos participantes, como a desorganização, a falta de recursos ou a comunicação ineficaz. Esses elementos são cruciais para o sucesso do evento, pois impactam diretamente a percepção dos participantes sobre a festa. Portanto, a análise das festas como organizações revela a necessidade de uma abordagem gerencial que considere todas as variáveis em jogo, garantindo que cada detalhe contribua para a criação de um ambiente festivo que celebre a cultura e a comunidade de forma eficaz e prazerosa.

Em Estância, a prefeitura faz parcerias com a associação de batucadas, quadrilhas e coleteiros, garantindo eventos todos os dias, como batucada, forró, barco de fogo, espada e busca-pés. As quadrilhas são poucas hoje, mas conseguimos resgatar o concurso após a pandemia. Destacamos também a festa de Santo Antônio, conhecida como festa de Adelson, que acontece de 1º a 13 de junho, com feijoada, brincadeiras de rua, batucada e quadrilha. A festa é famosa pela guerra de busca-pés e a história do casamento típico junino de 1983. (ENT01)

A cultura é inerente ao ser humano, apresentando variações, interações e trocas. Sem esse dinamismo, a cultura corre o risco de se tornar folclore, estagnando e perdendo sua autonomia (Marques; Brandão, 2015). Essa visão sugere que a adaptação cultural é essencial para a relevância contínua das tradições, indicando que as festas não são apenas eventos, mas também oportunidades para reimaginar e revitalizar práticas culturais.

Com base nas entrevistas e no que foi observado, é possível evidenciar a complexidade da dinâmica cultural em um contexto em constante mudança. A adaptação e a inovação são essenciais para a sobrevivência das tradições, mas também apresentam desafios significativos. É crucial que as comunidades encontrem maneiras de integrar as novas gerações nas suas práticas culturais, garantindo que a cultura permaneça viva, relevante e diversificada. As festas, nesse sentido, não são apenas celebrações, mas espaços de resistência e revitalização cultural, onde a memória e a inovação podem coexistir.

Hoje, a liberação para soltar fogos é restrita por lei, com exceção do dia 13, quando é permitido na Avenida Getúlio Vargas, durante a festa de Santo Antônio. Nos outros dias, só é possível soltar fogos no forródrômo. A cultura das batucadas e das músicas tradicionais, transmitidas oralmente, tem se perdido, pois as escolas não incentivam tanto esses saberes. A maioria dos praticantes dessas danças e músicas são adultos ou idosos. Seria importante que as escolas trabalhassem mais essas tradições, como o fazer da espada e do barco de fogo. (ENT03)

Hoje, crianças de 10 a 12 anos compram materiais para fazer fogos, imitando o que veem, mas o futuro dessa tradição é incerto. Embora alguns passem o conhecimento aos filhos e netos, muitos, como meu filho, não querem seguir a profissão devido às dificuldades. Eles ajudam, mas não querem seguir como fogueteiros. O trabalho é difícil e, com as dificuldades atuais, não é fácil manter a tradição, e há até preocupação com as mudanças previstas para 2025. (ENT05)

Não mudou muito, só com a minha idade, que foi passando. A música e o formato continuam os mesmos. Agora, com a segunda-feira, a festa continua, e se não tiver na segunda, rola no final de semana com um pagode ou uma festa de aniversário. O espaço é da comunidade e, ao longo do tempo, não notei mudanças significativas, como melhorar piadas ou algo do tipo. (ENT09)

Depois que veio essas competições das televisões aqui em Sergipe, caiu mais. Mas se você tem uma quadrilha e não dança na rua São João, era um time que não jogou no Maracanã, tinha que jogar. Mas hoje em dia a quadrilha não é mais uma quadrilha Junina, virou peça teatral. E aí, mudou bruscamente, não faz mais roda, não faz mais ciranda, não dança, nesse caso, o baião, e isso veio de Recife. E com essas competições das TVs, eles viram as quadrilhas de outros estados trazendo o tema e fizeram, o trio não é mais trio, é banda, com guitarra, baterista... (ENT11)

Os depoimentos coletados revelam desafios significativos na preservação e inovação das tradições culturais. O primeiro entrevistado menciona restrições legais sobre a soltura de fogos de artifício, refletindo a necessidade de adaptação às novas realidades sociais e legais. Outro depoimento destaca a relação dos jovens com as tradições, como a fabricação de fogos. O entrevistado expressa incerteza sobre o futuro da tradição, mencionando que muitos jovens, embora tenham interesse, podem não ter condições ou motivação para continuar com essas práticas. Essa realidade aponta para um ciclo de desinteresse que pode comprometer a transmissão cultural entre gerações.

As mudanças nas quadrilhas juninas, conforme relatado por um dos entrevistados, ilustram a influência de fatores externos, como competições televisivas, na evolução das tradições culturais. A transformação das quadrilhas em peças teatrais e a introdução de elementos musicais contemporâneos, como bandas com guitarra e saxofone, sinalizam uma mudança significativa na forma como essas tradições são vivenciadas. Embora essa adaptação possa atrair novos públicos, também levanta questões sobre a autenticidade e a essência das práticas culturais originais.

Esse cenário pode levar à transformação da cultura em patrimônio imaterial, que pode ser apropriado e consumido como uma representação da cultura popular. Sob o ponto de vista

de Pereira e Gillies (2022), as festas não correspondem apenas a um mero espetáculo; antes de tudo, são um espaço construído pela comunidade, como forma de se fazer ver, se fazer sentir e ser. Essa perspectiva sugere que as festas desempenham um papel fundamental na construção da identidade coletiva, permitindo que os indivíduos se conectem com suas raízes culturais.

Muita coisa se perdeu com o tempo, mas um momento marcante era a abertura do forró-dromo. À meia-noite, o prefeito abria o espaço, dando início oficial à festa, que só terminava em São Pedro. A banda só começava após esse ritual, criando uma expectativa especial. Hoje, essa tradição não existe mais—por volta das 9 ou 10 da noite do dia 31, a primeira banda já está tocando... (ENT03)

Antigamente, o costume das fogueiras era muito mais forte, com muitas famílias acendendo fogueiras no dia de Santo Antônio, São João e São Pedro. Hoje, ainda há algumas, principalmente nos povoados. Antigamente, quase todas as casas tinham fogueira. O trabalho de montar os barcos de fogo é complexo, e, embora o filho de 30 anos veja o esforço do pai, a luta continua, e ele briga por manter essa tradição. (ENT04)

Os meninos não querem mais dançar. Batuquear. Trocada. Por quê? Porque a gente só vê isso só de ano em ano. Por que não inserir agora com projeto de lei profissionais na aula de arte? Levar batucada. Se você não leva, não tem aquele sentimento de pertencimento se você não conhece. Exatamente. O que foi que a gente avançou? Teve um vereador que criou o dia da batucada, nós avançamos. (ENT06)

Tem. Antigamente, os passos hoje são tudo mais modernos, né? Antigamente era mais tradicional. Hoje são tudo mais... Mais difíceis. É, mais difíceis, mais... Tem que fazer a corda, as alianças, rodas, a mulher lá pra cima... São muitas coisas que inventaram. E solta a folga, e o fitilho... (ENT07)

Antigamente, a prefeitura ajudava com materiais, mas eram os moradores que montavam as bandeiras e decoravam a cidade. No início de junho, as bandeiras eram colocadas e a prefeitura instalava algumas lâmpadas. O São João ganhou força com os concursos de quadrilha e tinha casamentos típicos, como o caipira no São João e o da viúva no São Pedro, mas essas tradições desapareceram, assim como a Corrida do Milhão. Antes, todas as casas acendiam fogueiras nas portas, algo que também se perdeu com o tempo. (ENT12)

Neste sentido, as festas podem ser vistas como momentos importantes para a promoção da sociabilidade no contexto da cidade, ativando a memória dos moradores e reforçando as tradições culturais, o sentimento de identidade e pertencimento coletivo (Pereira; Gillies, 2022). Essa afirmação indica que as festas não apenas preservam a cultura, mas também promovem a coesão social, essencial para a saúde e bem-estar da comunidade.

A música em Estância é tradicional, valorizando a cultura local e nordestina, com músicas que falam de Estância, Sergipe e o Nordeste. Não costumam trazer artistas de fora, como Amado Batista ou Michel Teló. A festa sempre é feita com forrozeiros locais e bandas de forró. (ENT02)

Os dois têm, Rua São João e Estância, têm essa necessidade de manter viva essa tradição de celebração. E aí como mantém viva uma tradição de celebração, vem uma série de coisas juntos. O forró, a quadrilha junina, os trios pé de serra, as bandeirolas, os balões, uma gastronomia específica. (ENT08)

Mantivemos a identidade junina como prioridade, preservando bandeirolas, peneiras, bonecos de eventos religiosos e homenagens a figuras populares. Como recurso público, é necessário incluir painéis identificando os organizadores e financiadores do evento. Falo até o período em que fui gestora. (ENT10)

A tradição da novena se perdeu, mas as trezenas de Santo Antônio ainda são seguidas pelos moradores. Atualmente, o maior destaque é o concurso de quadrilhas, que atrai muito público para a Rua São João. Nos dias de Forró Pé-de-Serra, o público é menor, mas com o concurso de quadrilhas, a festa fica cheia. (ENT13)

Os dados coletados mostram que a organização e a execução de festas são processos complexos que envolvem múltiplas dimensões, desde o planejamento até a execução. A interdependência dos elementos organizacionais reflete a necessidade de uma abordagem colaborativa, onde todos os envolvidos têm papéis significativos. A análise sugere que as festas, além de celebrações, são oportunidades para a construção de redes sociais e a promoção da identidade cultural.

Além disso, as opiniões dos entrevistados destacam a importância da inovação e da adaptação cultural. A resistência à estagnação cultural é um tema recorrente, indicando que a relevância das festas está diretamente ligada à sua capacidade de evoluir e se reinventar. Isso sugere que as comunidades devem estar atentas às mudanças sociais e culturais, incorporando novas práticas que ressoem com a realidade contemporânea.

Em suma, as festas se configuram como um espaço vital para a expressão cultural e a construção de identidade, refletindo a dinâmica das interações sociais e a necessidade de um diálogo constante entre tradição e inovação.

#### 4.7.3 SURGIMENTO DE NOVAS PRÁTICAS

Uma análise superficial pode levar à crença de que essas manifestações se tornaram meros espetáculos ou resíduos folclóricos. No entanto, a festa é uma realidade complexa que abrange tanto o espetáculo quanto a tradição, em um contínuo processo de renovação (Marques; Brandão, 2015). Um exemplo claro dessa transformação pode ser observado no relato de um entrevistado sobre a mudança na soltura de fogos em Estância. Essa mudança não apenas reflete uma adaptação às normas de segurança, mas também evidencia a transição.

Algumas festas são organizações tradicionais, regidas por sistemas institucionalizados ao longo do tempo pela comunidade. Outras, por outro lado, funcionam como espaços de inovação: a cada nova edição, algo novo é criado e implementado (Davel; Paiva Júnior, 2019). Essa inovação é essencial, pois mesmo nas festas consideradas tradicionais, é possível identificar mudanças de várias naturezas: cultural, social e estética. Outro depoimento revela a

pressão sobre as quadrilhas juninas para inovar a cada edição. Os ensaios tornaram-se mais exigentes, com a necessidade de surpreender jurados e a comunidade. A transformação dos ritmos e a introdução de novos estilos, como o forró eletrônico, demonstram como as tradições podem ser reinterpretadas.

Antigamente, soltar fogos era permitido em qualquer lugar, mas foi proibido devido a acidentes. Agora, só podem ser soltos no Forródrômo, criado com estrutura para grandes eventos, bares e comidas. No início, houve resistência, já que a festa era na Praça Barão do Rio Branco, mas o Forródrômo, com capacidade para 80 mil pessoas, trouxe mais organização. Embora alguns ainda prefiram a praça, o novo espaço cresceu e se consolidou como o local da festa. (ENT02)

Os ensaios das quadrilhas são cada vez mais exigentes, com inovações anuais em temas e figurinos secretos para impressionar os jurados. O ritmo das danças acelerou, mas baião e chope permanecem. Com o forró eletrônico, os estilos se misturam, como a Orquestra Sinfônica tocando sinfonias juninas ao lado do forró tradicional. A cultura se transforma, refletindo as mudanças nas pessoas e na sociedade. (ENT08)

A análise do surgimento de novas práticas culturais revela que a tradição e a inovação não são mutuamente exclusivas, mas sim partes de um *continuum* que enriquece a experiência cultural. As festas, como espaços de celebração, oferecem oportunidades para a renovação das práticas, permitindo que as comunidades se adaptem às mudanças sociais e estéticas. Essa dinâmica é essencial para a preservação da identidade cultural, garantindo que as tradições continuem a evoluir e a ressoar com as novas gerações. A cultura, portanto, é um reflexo da sociedade em constante transformação, moldada pelas experiências e inovações dos indivíduos que a compõem.

Essas inovações podem ser vistas como leves (*soft innovation*), pois impactam mais o apelo estético e intelectual do que o desempenho funcional dos produtos e serviços (Stoneman, 2010). Essa perspectiva sugere que as inovações nas festas não precisam necessariamente alterar sua essência, mas podem enriquecer a experiência dos participantes.

Então hoje tem máquina de pisar bola, máquina de enrolar a sua boca. Eu já fiz uma máquina esse ano, de encher, porque a mão não vai ter mais. Então eu sempre digo e redigo. Posso até que eu queime a minha língua, eu corte a minha língua, não sei o que seja. E lá na frente continua, mas a tendência é essa, essa tradição acabar. Ou os grandes não acordarem para ajudarem a cultura ou então vai acabar. (ENT05)

É inegável que as festas populares, em geral, não conseguiriam atender à crescente demanda sem o auxílio de tecnologias (Marques; Brandão, 2015). Portanto, as mudanças impactam as dinâmicas das festas, embora o novo não elimine a essência do que já existe, pelo contrário, essas transformações promovem novos movimentos, práticas e interações.

A "Segundona do Turista" foi uma ideia minha, e contribuí na criação da programação anual. A modernização foi positiva, valorizando o espaço. O projeto também destaca

a importância de preservar nossos alimentos tradicionais, com um enfoque educativo para conscientizar as pessoas sobre sua relevância. (ENT10)

A revitalização trouxe inovações, como o uso de LED, além de melhorar a decoração com bandeirinhas, balões e telhados reformados. Isso gerou mais empregos para músicos, que agora tocam em outros meses além de junho, e movimentou os bares, que antes eram ativos só durante o São João. Nenhum outro lugar faz isso da mesma forma que a Rua São João. (ENT11)

Assim, é fundamental lembrar que a cultura é maleável, e as alterações nas festas populares são, teoricamente, previsíveis, devendo ser abordadas com cautela para não comprometer sua autenticidade (Canclini, 2003). Essa cautela é um ponto de discussão entre os organizadores, que precisam equilibrar inovação e tradição.

Os dados coletados revelam que as festas populares são dinâmicas e multifacetadas, refletindo um equilíbrio entre tradição e inovação. A capacidade de adaptação das festas é um indicador de sua relevância contínua, permitindo que se mantenham vivas e significativas para as comunidades. As opiniões dos entrevistados destacam a importância de respeitar a autenticidade cultural enquanto se explora novas possibilidades estéticas e tecnológicas.

Além disso, o conceito de hibridismo cultural emerge como um tema central nas festas juninas, evidenciando que a cultura é um processo em constante transformação. Essa compreensão é crucial para os organizadores, que devem estar atentos às expectativas da comunidade e às mudanças sociais. Em suma, as festas se configuram como um espaço vital para a expressão cultural, promovendo a continuidade da tradição enquanto abraçam a inovação.

#### 4.7.4 CONSIDERAÇÃO DOS ATORES QUANTO AOS DEMAIS ELEMENTOS DAS PRÁTICAS

Os estudos baseados em prática trazem uma abordagem que permite compreender a ordem social, fenômenos coletivos e o entendimento de como ocorrem ações, considerando os elementos não humanos (Gherardi, 2006). Isso implica que as atividades são parte corpórea das práticas, mediadas por artefatos e objetos híbridos (Schatzki, 2012). Nesse sentido, a prática é um conceito que permite a interpretação de como as pessoas alcançam o ser-no-mundo.

Eu sempre carrego uma blusinha de xadrez na bolsa, pronta para qualquer momento. De dia 31 até bem mais em julho, a festa de Mila é um evento querido. Antes era na praça da catedral, mas agora se transferiu para o forró. É como se fosse um filminho, com comidas típicas e barraquinhas de licor e artesanato, acontecendo todos os dias. (ENT03)

A principal diferença entre Estância e a Rua de São João é a presença de grupos culturais populares e tradições em Estância, como o licor e o pisa-pólvora, enquanto

a Rua de São João foca no concurso de quadrilhas. Em Estância, o Arranca Unha é uma competição simbólica, mesmo sem grandes prêmios. Ambas as festas são bem organizadas, tanto em Estância quanto na Rua São João e possuem comércio paralelo, com vendedores de produtos como isopor. (ENT08)

Dessa forma, o modo como uma prática é compreendida e aplicada não se limita a um significado objetivo e universal, abrange também a um entendimento construído de forma intersubjetiva pela comunidade que a pratica. Isso permite que alguém reproduza competidamente essa prática e a aperfeiçoe, refletindo a constante negociação, dentro dessa comunidade, sobre o que é considerado uma maneira correta ou incorreta de realizá-la (Cavalcante; De Souza Bispo; Da Cunha Soares, 2018). O que é certo ou errado em uma prática é algo que discutimos e ajustamos juntos. Em outras palavras, a interpretação e a execução de uma prática não são fixas, mas resultam de um processo dinâmico de entendimento e consenso entre os membros da comunidade que a praticam. Essa flexibilidade é essencial para a evolução das práticas.

Na tradição do barco de fogo, mulheres, esposas e filhas desempenham papéis fundamentais, cuidando da decoração com bandeirinhas e cola. Elas também participam das danças e canções no pisa-pólvora. Dona Carlota, a primeira fogueiteira feminina, simboliza a força e resistência em um trabalho historicamente masculino. A família inteira se envolve, incluindo as crianças. (ENT05)

Eu acho que há tanto em Estância quanto na Rua de São João, durante esse período, o fortalecimento desse sentido de pertencimento. Eu acho que há. Eu acho que é uma coisa que dá para falar que existe nas duas, mas de fato a gente não tem nem como dizer isso sem perguntar às pessoas qual é a ligação dela com a rua ou qual é a ligação dela com o município durante o período dos festejos lindos. Mas é uma hipótese. (ENT08)

É para dizer, por exemplo, essa presença do passeio de carroça na Rua São João, porque não é todo São João que se vê, por exemplo, uma capital para você ver, sei lá, um recife da vida e tudo, mas não tem esse passeio de carroça. Só tem a gente aqui mesmo. Exatamente. É algo único da Rua São João, muito especial. (ENT09)

A ênfase da análise a partir do organizar representa esforços de pesquisa para entender as organizações como elas acontecem, como verbos e não substantivos, sugerindo, assim, uma perspectiva onde a organização é compreendida como um resultado e não como ponto de partida (Duarte; Alcadipani, 2016). Acreditando que “as organizações nunca explicaram nada, são as organizações que precisam ser explicadas” (Czarniawska, 2006, p. 1557). Essa visão desafia a forma tradicional de pensar sobre organizações, os olhares para o que fazemos, não apenas para o que somos.

A Rua São João, que completa 115 anos, passou por um período difícil, mas hoje está renovada e cheia de atrações, como música ao vivo nos bares. Muitas pessoas que moraram na região e se mudaram, até para fora do Brasil, voltam para reviver a experiência. Um exemplo emocionante foi a visita de um senhor de 80 anos, que veio recordar os tempos de infância na rua. Isso traz muita alegria para todos. (ENT13)

O relato sobre a Rua São João ilustra como a revitalização de um espaço pode ser vista como um processo organizacional. A transformação da rua, que passou por períodos de glória e dificuldades, reflete as interações sociais e as práticas coletivas que moldam a identidade do local. A introdução de música ao vivo nos bares locais representa uma prática que não apenas atrai visitantes, mas também recria a essência da Rua São João. Isso demonstra como as ações coletivas podem revitalizar um espaço e dar novo significado a ele.

Já a alegria sentida pela comunidade ao receber visitantes que revivem suas memórias é um exemplo de como as emoções são fundamentais para as interações sociais. Essa dimensão emocional, frequentemente negligenciada em análises organizacionais tradicionais, é crucial para entender a vida organizacional.

A análise proposta desafia a visão convencional de que as organizações são entidades fixas e objetivas. Em vez disso, enfatiza a importância de observar as práticas e interações que dão vida a essas organizações. Ao focar no que fazemos, em vez de apenas no que somos, podemos compreender melhor como as organizações se constroem e se transformam ao longo do tempo.

A reflexão da organização como um processo dinâmico e a ênfase nas experiências coletivas, como exemplificado pela Rua São João, revelam a complexidade das interações sociais e emocionais que moldam a vida organizacional. Essa perspectiva desafia a visão tradicional e destaca a importância de observar as práticas e memórias que constituem as organizações, reconhecendo que elas são, em essência, construídas por suas experiências e relações. A valorização das emoções e das histórias coletivas enriquece nossa compreensão do que significa ser parte de uma organização e de uma comunidade.

Czarniawska (2008) enfatiza que, quando a utilização de um substantivo se torna mais comum, há uma maior ênfase nos objetos e suas propriedades, em detrimento das ações e dos processos, resultando em uma ciência natural. É neste aspecto que as organizações devem ser entendidas como processos dinâmicos de criação. Assim, deve-se parar de focar nas estruturas e dar foco aos estudos em processos organizacionais, permitindo uma representação real do fluxo de ações que compõem as práticas organizacionais (Possas, 2015).

Quando a festa junina tem muita gente, todos se envolvem e dançam juntos, de crianças a idosos. Sem atrações modernas, o público é mais fiel aos tradicionais, como a quadrilha junina. A mídia tem seu papel, mas a educação também deve valorizar a cultura. Para o nordestino, a festa junina é quase como o segundo Natal, quando as famílias se reúnem, especialmente aqueles que não podem se encontrar no Natal. As pessoas celebram com comidas típicas e muito forró. (ENT10)

Durante a festa junina, a participação é intensa, com pessoas de todas as idades dançando juntas. Sem atrações modernas, o público valoriza as tradições, como a quadrilha junina. A festa é considerada quase um segundo Natal para os nordestinos, reunindo famílias, especialmente aquelas que não se encontram no Natal, celebrando com comidas típicas e muito forró. Hoje, as quadrilhas não são mais juninas, mas sim teatrais. (ENT11)

Nessa abordagem, ganham relevância elementos como a mudança. “Os espaços vazios, a imprevisibilidade, a ambiguidade, a improvisação, a emoção e o tempo devem ser entendidos como normais na vida organizacional, pois são inerentes à ação humana, sendo a organização o resultado do envolvimento contínuo dessas ações” (Possas, 2015, p. 27). Diante disso, a improvisação é entendida a partir da junção entre arranjos existentes e espontaneidade, pois é a forma como as ações organizacionais mantêm o controle e buscam a inovação, possibilitando outros arranjos.

Às vezes, a frustração surge quando você se prepara para a festa e acaba ficando doente e não podendo participar. O que precisa melhorar na Festa Junina, na minha opinião, é a conscientização das pessoas sobre o respeito e cuidado com os outros. Muitas vão para a festa só para se divertir, mas acabam causando brigas e machucando alguém. Também falta adaptação cultural, pois algumas pessoas não entendem o verdadeiro sentido da cultura local. (ENT04)

No dia do concurso de barco, meu barco explodiu as quatro espadas, e mesmo assim, o público me aplaudiu. Fiquei triste pelo problema, mas ver o apoio de 3 mil pessoas me fez perceber que o povo gosta de mim. Mesmo com o defeito, senti que estava em casa e que todo o meu trabalho de seis meses não seria derrubado por isso. (ENT05)

Quando está lá como espectador, É como é, mas... Sentimento bom, alegre, harmonia. E quando alguma coisa não sai como planejado e tudo mais, a gente está certo, é disfarçadamente. Quando vem um erro, um olha para o outro e já sabe que está corrigindo. Dá um nervoso no início, mas procura resolver e segue do mesmo jeito, né? (ENT09)

Já houve alguns incidentes, não durante minha gestão, mas sempre tentei resolver da melhor forma. Hoje, a Rua São João não é mais ativa só em junho. Ela tem atividades o ano todo. Antes, o palanque era montado só para a novena, mas agora, com o Projeto da Segundona do Turismo, há eventos de março a dezembro, como o Pão da Segunda-feira com forró. Também tem dança para a comunidade às terças e quintas, o que mantém a Rua São João movimentada. (ENT13)

Isto é, a constante tentativa de ordenar o que está em desordem traz inovação e aprendizado para a organização (Possas, 2015). Essa dinâmica é crucial para a adaptação das organizações em um mundo em constante mudança. Ainda é preciso entender que o termo 'organização' existe apenas como um resultado contínuo do organizar, compreendido como ordenamentos locais de práticas de organização que, coletivamente, formam a realidade social (Santos, 2022). Essa visão sugere que a organização não é um estado fixo, mas sim um processo em evolução, refletindo a complexidade das interações humanas.

Afe, Maria. Qual é o lugar que não tem briga, minha filha? Me diga. Qual é o lugar que não tem briga? Eu acho que até onde vocês estudam, aí tem um que é diferente da outra, porque... Né? Tem gente que se soma pra ajudar. (ENT07)

Atualmente, a festa não está sendo feita para a comunidade, mas para o concurso de quadrilha, voltada para quem quer assistir a competição. Antigamente, os moradores se uniam mais, ficavam ansiosos para o São João. Claro, havia conflitos, mas isso é normal em qualquer lugar. A união era o principal sentimento. (ENT12)

Os dados coletados revelam que as práticas organizacionais são dinâmicas e interativas, refletindo a importância da negociação e do consenso entre os membros da comunidade. A abordagem de ver as organizações como processos, e não como entidades fixas, oferece uma nova perspectiva que valoriza a ação e a adaptação contínua. As opiniões dos participantes ressaltam a importância da improvisação e da flexibilidade, elementos essenciais para a inovação e o aprendizado nas organizações.

Além disso, a compreensão do termo 'organização' como um resultado do "organizar" enfatiza a natureza coletiva e interativa das práticas sociais. Essa abordagem destaca a relevância das emoções e da espontaneidade no ambiente organizacional, sugerindo que a verdadeira essência das organizações reside nas relações e nas ações que as compõem. Em suma, as organizações são espaços vivos de interação e aprendizado, onde a prática e a teoria se entrelaçam continuamente.

#### 4.8 ORGANIZING

O processo de *organizing* foi descrito como dinâmico e em constante evolução, no qual as interações entre os sujeitos e os artefatos moldam a experiência festiva. As práticas são adaptadas em resposta às necessidades e desejos da comunidade. A pesquisa evidenciou a fluidez das práticas organizacionais, mostrando como as tradições podem ser reinterpretadas e reinventadas ao longo do tempo. Isso permite que as festas se mantenham relevantes e atraentes para novas gerações.

Por meio do *organizing*, é possível visualizar como os atores se relacionam em períodos diferentes por meio de estratégias e rotinas, compreendendo fatos antigos ou futuros (Vasconcelos, 2022). Nessa perspectiva, a organização deve ser entendida como uma construção constante dos atores, de suas práticas e de suas interpretações do que estão fazendo, e, por isso, haverá divergências sobre o que é a organização (Possas, 2015). Com isso, observa-se que a luta pela preservação das tradições se reflete nas práticas coletivas dos moradores, que buscam alternativas para garantir a continuidade de suas festividades. A menção ao bingo e à rifa como estratégias de arrecadação de fundos revela uma dinâmica de organização

comunitária que se adapta às dificuldades enfrentadas, especialmente quando a parceria com o poder público não é estável. Essa realidade exemplifica a ideia de que a organização é uma construção contínua, onde os atores sociais não apenas reagem às circunstâncias, mas também moldam suas práticas e interpretações do que significa manter suas tradições.

A comunidade luta para manter as tradições, e às vezes conseguimos boas parcerias com o poder público, mas outras vezes precisamos buscar recursos próprios, como fazendo bingos e rifas. Também colocamos a mão na massa, pintando e grampeando as bandeirinhas nas ruas. Antigamente, os moradores se reuniam para fazer as bandeirinhas com jornal e cola, mas hoje isso já não acontece tanto. As festividades começam no dia 31 de maio com a troca do mastro e costumavam durar 30 dias, mas agora terminam mais cedo, geralmente no dia 24 de junho, com o dia de São João. (ENT13)

Dessa forma, termos como *organizing* surgiram para designar o movimento da realidade no contexto organizacional (Vasconcelos, 2022). Particularmente, é entendida como uma tentativa de estabilizar o movimento ou um esforço para construir uma ordem previsível num mundo marcado pela dinamicidade (Hernes, 2014). Esse ponto é crucial, pois reflete o desafio enfrentado pelas organizações em equilibrar a necessidade de adaptação e flexibilidade com a busca por estrutura e previsibilidade.

O processo organizacional é um fenômeno complexo que envolve práticas coletivas, adaptação à mudança e a busca por uma ordem previsível. A dinâmica entre a flexibilidade e a estrutura é fundamental para a sobrevivência e o sucesso das organizações, que precisam constantemente reavaliar suas práticas e interações para se manterem relevantes e eficazes em um mundo em constante transformação.

Então, se o sentimento é esse, já começa agora o meu sentimento, já começa agora a se preocupar, já começa agora tudo. Quanto mais você fica mais alegre, como tudo dá certo, né? Quem não fica alegre quando você pega seis meses de trabalho, aí você pega dia a dia, passo a passo, noite, dia, passando por cima de tanta dificuldade, que você vai soltar um barco de fogo, que você tem um pouco hoje. (ENT05)

Assim, a forma como as pessoas se organizam para realizar suas atividades reflete a cultura e os valores da organização. Em um evento festivo, como discutido anteriormente, a flexibilidade pode ser vista nas diversas práticas e interações que ocorrem, enquanto a estrutura pode ser observada na organização do evento, nas regras e nos papéis que cada participante desempenha. Essa interação cria um ambiente onde a criatividade e a tradição podem coexistir. A relação entre o processo organizacional e o conceito de *organizing* é intrínseca e revela a complexidade das interações sociais dentro de uma coletividade. As práticas coletivas são a base sobre a qual o *organizing* se desenvolve, permitindo que as organizações naveguem por ambientes dinâmicos enquanto mantêm uma identidade coesa.

O conceito estabelece também a ligação entre sujeitos e objetos, conhecidos como artefatos, em torno de uma prática (Gherardi, 2006). Duarte e Alcadipani (2016) e Santos (2022) argumentam que a ação humana e o pensamento devem ser vistos de forma mais abrangente, desafiando a visão tradicional de uma realidade pré-construída e objetiva. Essa abordagem permite uma compreensão mais rica das interações sociais, especialmente em contextos festivos, nos quais as emoções e a subjetividade desempenham papéis cruciais.

Além disso, o processo de *organizing* não é apenas logístico, mas também cultural, pois envolve a construção de identidade e memória coletiva. As festividades são um espaço onde a cultura local é celebrada e reconfigurada. As interações entre os diferentes sujeitos — organizadores, participantes, patrocinadores e a comunidade — são fundamentais para o sucesso do evento. A colaboração entre esses grupos gera um ambiente propício para a troca de ideias e a inovação nas práticas. Por exemplo, novos elementos musicais e danças podem ser incorporados, refletindo as influências contemporâneas enquanto respeitam as tradições. Essa interação contínua fortalece os vínculos sociais e promove um senso de pertencimento.

Além disso, a noção de tempo é importante para o entendimento do *organizing*, pois trata-se de um resultado do esforço de integração entre eventos do passado, do futuro e do presente (Hernes & Schultz, 2020). Alguns participantes mencionaram que essa integração temporal é visível nas festas, onde “as memórias do passado se entrelaçam com as novas experiências”, criando um ciclo contínuo de aprendizado e celebração.

Para fazer a espada e o buscapé, que são feitos de bambu, o processo começa com a coleta do bambu. Primeiro, você precisa deixá-lo secar. Depois, vem a parte de serrar e cozinhar, o que é uma etapa importante. Depois de preparar o bambu, você enrola um cordão (cordão do serol) na taboca para formar a espada ou o buscapé. Para isso, também é necessário fazer a pólvora, que é composta por carvão (específico da madeira Ibaúba), salitre, enxofre e cachaça. O processo de fabricação envolve encher a espada com a pólvora. Cada pessoa tem sua própria maneira de fazer isso, mas é importante lembrar que se você fizer hoje, não pode soltar hoje; tem que esperar até o dia seguinte. (ENT05)

Nos primeiros meses do ano, o indivíduo é pescador, mas nos últimos seis meses se torna fogueteiro. A transição começa na lua cheia de dezembro e janeiro, quando o pescador começa a guardar suas ferramentas e se prepara para fazer os fogos, trocando as redes pelo cordão de serol. A produção de fogos em Estância começa antes de dezembro, nos barracões, e atinge seu pico no dia 20 de maio, quando quase todos os fogos já estão prontos, embora sejam vendidos por um preço baixo. (ENT06)

Também, a mudança na participação dos moradores ao longo dos anos – desde a ativa colaboração na confecção de bandeirinhas até a atual apatia em relação à decoração das ruas – sugere uma transformação nas relações sociais e na percepção do significado cultural dessas festividades. A redução do período de celebração de 30 dias para um tempo mais curto pode indicar uma perda de engajamento ou uma adaptação às novas realidades da comunidade.

As festas juninas são moldadas por um processo de adaptação constante. À medida que novas gerações se envolvem na organização, elas trazem suas próprias perspectivas e experiências, resultando em uma reinvenção das práticas tradicionais. Isso pode ser observado na inclusão de novas tecnologias, como a utilização de redes sociais para divulgação e interação, além de inovações nas apresentações e competições que atraem um público mais jovem. Essa capacidade de adaptação parece ser crucial para a sobrevivência e relevância das festas.

O *organizing* também desempenha um papel vital na construção da identidade cultural da comunidade. As festas juninas servem como um palco para a expressão cultural, onde elementos como música, dança, comida e vestuário se entrelaçam para contar a história da comunidade. Essas práticas não apenas celebram o passado, mas também ajudam a moldar o futuro, criando um espaço onde a memória coletiva é vivida e transmitida.

#### 4.9 LIMITAÇÕES PARA ATINGIR O QUANTITATIVO DESEJADO DE INFORMANTES-CHAVE

No início do processo de pesquisa, a investigadora se viu na necessidade imperiosa de submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa. Este procedimento, fundamental para garantir a integridade e a ética na condução do estudo, demandou um período considerável de aproximadamente três meses, em função das análises rigorosas e das correções necessárias. Como resultado desse atraso, as entrevistas com os participantes foram realizadas exclusivamente entre setembro de 2024 e janeiro de 2025.

Apesar do comprometimento da pesquisadora em realizar as entrevistas dentro de um cronograma definido, os agendamentos se mostraram desafiadores. Os entrevistados, além de estarem envolvidos nas festividades locais, possuíam outras obrigações profissionais que ocupavam seu tempo durante o horário comercial. Essa sobrecarga de atividades dificultava a disponibilidade dos participantes para as entrevistas. Inicialmente deveriam ser feitas pelo menos 10 entrevistas em cada campo, após os testes um em cada campo foram possíveis apenas 6 e 7 entrevistas que resultaram no trabalho. No entanto, vale ressaltar que os informantes do campo Estância demonstraram uma maior abertura e disposição para participar, o que facilitou o processo de coleta de dados.

As entrevistas foram conduzidas tanto de forma presencial quanto *online*, dependendo da conveniência e do interesse dos informantes-chave. Essa flexibilidade foi crucial para assegurar que os participantes se sentissem confortáveis e dispostos a compartilhar suas experiências. Em diversas ocasiões, foi necessário reagendar os encontros, seja para ajustar

horários ou dias, ou até mesmo para cancelar algumas entrevistas. Essas mudanças foram essenciais para garantir que os entrevistados estivessem em um estado de espírito adequado e disponíveis para um diálogo produtivo, refletindo sobre suas histórias de vida.

Os constantes reagendamentos acabaram por gerar um atraso significativo na conclusão das entrevistas, apresentando desafios adicionais para o andamento da pesquisa. No entanto, esses obstáculos foram enfrentados com resiliência, permitindo que a pesquisadora estabelecesse um ambiente propício para a coleta dos dados.

#### 4.10 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A escolha de uma abordagem metodológica qualitativa e exploratória revelou-se uma decisão acertada, pois possibilitou uma análise aprofundada das práticas organizacionais que permeiam as festas juninas. A utilização de entrevistas semiestruturadas, aliada à observação não participante, proporcionou a coleta de dados ricos e contextualizados, permitindo uma compreensão mais abrangente e holística do fenômeno em estudo.

A pesquisa foi bem-sucedida em identificar e mapear os diversos atores que participam das festividades juninas, englobando não apenas as comunidades locais, mas também empresários e gestores públicos. Essa identificação é fundamental para a compreensão das dinâmicas de colaboração e dos conflitos que podem emergir durante o processo de organização dos eventos. O entendimento dessas interações é essencial para o desenvolvimento de estratégias que promovam a harmonia e a eficácia nas festividades.

Um dos achados mais significativos da pesquisa foi a forma como as festas juninas conseguem equilibrar os elementos de tradição e inovação. Embora a tradição se apresente como um pilar central das festividades, a pesquisa evidenciou que a inovação é imprescindível para garantir a continuidade e a relevância dos eventos. Este aspecto é especialmente crucial em um contexto onde as festividades enfrentam desafios, como a mercantilização excessiva e a potencial perda de identidade cultural.

Entretanto, a pesquisa não esteve isenta de desafios. Um dos principais obstáculos foi a acessibilidade e a disposição dos entrevistados, o que pode ter limitado a diversidade de perspectivas e experiências coletadas. Essa limitação é preocupante, pois a pluralidade de vozes é essencial para uma análise mais abrangente e representativa. Além disso, a pesquisa concentrou-se em festas específicas, como as de Estância e da Rua São João. Embora essa abordagem tenha permitido uma análise detalhada, uma maior abrangência geográfica poderia oferecer uma visão mais completa das práticas organizacionais nas festas juninas em Sergipe.

A parte da pesquisa dedicada aos atores, artefatos e práticas revelou-se extremamente rica, oferecendo uma visão multifacetada das interações sociais e culturais que permeiam as festas juninas.

Os **atores**, que incluem desde artistas e organizadores até os membros da comunidade, trazem consigo histórias e experiências que enriquecem a celebração. Cada indivíduo desempenha um papel crucial, contribuindo para a dinâmica coletiva e a continuidade das tradições.

Os **artefatos**, como vestimentas típicas, bandeirinhas, fogueiras e pratos tradicionais, não são meros elementos decorativos; eles carregam significados profundos e são portadores de memória cultural. Esses objetos ajudam a moldar a identidade coletiva e a reforçar os laços comunitários, funcionando como símbolos que conectam passado e presente.

As **práticas** observadas durante as festividades refletem uma interconexão entre os atores e os artefatos. As danças, as músicas e as comidas típicas são expressões de uma cultura viva, que se adapta e se transforma ao longo do tempo. No entanto, é importante destacar que o conhecimento sobre todos esses aspectos não chega à sociedade em geral de forma ampla. Muitas vezes, nem mesmo os próprios atores se dão conta da riqueza e da complexidade das tradições que estão perpetuando.

Essa falta de conscientização pode ser atribuída à forma como as festividades são frequentemente percebidas apenas como entretenimento, sem a devida valorização dos contextos históricos e sociais que as sustentam. Portanto, é essencial que haja um esforço conjunto para documentar e disseminar essas histórias e conhecimentos, para que tanto os participantes quanto a sociedade em geral possam reconhecer e valorizar a profundidade cultural das festas juninas.

A compreensão dos atores, artefatos e práticas nas festas juninas destaca a importância de uma abordagem integrada que valorize a interdependência entre esses elementos. Promover a conscientização e o reconhecimento dessas dinâmicas é fundamental para a preservação e revitalização das tradições culturais, assegurando que as futuras gerações possam apreciar e continuar a riqueza das festas juninas.

A pesquisa também revelou uma rica história que se entrelaça com as tradições culturais da região. Desde suas origens, as festas têm sido um reflexo da identidade comunitária, promovendo a coesão social e a celebração das raízes culturais. As práticas observadas, como a dança da quadrilha, os concursos de barco de fogo e as batucadas, são heranças que se perpetuam ao longo do tempo, mas que também estão sujeitas a transformações.

As festividades juninas mantêm uma continuidade significativa, caracterizada pela repetição de rituais e tradições que foram passados de geração em geração. Elementos como as vestimentas típicas, a gastronomia e as danças são pilares que sustentam a identidade cultural da comunidade. No entanto, essa continuidade não é estática; ela se adapta às novas realidades sociais e culturais, permitindo que as tradições permaneçam relevantes.

O surgimento de novas práticas é um aspecto vital que enriquece as festividades, porém não é incentivada por todos os atores. A pesquisa destacou como as influências contemporâneas, como a introdução de novos estilos musicais e a utilização de tecnologias, têm transformado a maneira como as festas são celebradas. Por exemplo, a incorporação de forró eletrônico e a presença de bandas modernas nas festividades atraem um público mais jovem, revitalizando o interesse pelas tradições.

O poder público desempenha um papel fundamental na promoção e no suporte das festividades juninas. Por meio de parcerias com organizações comunitárias e culturais, o governo pode facilitar o financiamento e a logística necessárias para a realização dos eventos. Essa colaboração é essencial para garantir que as tradições continuem a ser celebradas e que novas práticas possam emergir.

Por outro lado, a regulamentação de aspectos como a soltura de fogos de artifício e a segurança durante os eventos reflete a responsabilidade do poder público em equilibrar a tradição com a segurança da comunidade. Essas medidas ajudam a garantir que as festividades possam ser celebradas de forma segura e sustentável, permitindo que as tradições evoluam sem comprometer a segurança e o bem-estar dos participantes.

A história das festividades juninas, marcada por continuidade e inovação, é um testemunho da resiliência cultural das comunidades. O surgimento de novas práticas, impulsionado por influências contemporâneas e pelo suporte do poder público, enriquece a experiência festiva e assegura que as tradições permaneçam vivas e relevantes. A colaboração entre a comunidade e o governo é essencial para preservar a riqueza cultural das festas juninas, promovendo um ambiente em que a história e a modernidade possam coexistir harmoniosamente.

As percepções dos atores envolvidos nas festividades juninas revelam uma rica tapeçaria de experiências que iluminam o processo de *organizing* e as práticas que moldam esses eventos. Cada ator, seja ele um artista, organizador ou membro da comunidade, traz consigo uma visão única sobre o que significa participar dessas celebrações, refletindo sobre o tempo investido e os imprevistos que frequentemente surgem.

Os organizadores das festas desempenham um papel crucial na coordenação de atividades, logística e na integração de diferentes atores. Eles frequentemente mencionam a importância de construir relacionamentos sólidos com os artistas e a comunidade, reconhecendo que o sucesso das festividades depende da colaboração coletiva. Além disso, a percepção de que a organização vai além da mera execução de tarefas – *organizing* – é comum entre os atores. Muitos veem isso como uma oportunidade de expressar a cultura local, promovendo a identidade da comunidade e fortalecendo os laços sociais. Essa visão amplia a compreensão do papel do organizador, que se torna um facilitador de experiências significativas para todos os envolvidos.

O tempo é um fator crítico nas festividades juninas. Os atores frequentemente relatam que a preparação para os eventos começa meses antes, envolvendo planejamento detalhado e coordenação de várias atividades. A percepção de que o tempo é um recurso precioso é compartilhada por todos os envolvidos, e muitos enfatizam a importância de um cronograma bem definido para garantir que cada aspecto da festa seja executado com sucesso.

No entanto, a realidade das festividades também traz à tona a inevitabilidade de imprevistos. A natureza dinâmica das celebrações, que muitas vezes dependem de condições climáticas e da disponibilidade de recursos, pode levar a desafios inesperados. Os atores frequentemente relatam experiências em que mudanças de última hora foram necessárias, exigindo flexibilidade e adaptação rápida.

A capacidade de lidar com imprevistos é uma habilidade valorizada entre os atores. Muitos compartilham histórias de como conseguiram superar obstáculos, como a falta de materiais ou problemas técnicos, transformando essas situações em oportunidades de inovação. Essa resiliência é um testemunho do comprometimento dos envolvidos e da paixão que sentem pelas festividades.

Além disso, a colaboração entre os atores se torna ainda mais evidente em momentos de crise. A solidariedade e o apoio mútuo são frequentemente mencionados como fatores que ajudam a enfrentar os desafios, reforçando a ideia de que as festividades são um esforço coletivo. Essa união não apenas ajuda a resolver problemas, mas também fortalece os laços comunitários, criando um senso de pertencimento e identidade.

As percepções dos atores sobre o que fazem nas festividades juninas revelam a complexidade do *organizing* e das práticas envolvidas. O tempo e os imprevistos são elementos centrais que moldam a experiência de todos os envolvidos, destacando a importância do planejamento e da flexibilidade. A resiliência e a colaboração entre os atores não apenas garantem o sucesso das festividades, mas também enriquecem a experiência cultural,

reforçando o valor das tradições e a identidade da comunidade. Essa dinâmica mostra que, apesar dos desafios, a paixão e o comprometimento são os verdadeiros motores que mantêm viva a celebração das festas juninas.

Diante das dificuldades financeiras e da falta de parcerias enfrentadas por muitos artistas sergipanos, é imperativo estabelecer editais que financiem projetos culturais vinculados às festas juninas. Esses editais devem permitir que artistas locais apresentem suas obras e tradições, pois os mecanismos existentes em ambas as cidades parecem ser insuficientes. Além disso, o desenvolvimento de programas de capacitação voltados para artistas, com foco em gestão cultural, marketing e empreendedorismo, pode contribuir significativamente para a profissionalização e melhor gerenciamento de suas carreiras.

É fundamental aumentar os recursos destinados à cultura, com ênfase em festividades tradicionais, assegurando que haja verbas suficientes para a realização de eventos de qualidade. Para isso, é necessário firmar parcerias com universidades e instituições culturais, promovendo pesquisas e eventos que valorizem as festas juninas e seus artistas.

Implementar políticas que reconheçam oficialmente a importância dos artistas locais nas festividades, como a criação de prêmios e homenagens, é uma estratégia eficaz para valorizar esses profissionais. Além disso, promover subsídios para a participação de artistas em festivais fora do estado permitirá que eles ampliem sua visibilidade e expandam suas redes de contatos, contribuindo para o fortalecimento de suas carreiras.

O desenvolvimento de roteiros turísticos que incluam as festas juninas é uma prática que pode incentivar o turismo cultural e aumentar a participação de visitantes nas festividades. Juntamente a isso, a criação de campanhas de marketing que promovam as festas juninas como um atrativo turístico é crucial para destacar a riqueza cultural e a diversidade de artistas envolvidos. Para além disso, é necessário fomentar o turismo e o suporte hoteleiro, principalmente na cidade de estância, segundo os próprios entrevistados os locais são insuficientes para a proporção da festa, e o turismo da cidade perde por isso.

Fomentar a inovação nas festividades, permitindo a incorporação de novas expressões artísticas, será vital para enriquecer as tradições. Além disso, é necessário desenvolver programas de educação e conscientização sobre a importância das festas juninas e da cultura local nas escolas, promovendo o engajamento das novas gerações.

As festas juninas representam uma manifestação cultural rica que merece ser valorizada e apoiada por meio de práticas e políticas públicas eficazes. Os governos municipais e estadual desempenham um papel crucial na promoção e valorização dos artistas locais, garantindo que as festividades continuem a prosperar e a enriquecer a cultura sergipana.

## 5 CONCLUSÃO

O trabalho apresentado oferece uma análise abrangente e detalhada das práticas organizacionais que permeiam as festividades juninas em Sergipe, com foco específico na Rua de São João e na cidade de Estância. A pesquisa destaca a complexidade da interação entre atores, artefatos e práticas, enfatizando como essas festividades não são meros espetáculos, mas sim construções sociais que refletem a identidade cultural e a história da comunidade.

A análise revela que as festas juninas são um fenômeno multifacetado, nas quais a interdependência entre atores (participantes, organizadores, comunidade) e artefatos (trajes, alimentos, decorações) é fundamental para a realização das celebrações. Essa dinâmica mostra como as tradições são mantidas e adaptadas ao longo do tempo, permitindo a continuidade cultural. Os depoimentos dos informantes-chave destacam a importância das emoções nas festividades, ressaltando que as festas são momentos de alegria, pertencimento e coesão social. A participação ativa da comunidade e a vivência das tradições contribuem para a construção de uma identidade coletiva que se renova a cada edição.

A pesquisa também identificou que, embora as tradições sejam valorizadas, há uma necessidade de inovação e adaptação às novas realidades sociais. A introdução de novas práticas e a modernização das festividades são vistas como essenciais para atrair novas gerações e manter a relevância cultural.

A partir desta pesquisa, revelou-se que as festividades juninas são formadas por essa rede, onde cada elemento contribui para a experiência coletiva, afirmando o que diz Reckwitz (2002) sobre a prática que é um comportamento rotineiro que envolve múltiplos elementos interconectados, como atividades, emoções e objetos. Além disso, os depoimentos dos informantes destacam como as festividades promovem um sentimento de pertencimento e coesão social, reforçando a identidade coletiva da comunidade corroborando com Davel e De Paiva Júnior (2019).

Marques e Brandão (2015) discutem como as festas são vistas como realidades complexas que abrangem tanto o espetáculo quanto a tradição. Por meio dessa pesquisa é possível evidenciar que, embora as tradições sejam mantidas, há uma necessidade de inovação e adaptação às novas realidades sociais, refletindo a dinâmica cultural contemporânea.

Este estudo mostra que, nas festividades juninas, as práticas organizacionais são constantemente moldadas pelas interações entre os participantes e os artefatos, enfatizando a natureza processual do *organizing*. Assim, a organização é entendida como um processo dinâmico e não como uma entidade fixa (Weick, 1973).

A presença de elementos como bandeirinhas, fogueiras e trajes típicos é fundamental para a vivência das tradições que sustentam as práticas não apenas por meio das relações entre os atores, mas também pelas interações com os artefatos (Santos e Silveira, 2015). Por fim, os depoimentos indicam uma preocupação com a continuidade das práticas culturais, evidenciando a importância da participação comunitária na manutenção das festividades, como reflexo da resistência cultural e da luta pela preservação das tradições (Passos e Bulgacov, 2019).

Para compreender se o objetivo principal foi alcançado, a pesquisadora analisou os resultados obtidos por meio dos relatos da história de vida e observação não-participante, confrontando com os objetivos específicos que foram definidos no início deste estudo. Diante disso, a partir desses objetivos, foram elaboradas as seguintes análises conclusivas:

**1. Identificar os sujeitos, artefatos e práticas das festas juninas sergipanas estudadas:** Quanto aos sujeitos, foram identificados diversos atores, incluindo organizadores, participantes, patrocinadores e a comunidade local. Cada grupo desempenha um papel crucial na realização das festividades, com responsabilidades que variam de planejamento a execução.

Os artefatos foram categorizados em trajes típicos, alimentos tradicionais (como canjica, caldos, churrasquinho, licor, etc.) e decorações (bandeirinhas, fogueiras). Esses elementos não apenas embelezam as festividades, mas também carregam significados culturais profundos. As práticas identificadas incluem danças (como quadrilhas), rituais de acendimento de fogueiras e a preparação de comidas típicas. Essas atividades foram observadas e documentadas, destacando a vivência cultural da comunidade. Conclui-se que, as festas juninas em Sergipe são um testemunho da vitalidade cultural da região, uma vez que a interconexão entre sujeitos, artefatos e práticas cria uma experiência coletiva rica e significativa. A continuidade dessas tradições, aliada à capacidade de adaptação e inovação, assegura que as festas permaneçam relevantes e vibrantes, perpetuando a identidade cultural e o sentimento de pertencimento entre os membros da comunidade.

**2. Mapear práticas das festas juninas sergipanas:** A pesquisa mapeou as práticas em categorias distintas, permitindo uma visualização clara das atividades que compõem as festas. Por exemplo, as danças foram subdivididas em diferentes estilos de quadrilha, enquanto as comidas foram organizadas por localidade. O mapeamento evidenciou a diversidade das práticas, mostrando como as festividades são adaptadas a diferentes contextos e grupos dentro da comunidade, refletindo a riqueza cultural local.

Assim, foi possível perceber que a forma como surgiram e se perpetuam permeia um imaginário que vêm de fatos e fotos, até achismos populares, visto que cada indivíduo entende e perpetua de sua forma, por mais que alguns não saibam ao certo sobre o surgimento, guardam

fatos que aprenderam e adotam como próprio do lugar e da festa que frequentam. Também, como algumas das tradições, foram identificadas práticas emergentes que incorporam influências contemporâneas, como a inclusão de novas músicas e danças, o que demonstra a evolução contínua das festividades.

**3. Caracterizar as práticas organizacionais realizadas em festas juninas sergipanas:** A análise revelou uma clara divisão de tarefas entre os sujeitos envolvidos, com organizadores assumindo papéis de liderança e voluntários contribuindo em áreas específicas, como decoração e logística. Contudo, percebe-se que as práticas organizacionais foram caracterizadas pela mobilização de recursos, incluindo financeiros, materiais e humanos, visto que a comunidade se une para arrecadar fundos e garantir a realização das festas. O processo de planejamento é colaborativo, envolvendo reuniões comunitárias e a participação ativa de diferentes grupos, o que fortalece o senso de pertencimento e a coesão social. Além disso, durante as festividades, são comuns as demonstrações grupais de danças e outras atividades culturais, essas apresentações permitem que diferentes grupos mostrem suas habilidades e tradições, enriquecendo a experiência do público e promovendo a diversidade cultural.

**4. Descrever o processo de *organizing* das festas juninas estudadas:** O processo de *organizing* contribui para a formação de uma memória coletiva, por meio do qual as experiências e tradições são passadas de geração em geração. As histórias contadas durante as festividades, os rituais e as práticas compartilhadas ajudam a solidificar a identidade da comunidade. Esse legado cultural é fundamental para a continuidade das festas, pois as novas gerações se sentem motivadas a participar e preservar essas tradições. A análise dos dados permitiu uma compreensão profunda das práticas organizacionais, das interações sociais e dos significados culturais envolvidos. Conclui-se que a pesquisa não apenas documentou as festividades, mas também destacou a importância da participação comunitária e da adaptação cultural ao longo do tempo.

## 5.1 SUGESTÕES DE ESTUDOS FUTUROS

As pesquisas futuras sobre festas juninas podem ser ampliadas de diversas maneiras, permitindo uma compreensão mais profunda e abrangente das práticas culturais associadas a essas festividades. Este estudo pode derivar pela abertura de novas agendas de pesquisa, diante das lacunas identificadas pela pesquisadora, que poderão proporcionar maior amplitude de discussões acerca do estudo que trata sobre práticas organizacionais de festas juninas sob a perspectiva do *organizing*.

**Expansão Geográfica:** Pesquisas futuras poderiam explorar outras festividades juninas em diferentes estados do Brasil, comparando práticas e tradições para entender melhor a diversidade cultural. Essa abordagem permitiria uma comparação detalhada das práticas e tradições locais, contribuindo para uma melhor compreensão da diversidade cultural que caracteriza as celebrações juninas em todo o país. Ao investigar as variações regionais, os pesquisadores poderiam identificar elementos únicos e comuns, revelando como as influências culturais, históricas e sociais moldam as festividades em cada localidade.

**Estudos Longitudinais:** Investigações que acompanhem as mudanças nas festividades ao longo do tempo poderiam oferecer *insights* sobre a evolução das práticas culturais e a adaptação às novas realidades sociais. Ao observar as transformações ao longo de várias edições das festas, seria possível identificar tendências emergentes e o impacto das mudanças nas dinâmicas comunitárias.

**Análise Comparativa:** Um estudo comparativo entre festas juninas e outras festividades populares no Brasil poderia enriquecer a compreensão da cultura popular e das práticas organizacionais. Ao investigar semelhanças e diferenças nas formas de organização, nas expressões culturais e nas interações sociais, os pesquisadores poderiam desenvolver uma perspectiva mais ampla sobre como as festividades refletem e influenciam a identidade cultural brasileira. Essa abordagem comparativa poderia revelar padrões e particularidades que ajudam a contextualizar as festas juninas dentro do panorama mais amplo das celebrações culturais do país.

**Envolvimento das Novas Gerações:** Pesquisas focadas em como as novas gerações se apropriam e reinterpretam as tradições juninas poderiam ajudar a entender o futuro dessas práticas culturais. Essa análise poderia incluir entrevistas, grupos focais e observações durante as festividades, permitindo uma captura rica das vozes e experiências dos jovens envolvidos nas celebrações.

**Sob olhares de outras teorias:** Além da perspectiva do *organizing*, futuras pesquisas podem examinar as festas juninas sob o olhar de outras teorias da administração, como a Teoria Institucional, a Abordagem Baseada em Recursos ou a Sociomaterialidade. A Teoria Institucional, por exemplo, poderia investigar como normas e pressões institucionais moldam a organização dessas festividades, enquanto a Sociomaterialidade poderia explorar a inter-relação entre elementos materiais e sociais no processo organizacional das festas. Essas abordagens ampliariam o entendimento sobre a complexidade da organização das festas juninas, contribuindo para um campo de estudo mais diverso e enriquecido.

## 5.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas juninas são eventos de grande relevância cultural e social, funcionando como espaços de interação, celebração e resistência das tradições locais. Este estudo contribuiu para a compreensão das práticas organizacionais dessas festividades sob a perspectiva do *organizing*, evidenciando como os atores, os artefatos e os espaços se articulam para dar forma a essas celebrações. A pesquisa revelou que essas práticas não são estáticas, mas, sim, constantemente recriadas e ressignificadas por aqueles que as vivenciam, garantindo a sua continuidade ao longo do tempo. Dessa forma, as festas juninas não apenas preservam o passado, mas também se adaptam às novas dinâmicas sociais, incorporando inovações sem perder a essência tradicional.

Este conjunto de informações, conceitos e relatos pode contribuir para a criação de programas de capacitação voltados à organização e gestão das festas juninas, beneficiando tanto os organizadores comunitários quanto empreendedores envolvidos nesses eventos. A pesquisa evidenciou que os atores responsáveis pela realização das festividades possuem trajetórias e realidades distintas, influenciadas por seus contextos culturais e sociais. Estudos indicam a necessidade de iniciativas, tanto públicas quanto privadas, que incentivem o compartilhamento das práticas e a multiplicação disso para os mais jovens e contextos educacionais.

Aspectos como planejamento logístico, captação de recursos, marketing cultural e preservação das tradições devem ser abordados de forma acessível e prática. Além disso, a adoção de metodologias que permitam a aplicação imediata do conhecimento adquirido pode fortalecer ainda mais a sustentabilidade e a inovação na realização das festas juninas.

Além das contribuições teóricas e empíricas apresentadas, este estudo também abre caminhos para pesquisas futuras. Por fim, a pesquisa demonstrou que o *organizing* das festas juninas envolve um delicado equilíbrio entre tradição e inovação, passado e futuro, estrutura e improvisação. A análise dessas práticas não apenas contribui para a literatura sobre organização de eventos culturais, mas também ressalta a importância dessas festividades como espaços vivos de identidade coletiva e pertencimento. O desafio contínuo de preservar a autenticidade dessas celebrações, ao mesmo tempo em que se adapta às novas realidades sociais, reforça o papel fundamental das festas juninas na cultura brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ALCADIPANI, Rafael; MEDEIROS, C. R. D. O. Policiais na rede: repertórios interpretativos nas manifestações discursivas de comunidades criadas por policiais no Facebook. *Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, v. 3, n. 7, p. 559-627, 2016.
- ALVES, Elder Patrick Maia. O consumo da tradição e a fruição do inautêntico: cultura e mercado nas festas-espetáculo do ciclo juninos no Nordeste. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 48, n. 1, p. 208-244, jan./jul. 2017.
- AMARAL, Rita. Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”. **São Paulo: eBookLibris**, v. 1998, 2001.
- ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. Uma agenda brasileira para os estudos em aprendizagem organizacional. *RAE*, v. 49, n. 3, p. 266-281, 2009.
- BRANDÃO, Ana Maria. Entre a vida vivida e a vida contada: a história de vida como material primário de investigação sociológica. *Revista Ciências Sociais - Configurações*. n. ° 3, 2007, pp. 83-106.
- BARROS, VA de; LOPES, Fernanda Tarabal. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: Uma abordagem teórico-conceitual**, p. 41-63, 2014.
- BASTOS, Adriana Teixeira; ROCHA, Cláudio César Torquato; DE MENDONÇA, José Ricardo Costa. O que tem se falado sobre prática na área de Administração no Brasil?. *Revista de Ciências da Administração*, v. 24, n. 64, p. 9-24, 2022.
- BISPO, Marcelo de Souza. Aprendizagem organizacional baseada no conceito de prática: contribuições de Silvia Gherardi. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, p. 132-161, 2013a.
- BISPO, Marcelo. Estudos baseados em prática: conceitos, história e perspectivas. **Revista interdisciplinar de gestão social**, v. 2, n. 1, 2013b.
- BRASIL, Governo de Sergipe. **Rua São João: Uma história centenária**. YouTube, 19 jul. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3yLdahaSoNw> . Acesso em: 29 abr. 2024.
- BRASIL. Governo do estado de Sergipe. **Retomada da Segundona do Turista na Rua São João incentiva tradição do forró e geração de renda para sergipanos**. Aracaju, 18 mar. 2024. Disponível em: [https://www.se.gov.br/noticias/governo/retomada\\_da\\_segundona\\_do\\_turista\\_na\\_rua\\_sao\\_joao\\_incentiva\\_tradicao\\_do\\_forro\\_e\\_geracao\\_de\\_renda\\_para\\_sergipanos#:~:text=Este%20espa%C3%A7o%20tem%20uma%20representa%C3%A7%C3%A3o,uma%20import%C3%A2ncia%20extrema%E2%80%9D%2C%20destaca](https://www.se.gov.br/noticias/governo/retomada_da_segundona_do_turista_na_rua_sao_joao_incentiva_tradicao_do_forro_e_geracao_de_renda_para_sergipanos#:~:text=Este%20espa%C3%A7o%20tem%20uma%20representa%C3%A7%C3%A3o,uma%20import%C3%A2ncia%20extrema%E2%80%9D%2C%20destaca). Acesso em: 29 abr. 2024.
- BULGACOV, Yára Lucia Mazziotti; VIZEU, Fabio. A positividade da emoção na prática da pesquisa social em organizações. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 9, p. 488-509, 2011.
- BURGER, Edneia Regina; VITURI, Renee Coura Ivo. Metodologia de pesquisa em ciências humanas e sociais: história de vida como estratégia e história oral como técnica—algumas

reflexões. **Anais do ENCONTRO DE PESQUISADORES DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CURRÍCULO**, v. 11, p. 1-14, 2013.

BURKE, Catriona M.; MORLEY, Michael J. Sobre organizações temporárias: Uma revisão, síntese e agenda de pesquisa. **Human relations**, v. 69, n. 6, p. 1235-1258, 2016.

CANCLINI, Nestor García. **Globalização Imaginada**, A. Editora Iluminuras Ltda, 2003.

CASSELL, C.; CUNLIFFE, A. L.; GRANDY, G. Qualitative Research in Business and Management. In: CASSELL, C.; CUNLIFFE, A. L.; GRANDY, G. *Handbook of Qualitative Business and Management Research Methods*. Thousand Oaks: SAGE, 2018, p. 1-14.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. **Festa e Corpo: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas**. Salvador: EDUFBA, 2014.

CASTRO, J. R. B de. **Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no urbano**. Salvador: EDUFBA, 2012.

CASTRO, Jânio Roque Barros. A promoção de megafestas juninas em arenas privadas no Recôncavo Baiano: uma apreciação analítica. **GeoTextos**, v. 2, n. 2, p. 59-81, 2010.

CAVALCANTE, Erica Dayane Chaves; DE SOUZA BISPO, Marcelo; DA CUNHA SOARES, Lídia. Reflexões sobre o processo de aprendizagem social do turismo como prática na orla marítima de João Pessoa/PB. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 17, n. 3, 2018.

Certeau, M. (2002) **História de corpos**. Proj. História, 25, dez, 407-412.

Certeau, M. (2008). **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes.

CHAUÍ, M. Espinosa: **Uma filosofia da liberdade**. São Paulo. Ed. Moderna, 1995.

CHIANCA, L. **São João na Cidade: ensaios e improvisos sobre as festas juninas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da UFPR, p. 11-46, 2002.

CLEGG, Stewart R.; KORNBERGER, Martin; RHODES, Carl. *Learning/becoming/organizing*. **Organization**, v. 12, n. 2, p. 147-167, 2005.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2016.

COOPER, R. The open field. **Human Relations**, v. 29, n. 11, p. 999-1017, 1976.

COOPER, R.; LAW, J. Organization: distal and proximal views. **Research in the Sociology of Organizations**, v. 13, p. 237-74, 1995.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CZARNIAWSKA, B. Book Review: Bruno Latour: Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory. **Organization Studies**. London: Sage, 2006, v. 27 (10), 1553-1557.

CZARNIAWSKA, B. **A theory of organizing**. Cheltenham: Edward Elgar Press, 2008a.

CZARNIAWSKA, B. *Organizing: how to study it and how to write about it*. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, v. 3, n. 1, p. 4-20, 2008b.

CZARNIAWSKA, Barbara. Organizations as obstacles to organizing. In: **Organization and organizing**. Routledge, 2013. p. 3-22.

DA SILVA LEAL, Rosana Eduardo. Fotografia, Patrimônio e Mundialização da Cultura: um relato de experiência da exposição “Barco de Fogo”. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 3, 2017.

DA SILVA PRAZERES, Giselle Gomes; LUCENA FILHO, Severino. Quadrilhas Juninas: patrimônio cultural ou midiático?. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 16, n. 36, p. 132-144, 2018.

DA SILVA, Widis Pinheiro; DA SILVA, Cristiano Cezar Gomes; DE LIMA, Conceição Maria Dias. O hibridismo cultural na formação das quadrilhas juninas na contemporaneidade em Arapiraca-AL. **Diversitas Journal**, v. 5, n. 1, p. 648-659, 2020.

DAVEL, Eduardo Paes Barreto; DE PAIVA JÚNIOR, Fernando Gomes. Festa, Cultura e Empreendedorismo Cultural: Uma Introdução. **Teoria e Prática em Administração**, v. 9, n. 2, p. iii-ix, 2019.

DE GAULEJAC, Vincent. **La Société malade de la gestion. Idéologie gestionnaire, pouvoir managérial et harcèlement social**. Média Diffusion, 2009.

DUARTE, Márcia de Freitas; ALCADIPANI, Rafael. Contribuições do organizar (*organizing*) para os estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 23, p. 57-72, 2016.

FARIAS FILHO, Milton Cordeiro; ARRUDA FILHO, Emílio JM. **Planejamento da pesquisa científica**. Editora Atlas SA, 2000.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANK, W. F. Why Study People’s Stories? The Dialogical Ethics of Narrative Analysis. **International Journal of Qualitative Methods**, v.1, n.1, p. 109-117, 2002.

GABRIEL, Y; FINEMAN, S; SIMS, D. **Organizing & Organizations. Segunda edição**. Cap. 12: Sentimentos, Londres: Sage, 2000.

GHERARDI, S. **Organizational Knowledge: The Texture of Workplace Learning**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

GHERARDI, Silvia. Prática? É uma questão de gosto!. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 2, n. 1, 2013.

GHERARDI, Silvia. **Como conduzir um estudo baseado na prática: Problemas e métodos**. Publicação Edward Elgar, 2019.

GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

GODOY, A. S. Reflexão a respeito das contribuições e dos limites da História de Vida na pesquisa em Administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 19, n. 1, p. 161-175, 2018.

GOMES, A. A. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. **EccoS-Revista Científica**, v.7, n.2, p.275-290, jul./dez. 2005.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GOMES, Roseane Cristina Santos; SANTOS, Daniele Luciano; RIBEIRO, César Augusto França. Cores, cantos e ritos da cultura popular: um olhar fenomenológico sobre o encontro cultural de Laranjeiras, SE. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeeducacionais**, v. 6, n. 1, p. 341-352, 2015.

HALL, Stuart. **Identidades culturais**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lauro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HERACLEOS, L. **Discourse, Interpretation, Organization**. Cambridge, 2006.

HERNES, Tor. **A process theory of organization**. Oup Oxford, 2014.

HERNES, Tor; SCHULTZ, Majken. Translating the distant into the present: How actors address distant past and future events through situated activity. **Organization Theory**, v. 1, n. 1, p. 2631787719900999, 2020.

HOLT, Robin; JOHNSEN, Rasmus. Time and organization studies. **Organization Studies**, v. 40, n. 10, p. 1557-1572, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Turismo 2023: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua). **Rio de Janeiro: IBGE**, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: fevereiro de 2024

KALOF, L.; DAN, A.; DIETZ, T. **Essentials of Social Research**. New York: McGraw Hill Open University Press, 2008.

LANGER, Susanne Katherina. **Sentimento e forma: uma teoria da arte desenvolvida a partir de filosofia em nova chave**. Tradução Ana M. Goldberger Coelho, J. Guinsburg. São Paulo: Perspectivas, 2011.

LAW, J. Objects and spaces. **Theory, Culture & Society**. v. 19, n. 5/6, p. 91-105, 2002.

MACCALI, Nicole; MINGHINI, Luciano; WALGER, Carolina de Souza; ROGLIO, Karina de Déa. História de vida: uma possibilidade metodológica de pesquisar os aspectos subjetivos no processo de tomada de decisão. **Anais do Encontro da Anpad**, Rio de Janeiro, v. 37, p. 1-16, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

MARINS, Simony Rodrigues; DAVEL, Eduardo Paes Barreto. Empreendedorismo como Prática: o Empreendedorismo Cultural da Prática Festiva do Pagode na Baiano. **Teoria e Prática em Administração**, v. 9, n. 2, p. 14-34, 2019.

MARQUES, L.; BRANDÃO, C. As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. **Revista Ateliê Geográfico**, 9(3), 7-26, 2015.

MARQUES, Jordania Alyne Santos. **As territorialidades da festa junina de Campina Grande-PB (2016-2017)**. 2018. Dissertação de Mestrado. Brasil.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. Comida: identidade, tradição e cultura enraizada nas manifestações do catolicismo em Sergipe. **Ateliê Geográfico**, v. 8, n. 2, p. 274-289, 2014.

MERRIAM, Sharan B. Introduction to qualitative research. **Qualitative research in practice: Examples for discussion and analysis**, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2002.

MORIGI, Valdir Jose. Mídia, identidade cultural nordestina: festa junina como expressão. **Intexto**, n. 12, p. 76-89, 2005.

NICOLINI, Davide; GHERARDI, Silvia; YANOW, Dvora. **Knowing in organizations: a practice-based approach**. ME Sharpe, 2003.

NOGUEIRA, M. L. **Mobilidade psicossocial: a história de Nil na cidade vivida**. 2004. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, FAFICH.

OLIVINDO, Celina Maria de Souza; MELO, Maria de Lourdes de Salmito Mendes. A gourmetização como prática social no complexo turístico em Barra Grande Piauí Brasil. **Gestão & Regionalidade**, v. 39, 2023.

PASSOS, Janaína Sousa Loureiro; BULGACOV, Yara Lúcia Mazziotti. Da Filosofia para os Estudos Organizacionais: o percurso ontológico de Schatzki na teoria da prática social. **Revista pensamento contemporâneo em administração**, v. 13, n. 1, p. 1-15, 2019.

PEREIRA, Bruno César; GILLIES, Ana Maria Rufino. Festa Junina da Travessa X: Notas Sobre Sociabilidade. **Em Tempo de Histórias**, v. 1, n. 40, 2022.

PINK, S.; MACKLEY, K. L.; MOROȘANU, R. Researching in atmospheres: video and the 'feel' of the mundane. **Visual Communication**, v. 14, n. 3, p. 351-369, 2015.

POSSAS, Miriam de Castro. **Nas sombras do grupo galpão: compreendendo o *organizing* e sensemaking em um grupo de teatro.** 2015. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Gestão e Negócios, Universidade Federal de Uberlândia, [S. l.], 2015.

POZZEBON, M.; PETRINI, M. Critérios para condução e avaliação de pesquisas qualitativas de natureza crítico-interpretativa. **Pesquisa Qualitativa em Administração: fundamentos, métodos e usos no Brasil**, p. 51-72, 2013.

**PREFEITURA MUNICIPAL DE ESTÂNCIA. Plano de Governo 2021 – 2024.** 2021. Disponível em: <https://www.estancia.se.gov.br/Handler.ashx?f=f&query=658a09f9-89e5-41b5-aefd-99d9105ecb95.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

**PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACAJU. Educação: Plano Municipal de Cultura de Aracaju está em fase de adiantamento.** [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.aracaju.se.gov.br/educacao/index.php?act=leitura&codigo=51874>. Acesso em: 10 out. 2023.

RAMOS, Luan Lacerda. **Materialidades e simbolismos do Barco-de-fogo em Estância/SE.** 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

RANGEL, Lúcia Helena. **Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história.** Publishing Solutions, 2008.

RECKWITZ, Andreas. Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. **European journal of social theory**, v. 5, n. 2, p. 243-263, 2002.

REZENDE, Lara; DE OLIVEIRA, Josiane Silva; ADORNO, Euna Cristina Lima Mendes. Compreendendo o Corpo a partir das Práticas de Organização: Etnografia de uma Organização Artesanal. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 17, n. 1, p. 35-53, 2018.

RIBEIRO, Heloisa. Rotas da fé: Festas Juninas. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 24-35, 2002.

ROULEAU, L. Studying strategizing through biographical methods: narratives of practices and life trajectories of practitioners. In: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. *Handbook of Strategy as Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, p. 462-476.

RUFINO, Karine Rodrigues; SOUZA, Elnivan; SOUSA LOPES, Luma Louise; JÚNIOR, José; ALVARENGA, Rafaella. Práticas Organizativas de uma Quadrilha Junina Competitiva. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 6, n. 1, 2017.

SANDBERG, J.; TSOUKAS, H. Grasping the logic of practice: Theorizing through practical rationality. **Academy of Management Review**, v. 36, n. 2, p. 338-360, 2011.

SANTANA, Flávio Menezes; AZEVEDO, Denio Santos; NETO, Arisvaldo Andrade Santos. Ativismo Folkcomunicação e Práticas de Resistência das Culturas Populares na Pandemia da Covid-19 em Sergipe. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 19, n. 43, p. 127-145, 2021.

SANTOS, Fabiana Pimentel; DAVEL, Eduardo Paes Barreto. Métodos biográficos para a pesquisa em administração: Princípios, potencialidades, práticas e desafios. **REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 27, n. 2, p. 430-461, 2021.

SANTOS, Flávia Oliveira. **Fazendo renda e tecendo a organização**: um estudo sobre as práticas organizacionais da associação de renda irlandesa de Divina Pastora. Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe. 2022.

SANTOS, Inês Maria Meneses dos; SANTOS, Rosângela da Silva. A etapa de análise no método história de vida: uma experiência de pesquisadores de enfermagem. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 17, p. 714-719, 2008.

SANTOS, Leonardo Lemos da Silveira; SILVEIRA, Rafael Alcadipani da. Por uma epistemologia das práticas organizacionais: a contribuição de Theodore Schatzki. **Organizações & Sociedade**, v. 22, p. 79-98, 2015.

SAUNDERS, M.; LEWIS, P.; THORNHILL, A. **Research Methods for Business Students**. 4. ed. Harlow: Pearson Education, 2007.

SCHATZKI, T. R. On organizations as they happen. **Organization Studies**, v. 27, n. 12, p. 1863-73, 2006.

SCHATZKI, Theodore R. A primer on practices. In: HIGGS, Joy et al. (Ed.). **Practice-based education: Perspectives and strategies**. SensePublishers, 2012. p. 13-26.

SCHATZKI, Theodore R. Peripheral vision: The sites of organizations. **Organization studies**, v. 26 n. 3, p. 465-484, 2005.

SCHATZKI, Theodore R. Practice mind-ed orders. **The practice turn in contemporary theory**, v. 11, 2001.

SILVA, Aline Lacerda Lino da. Os elementos estéticos e estratégicos da gourmetização como prática social na festa junina em Campina Grande-PB. 2019. **Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, Brasil.**

SILVA, Elisa Paes; ANGELO, Elis Regina Barbosa. Festas, turismo e identidade iguaçuana. In: XVII Encontro de História ANPUH-RIO. Rio de Janeiro: **Anais do XVII Encontro Regional de História - ANPUH/RIO**, 2016, s./p.

SILVA, P.S. Fogo no beco que o beco está escuro!?" A confecção dos fogos de artifício em Estância – SE. IN: 30ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA – RBA, João Pessoa/Paraíba. **Anais Eletrônicos**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2016.

SILVA, Antônio João Hocayen da. **Metodologia de Pesquisa: Conceitos Gerais**. Unicentro, 2014.

SILVA, René Marc da Costa. Educação e escola nas Festas da Cultura Popular. **Cultura popular e educação: salto para o futuro**. Brasília: POSIGRAF, p. 191-195, 2008.

SOUSA, Nadiel Cavalcante de; GOMES, Francisco Vinícius Ferreira; BENJAMIM, Eloyse Emmanuelle Rocha Braz; EUFRÁSIO, José Jefferson Gomes. Dialogando com o corpo e os símbolos na festa junina: reflexões para a educação física. **Conexões**, v. 16, n. 2, p. 226-239, 2018.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 37, p. 119-126, 2003.

STONEMAN, Paul. **Inovação suave: economia, estética de produtos e as indústrias criativas**. Oxford University Press, EUA, 2010.

STRATI, Antonio. Knowing in practice: aesthetic understanding and tacit knowledge. In: **Knowing in organizations: A practice-based approach**. Routledge, 2016. p. 53-75.

TSOUKAS, H.; HATCH, M. J. Complex thinking, complex practice: the case for a narrative approach to organizational complexity. *Human Relations*, v.54, n.8, p. 979-1013, 2001.

TURETA, César; ALCADIPANI, Rafael. Entre o observador e o integrante da escola de samba: os não-humanos e as transformações durante uma pesquisa de campo. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, p. 209-227, 2011.

**TURISMO SERGIPE**. Os Festejos juninos em Sergipe são celebrados vibrantes e enraizados na cultura do Nordeste. *Turismo Sergipe*, 11 abr. 2024. Disponível em: <https://turismosergipe.com.br/festejos-juninos-em-sergipe-sao-celebracao-vibrante-e-enraizada-na-cultura-do-nordeste/> -

VASCONCELOS, Marta Chaves. **A relação entre organização e estrutura temporal no contexto da teoria organizacional baseada em eventos**. 2022. Tese (Doutorado em Administração) - Pós-Graduação em Administração, Setor de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 11.ed. São Paulo: Atlas, 2009. 94p.

VIZEU, F. Potencialidades Da Análise Histórica Nos Estudos Organizacionais Brasileiros. **Revista de Administração de Empresas**, v.50, n.1, 2010

WEICK, K. E. **The social psychology of organizing**. Reading: Addison-Wesley, 1979.

WEICK, Karl. **A psicologia social da organização**. Editora Edgard Blucher Ltda., 1973.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### **Atores:**

Nome, Idade, Sexo, Classe social?

Há quanto tempo o senhor/ a senhora participa ativamente das atividades relacionadas à Rua de São João/ ao barco-de-fogo?

### **Artefatos:**

Quais materiais são necessários para o senhor/ a senhora exercer a sua função? Quais materiais representam o evento? Como você consegue eles? Caso falte o que acontece?

O senhor/ a senhora acha que há algo exclusivo da Rua de São João/ do Barco-de-fogo?

Como é o ambiente? Quais os elementos que formam a festa?

### **Práticas:**

O que o senhor/ a senhora faz em sua atividade relacionadas a Rua de São João/ ao barco-de-fogo?

### **Como acontecem as práticas:**

Quanto tempo leva para que essa atividade aconteça?

Quem participa dessa ação, além do senhor/ da senhora?

### **História das práticas:**

Como surgiu a ideia de fazer essa atividade/ esse evento?

Quem criou essa atividade/ esse evento?

As pessoas fazem isso da mesma forma que o senhor/ a senhora? Todos aceitaram fazer dessa forma desde o início?

Há quanto tempo essa atividade/ evento existe? Como o senhor/ a senhora sabe dessa informação?

### **Descrição das práticas:**

Como e onde se dá/ qual o passo a passo das festividades da Rua de São João/ do Barco-de-fogo?

**Continuidade ou descontinuidade das práticas:**

Quais costumes existiam quando iniciou e continuam até hoje?

Quais costumes foram perdidos?

**Surgimento de novas práticas:**

Há modos de fazer sua atividade que você descobriu com o tempo? Como o senhor/ a senhora descobriu/inventou isso?

As outras pessoas também fazem dessa forma?

**Percepção das práticas:**

O que o senhor/ a senhora sente quando faz essa atividade? Qual o sentimento quando você vê o acontecimento da festa/do evento?

**Consideração dos atores quanto aos demais elementos das práticas:**

O que acontece quando algo não sai como o planejado? Como os espectadores lidam com seu trabalho? Quais atividades as pessoas fazem no dia do evento?

## **APÊNDICE B – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO NÃO-PARTICIPANTE**

### **-Pessoas que participam das festividades**

Idade, sexo, onde moram.

### **-Características ambientais**

Arrumação, decoração, costumes comerciais.

### **-Percepção corporal, alimentação, costumes, danças, vestimentas**

Quais comidas são anunciadas e vendidas, tipos de dança e quem dança, roupas e calçados que são utilizados, o que as pessoas fazem ao chegar no local.

### **-Diálogos do público e dos artistas**

Como os atores interagem entre si, quais os assuntos, costumes comuns.

### **-Reações diante dos acontecimentos**

Percepção de tempo, de improviso, quando acontecem coisas inesperadas e como os atores lidam uns com os outros.

### **-Ações dos participantes e seu passo a passo**

Desde o começo das práticas como os atores chegam e o que fazem do início ao fim naquelas práticas para que sejam consideradas práticas dessas festas.

### **-Modo de praticar de diferentes faixas etárias**

Como os jovens e os idosos fazem as práticas e as diferenças do fazer dessas gerações, levando em consideração tradição e inovação

### **-Reações diante de imprevisto e novidades**